

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

CONCEIÇÃO LEMES
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil

Entrevistado – Conceição Lemes (CL)

Entrevistadores – Dilene Raimundo do Nascimento (DR) e Marcos Roma Santa (MR)

Data – 28/11/1996 e 29/11/1996

Local – São Paulo, SP

Duração – 4h17min

Transcrição – Carlos Vinicius e Silva Martinez e Regina Vidal

Conferência de fidelidade – Carlos Vinicius e Silva Martinez e Ives Mauro Junior

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

LEMES, Conceição. *Conceição Lemes. Entrevista de história oral concedida ao projeto A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil*, 1996. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 77 p.

Sumário

Fita 1 – Lado A

Inicia relatando a infância, composição familiar, influência do caráter solidário do pai, as cobranças dos pais, a precocidade, o impacto da morte repentina do pai e o peso da responsabilidade pelos irmãos menores. O término do ginásio; a escolha pelo curso de formação de professores. As dificuldades financeiras das famílias e a mudança para a escola pública. A decepção com o catolicismo e o descontentamento com o curso de formação de professores. O rompimento com a família de seu pai. A influência intelectual da professora de sociologia durante o curso de formação de professores; o ingresso no curso pré-vestibular; a opção pelo curso de comunicação (jornalismo) na USP. Dificuldades financeiras com a morte do pai e a força da mãe em manter os filhos unidos e estudando. Lamenta o excesso de responsabilidade com a família durante a adolescência. A opção por jornalismo, a seriedade durante a graduação, à despeito das frustrações com a qualidade do curso.

Fita 1 – Lado B

Explica a estrutura do curso de comunicação na USP e o porquê da opção pelo jornalismo. Considerações sobre o papel educativo da informação. Seu compromisso de educar e formar os irmãos. A pouca participação no movimento estudantil de oposição à ditadura militar e menciona um episódio em que, por engano, a confundiram com uma estudante envolvida com os grupos de resistência à ditadura; o clima de medo que pairava sobre os alunos na época; a ameaça dos agentes da repressão infiltrados na universidade. O momento de hesitação pela carreira acadêmica; as atividades acadêmicas e extra acadêmicas desenvolvidas no curso de graduação; o ingresso na pós-graduação e o imediato desencanto com as exaustivas teorizações da carreira universitária. O envolvimento profissional com o jornalismo sindical. Ressalta seu compromisso com a transformação; a emoção com o culto ecumênico na Praça da Sé em decorrência do assassinato do jornalista Vladimir Herzog, em 1975; a indignação com a indiferença da turma de pós-graduação diante dos acontecimentos políticos da época. A criação, junto com o marido, do jornal sindical “Hora” na região do ABC paulista; o convívio com os movimentos sindicais do ABC; a importância dessa experiência profissional; a falência do jornal e a ida para a Rádio Globo; as dificuldades políticas e financeiras para estruturar o jornal.

Fita 2 – Lado A

A proposta de uma linguagem voltada para a classe trabalhadora, as matérias mais marcantes e o aprendizado adquirido com o jornal. O trabalho na Rádio Globo; as dificuldades políticas em se ajustar à uma emissora de rádio notoriamente de direita; as conquistas e a abertura de espaço para discussões políticas na rádio; sua liderança nos movimentos reivindicatórios da categoria; a demissão da Rádio Globo e os dois anos de desemprego. Avaliação sobre a mal sucedida greve dos jornalistas de 1979; a falta de compromisso ideológico e ético das pessoas envolvidas no movimento; o desemprego e os primeiros trabalhos, ainda não especializados, como “*free lancer*”; as primeiras matérias sobre saúde, na Revista Nova, o ingresso na Revista Capricho e a preocupação, independentemente do perfil do veículo, em usar o espaço jornalístico de forma crítica, competente e comprometida com mudança. Os anos de trabalho como redatora na

Revista Saúde da editora Abril.

Fita 2 – Lado B

A mudança de chefia na Revista Saúde e o início do descontentamento, que resultaria em seu pedido de demissão. O seu interesse pela Aids, ainda na Revista Saúde e o acompanhamento da epidemia, desde seu início; o primeiro contato com a doença por meio de revistas estrangeiras; as matérias sobre questões relacionadas à Aids e a entrevista com Herbert Daniel. O contato com Stalin Pedrosa, do Grupo Pela Vidda, e a proposta de uma matéria investigativa sobre os chamados tratamentos alternativos contra a Aids; o prêmio Abril de Jornalismo; a matéria sobre Aids, feita sob encomenda pela revista Playboy; as dificuldades na execução do projeto em função das especificidades do público da revista e as particularidades que diferenciam seu estilo jornalístico.

Fita 3 – Lado A

Ainda sobre a matéria publicada na Playboy e a complexidade que envolve a questão; as especificidades do público alvo; as estratégias de convencimento; seu papel como jornalista; implicações éticas das matérias que tratam de saúde; a falta de compromisso da imprensa com as expectativas das pessoas, ao publicizar informações equivocadas e inconsistentes sobre Aids. O interesse profissional pela doença e seu gradativo envolvimento pessoal na luta contra a doença. Longa discussão sobre o papel da mídia na construção do significado social da Aids; crítica à omissão da sociedade civil diante das informações equivocadas sobre Aids veiculadas pela imprensa; o papel político da imprensa. Ressalta aspectos positivos da imprensa, como o compromisso social e a audácia do editor da Playboy que se dispôs a financiar a matéria sobre Aids; a percepção da imprensa como um espaço de mudança.

Fita 3 – Lado B

Longas considerações sobre o papel da mídia e as responsabilidades do jornalista; o alto custo das matérias; a própria complexidade das questões que envolvem a Aids e que tornam mais difíceis a produção de matérias sérias sobre o assunto. A Conferência Internacional de Vancouver e os equívocos divulgados pela imprensa sobre a eficácia do “coquetel anti-Aids”. O impacto positivo do lançamento do “Coquetel” durante a Conferência de Vancouver; o clima de otimismo e esperança da Conferência. Sua crença na qualidade da imprensa brasileira; a defesa dos “protocolos científicos”; o compromisso ético e científico dos pesquisadores e as expectativas dos doentes que esperam ansiosos por tratamentos eficazes.

Fita 4 – Lado A

As especificidades da epidemia da Aids; seu impacto político, ao despertar uma série de movimentos reivindicatórios e tornar possível uma reorientação da relação médico/paciente. A preponderância do perfil dos primeiros infectados, a maioria pertencente à uma elite pensante e ativista, na condução diferenciada da luta institucional contra a Aids no mundo; os possíveis desdobramentos do processo de pauperização da epidemia; o modismo em torno das discussões sobre a doença. Sua experiência profissional com o jornalismo e os aspectos subjetivos inerentes à produção

jornalística séria. O oportunismo que cerca a doença, o número crescente de profissionais que veem na Aids uma oportunidade de projeção; ou mesmo de pacientes, que usam a doença para fazer “chantagem”. Numa reconsideração, exclui a classe jornalística dessa categoria de profissionais oportunistas. Longa discussão a respeito do papel e dos equívocos da imprensa na construção do significado social da Aids; a assimilação e a divulgação pouco crítica de informações, com grande carga de juízo moral, produzidas pela comunidade científica no início da epidemia; a repercussão destes estereótipos na percepção do risco da doença na sociedade em geral. Considerações em torno da polêmica camiseta produzida pelo Grupo Pela Vidda para marcar o Dia Mundial de Luta Contra a Aids: uma estampa envolvendo o Sagrado Coração de Maria em uma camisinha, despertando a indignação do prefeito da cidade do Rio de Janeiro, César Maia, que, como católico, entrou na justiça para proibir a distribuição da camiseta.

Fita 4 – Lado B

Reflete a respeito dos objetivos de uma campanha tão provocativa e, mesmo, agressiva para os católicos; os riscos de campanhas que são elaboradas em cima de símbolos religiosos; os equívocos das campanhas preventivas calcadas no discurso da abstinência sexual e da fidelidade. Considerações sobre o crescente índice de contaminação de mulheres que não apresentam o chamado “comportamento de risco”; as diferenças geracionais na percepção da doença e dos riscos de contaminação. Menciona a pesquisa feita pelo Ibope para dar suporte à matéria da Playboy mostrando que os adolescentes formavam o grupo que mais usava preservativo. Menciona o uso de um broche, que representa a luta contra a Aids, como uma atitude pessoal de desmistificar a doença. Os critérios para a seleção de seus consultores. Sua avaliação sobre a relação entre as Ongs/Aids, os órgãos oficiais e os laboratórios privados.

Fita 5 – Lado A

As implicações, na própria autonomia destas instituições, do maciço financiamento do governo. O financiamento oferecido pelos laboratórios farmacêuticos e exemplo para mostrar os desdobramentos deste tipo de dependência financeira. Menciona sua participação num Comitê Científico do Programa Nacional de DST e Aids; a baixa qualidade de parte dos projetos enviados. Questiona os critérios de avaliação do Ministério da Saúde; seu compromisso pessoal em fazer uma avaliação justa; a interferência dos interesses políticos no processo de distribuição de financiamento.

Data: 28/11/1996

Fita 1 – Lado A*

DR - Hoje, dia 28 de novembro de 1996. A gente está dando início à entrevista com Conceição Lemes. Participando dessa entrevista Dilene Raimundo do Nascimento e Marcos Roma Santa.

Conceição, a gente queria começar você contando prá gente, é... quando você nasceu, onde você nasceu, como é que foi a sua infância, sua família... Na verdade é dar um panorama prá gente da sua...

CL - Da minha história, né?!

DR - Da história pessoal, familiar!

CL - Tá, Tá...Eu... eu nasci aqui em São Paulo mesmo em 2 de junho de 61. É...Eu sou a filha mais velha de quatro, irmãos, eu tenho três irmãos e... eu sou a mais velha. ÉÉÉÉ..... (*ônibus*). Em relação a minha infância, acho que ela foi assim, ééé.....ééé...

DR - Dizer que(?) seu pai fazia o quê? Sua mãe?

CL - Isso, isso. Minha mãe, minha mãe, minha mãe é dona de casa né?... Meu pai era engenheiro eletrotécnico, não é? E... e uma coisa que ficou muito clara assim desde que eu era pequenininha era muito engraçadinha, quando mais eu contava aquela história, é que... eu não era rica, né? Eu não nasci em família rica, era uma, era e... meu pai batalhava prá burro, na época meu pai trabalhava e nós éramos quatro e...então a algumas coisas ficaram, foram assim, como é que se fala? Foram se sedimentando desde pequena, não é? É assim. É meu pai, é... a minha mãe não era uma pessoa participante, das coisas, né? Era aquele estilo de dona de casa mesmo, né? Meu pai também não participante, mas assim meu, meu pai tinha um lado muito assim de solidariedade. Minha mãe tinha, né, mas meu, meu pai é, por exemplo, não sei se prá mim era...

DR - Parecia mais no seu pai?!

CL - Pa, parecia, parecia mais no meu pai.

Então é... então isso foi um lado que ficou desde pequena eu fui assim, eu sempre fiz, isso foi ficando muito claro prá mim, né. Eu via ... por exemplo, meu, eu morei, eu morei, eu passei a minha infância uma parte dela aqui em São Paulo até 4 anos. Ah...

DR - Em que lugar de São Paulo você morava?

CL - Eu morei no Brás, eu nasci no Brás, aí depois eu fui prá Campinas, morei um tempo em Campinas, porque meu pai foi transferido prá Campinas e com 7 anos eu voltei prá São Paulo, tá.

É... aí quando eu voltei prá São Paulo eu vou, fomos morar com meus avós lá na Vila Guilhermina é assim, já é ponta da zona leste, não é, é bem zona leste mesmo (*campainha*). EEE... (*INTERRUPÇÃO DA FITA*).

* LEGENDA:

Palavra sublinhada: demonstra ênfase na fala.

(?): palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

CL - E aí voltando né quer dizer... ÉÉÉÉ...Então eu e, duas coisas como eu tava te falando ficaram muito claras prá mim essa questão da solidariedade que meu pai era uma pessoa super-prestativa, né e meu pai era uma pessoa, por exemplo, em Campinas eu lembro nós morávamos ao lado de uma família de negros, né? Meus melhores amigos eram aquelas crianças negras, vire e mexe eu chegava em casa toda cheia de ranho, sabe aquela coisa de criança, que criança não tem ééé, que criança não tem preconceito e como os meus pais não tinham, não é. Então eu acho que é uma coisa que houve..., eu tô pensando isso pela primeira vez, tá? ... então foi uma coisa que eu acho que éé de uma certa forma éé me marcou não é? Então, meu pai era uma pessoa assim que ajudava as pessoas. Meu pai era uma pessoa que éé... tem uma coisa que eu lembro do meu pai até hoje... ééé... (*tosse*) puta, eu lembro dessa história de ouvir, né? Eu não presenciei. Nós morávamos em Campinas ele tava num ... num restaurante com uns engenheiros lá cantando, almoçando, jantando, aí passa uma menininha na porta, ou na janela sei lá, na porta, aí o gar... um molequinho né, criança pobre querendo acho que... pena, aquela situação que a gente vê o tempo inteiro, e aí o garçom foi lá fora e deu um esporro no molequinho. Meu pai pegou fez o seguinte: levantou (equipe) foi é... do lado do restaurante tinha uma loja super-chique de criança, meu pai foi vestiu o menino da cabeça aos pés e levou prá sentar na mesa com ele (*sic*), tá? Então. Uma coisa é certa né? Então, são coisas que eu fui ouvindo desde de criança, então isso ééé... essa coisa de... né? De ajuda de... sabe então, foi uma coisa que sempre fez parte não é da... da minha, da minha história... da minha vivência.

CL - E uma outra coisa que para mim ficou.. ficava sempre clara...

DR - Sim!

CL - Meu pai não era rico, não é? Então eu tinha que éé... eu tinha que estudar não é? E aí meu pai exigia e eu era a mais velha, aí minha mãe exigia de mim tudo não é? Tudo! Tudo, tudo ...

DR - Ela não pedia a sua ajuda?

CL - Eu era ajudante dos outros! Né?!

DR - Dos outros.

CL - E é uma coisa que... hoje analisando, isso eu já discuti inclusive com um pessoal de, de... uma vez, de psicoterapia, uma coisa que me marcou demais porque eu nasci, eu fui obrigada, a crescer com muita responsabilidade, eu não podia falhar, eu tinha... sabe? Não me dava abertura ee... quer dizer até entendo porque meu pai fazia a, aquilo né, ele queria que eu tivesse uma saída, ele falava prá mim: “Olha, você é...”, houve um tempo que ele deu aula. Ele falava assim: “Olha, você vai ser tudo na vida, menos professora. Você não vai ser professora porque vai ser vão te sacanear, vão te...”, isso naquele tempo, “não valorizam o professor, o professor sempre é o culpado e professor... sabe, professor que não têm espaço prá nada, né? E...”

Aí (*risos*), eram coisas que foram, que foram ficando, né? Então eu acho que isso ééé... me marcou demais, demais. Porque eu cresci, eu acho que cresci antes sabe, um pouco antes do tempo, né?! Porque é assim eu brincava, eu fazia todas coisas, mas, (*suspiro*)... era, quer dizer, era uma responsabilidade muito grande, eu tinha que dar

exemplo pro meus irmãos, não é?! Quer dizer não era só por mim, não é? E meu pai deixava isso claro prá mim, que eu tinha essa responsabilidade, não é. Tanto é que, por exemplo, éé...é quando eu tinha ah, ah... 14anos, meu pai morreu, não é? Ele morreu de repente, aí ficou minha mãe, quer dizer, com nós quatro, eu tinha é, eu era a mais velha quatorze (*sic*), eu tinha um irmão de 12, um irmão de dez e um irmão de oito/nove, não é.

Então aquela coisa prá mim se tornou muito mais éé... quer dizer ah, é eu tomei prá mim a incumbência né de que eu teria que fazer alguma coisa por eles todos... não é?

E então eu, eu, eu lembro que... foi com quatorze anos eu tive que tomar uma decisão assim éé... eu pensava, eu tava na 4ª série, não é? Estudava num colégio de freira e eu falava assim, eu pensava assim, éé... eu... no... “Colégio de freira eu pagava...”

DR - 14 anos você tava na quarta série...?

Todos - Ginásial?

CL - Na 4º série ginásial!

MR - Ginásio.

DR - Hum, hum.

CL - Quarta série ginásial (*Tosses*).

CL - Meu pai morreu em março, não é, então eu ter... eu tava terminando a 4º série e eu falei: “Bom, o que eu vou fazer? Eu vou fazer clássico, científico ou normal?”

Eu não sabia o que eu ia fazer, eu não sabia, não é? Quer dizer, eu não tinha, eu não tinha parado prá, quer dizer, pensar ainda, não é? Meu pai falava assim: “Ah! Vai ser médico, vai ser outra coisa, vai ser qualquer...” Enfim...

DR - Menos professora?!

CL - Menos professora! Ele não queria que eu fosse professora.

E né, aí eu falei: “Putá, o que eu vou fazer? Não é? Que decisão eu tomo?”

Aí o que que eu fiz, eu pensei e falei: “Bom, é o seguinte éé...” Eu não gostava de dar aula. Nunca tive aquela coisa de normalista, sabe?! Eu nunca tive isso. Mas eu tive que pensar em termos bem pragmáticos, né?! ÉÉ...eu... não...eu falei: “Sabe eu vou fazer o seguinte, eu faço o normal, não é o que eu, não é meu sonho, se eu faço o normal depois eu vejo o quê que eu vou fazer da vida. Porque pelo menos eu tenho uma profissão!

MR - Uma profissão.

CL - Não é?!

MR - Prá ajudar em casa?!

CL - Prá ajudar em casa.

MR - Claro.

CL - Tá! Então foi assim que eu raciocinei.

E paralelamente a isso, éé... eu felizmente vivi numa época em que o ensino público era muito bom, muito bom e, aí eu... falei: “Ah...eu vou sair do colégio das freiras, não é? Prá par... eu vou sair do colégio das freiras e conforme for eu vou sair do colégio da Freiras e vou pro Estadual da Penha.

Só que prá você passar naquele vestibul... naquele exame que tinha era uma loucu-ra era su-per di-fí-cil, su-per difícil. E eu éé...falei: “Ah, vou fazer.” E fui fazer o exame. Passei, passei em 2º lugar, passei super bem. E aí eu cheguei lá nas freiras e falei: “Olha, falei prá irmã simples eu só vim buscar os meus documentos, eu vou pró colégio eu vou pró Estadual da Penha.”(e a freira respondeu:) “Mas como?!” (*Conceição Lemes replicou*) Eu falei: “Ah! Porque eu não tenho como pagar a escola. Eu vou pró Estadual da Penha porque eu não tenho, minha mãe não tem grana prá, pra me sustentar aqui, então eu vou prá lá!” E a... e a freira falou assim: “Mas Conceição, você é uma ótima aluna, não seja por isso, nós vamos te arranjar uma bolsa, que nós queremos que você fique... e não sei o que...” Eu falei: “Não, agora eu já tomei a decisão e vou.” Porque o que eu raciocinei na época, eu falei: “Putá, se eu era boa aluna, se eu era não sei o que, se eu era não sei o que, por que não me deu?”

MR - Claro.

CL - Fez a minha mãe pagar aquele ano inteiro sabendo que eu tinha ficado sem pai? Não é?! EEE... e aí foi assim. Foi muito engraçado porque tinha uma irmã que eu gostava demais dela, demais, demais dela. Ela, inclusive na época, fazia curso, acho que na P.U.C(*de São Paulo*), alguma coisa assim, a freira. E... quando ela soube... (*barulho*)

Uma vez eu tava, eu encontrei-a, é encontrei a e mais não sei, e enfim (?) ela e mais três irmãs na rua, ela virou a cara prá mim. As outras ficaram sem graça né?

DR - Por que você saiu do colégio?

CL - Porque eu sai do colégio, né? Então eu falei: “Putá...” Aí sabe quer dizer porque eu fui educada, não é? Dentro da Igreja, da chamada Igreja Católica, dentro da né... puta... é isso né... eu já não... Eu lembro das coisas que foram me acontecendo na vida.

Uma vez (*ri*), numa das aulas eu tinha aula com uma irmã chamada Apolônia, ela dava aula de religião né. Aí a irmã tava contando sobre o dilúvio, não é? Que as espécies se acabaram, aquele fogo todo do dilúvio (*sic*). Aí eu falei: “Mas, irmã, e os peixes? os peixes não acabaram porque os peixes vivem na água?! (*risos*).”

MR - Genial! (*risos*)

Eu acho genial isso o que você fez (!)?

CL - Não, porque é aquela coisa de criança, sabe? De que é aquele negócio o maior desafio prá mágico é criança, porque adulto não pega. Criança... mágico odeia quando tem criança perto, porque criança saca a, as coisas.

MR - A malandragem!

CL - A malandragem, óbvio!

Enfim, então e, eu... embora eu tivesse sido educada né o tempo inteiro. Então aquelas coisas foram, sabe, me afastando. E quando a freira fez isso eu falei: “Putá... não é nada disso” Ainda falei com ela: “Isso que é Igreja? É isso que é religião? É isso que não é?”

Fui pró Colégio Estadual da Penha, fiz o normal. É... odiava o normal, odiava o normal, odiava porque eu não gostava. Eu nunca tive saco, se eu pegar uma reportagem eu refaço mil vezes e entrevisto a pessoa mil vezes, vou e volto. Agora, se você me pedir, prá fazer um negócio tipo florzinha, bonitinho, não me peça. Eu sou péssima!

E o normal naquele tempo, não sei hoje, era assim: aquela coisa tudo bordadinho, florzinha prá cá, uns negocinho bonitinho, eu não tinha... aquilo não era a minha meta de vida. Eu sabia, na minha cabeça, desde o começo que aquilo era um trampolim. Era muito, muito, muito, muito claro na minha cabeça. E aí...éé...eu no 2º ano normal, eu tive, uma professora de Sociologia que foi super importante, na... asssim... prá mim pensar... é... pró chamado lado social. Por que eu tinha aquele lado social, mas assim, aquela coisa é... meio intuitiva, meio que... você tem da tua natureza ou pela família, não é?

MR - Ou pelo exemplo do pai?!

CL - É do meu pai.

MR - (??)

CL - Do meu pai. Por inclusive depois teve o golpe...

MR - (??)

CL - Era uma coisa, meu pai era diferente dos meus tios, não é?

DR - Irmãos dele?!

CL - Irmãos dele. Era super diferente. Meu pai se tivesse que sen... sa... conversar com alguém meio fodido (*sic*) meu pai conversava. Meus tios não, meus tios eram todos assim... *bagh!* Em tudo né? E... Tanto é que eu me afastei do meus tios, depois que o meu pai morreu. Me afastei, porque éé..... uma semana depois do meu pai ter morrido um deles começou a criticar o meu pai, criticar o meu pai ee..., nunca falei nessas coisas prá ninguém(*ri*), é...começou a criticar o meu pai ee... eu lembro que eu fiquei muito puta, não é? ... falei que não adimitia, sabe? Quer dizer se meu pai tinha aquele jeito dele era ótimo, era o jeito dele, sabe? Então ele ficasse na dele. E eu sei que depois disso eu rompi, sabe?! Assim rompi com quatorze anos. Eu cheguei a ver meus tios depois até minha vó morrer, minha vó, eu tinha uns dezoito anos, eu os via esporadicamente. Depois eu não os vi mais, não os vi. Foi uma coisa, ee...você me pergunta: “Você se arrepende?” Eu via.

DR - Via em reunião de família na casa da sua avó?

CL - É... isso. Porque minha vó, minha vó, minha vó tava doente na época, minha vó tava com um derrame, né? Então ééé... e depois não, né e depois não... ee..... e eu não me arrependo, sabe, eu não me arrependo, porque eu sempre tive que conviver com o seguinte né. Meus irmãos, eu tive um irmão meu que é mais assimim... mais aquele lado

de sumir éé: “Ah Conceição, acho que vamo perdoá.” Ele o tipo daquela pessoa que: “Você sabe que aconteceu isso, isso e isso...” (o irmão replicou:) “A não! É(??)...” Pera lá! Sabe eu vivi, prá mim foi duro, com quatorze anos ter que enfrentar isso, né. Foi duro prá mim, então eu não quero(*ruído*) nem saber! Sabe é aquilo que eu falo prá eles prá esse meu irmão até hoje, ah... eles nunca chegaram prá nós e perguntarm: “Tá precisando de alguma coisa? Precisa de um caderno? De um lápis?” Nunca!

Então me diz como é que eu posso? ÉÉ... é a mesma coisa da Igreja você percebe?! Como é que eu posso? Eu acho que as coisas na vida são um (?)né (*buzina*), e então como é que eu posso? Então eeu, sabe, eu não me arrependo, não me arrependo disso não, sabe?! Eu... eu... acho que minha mãe fica às vezes, fica meio braba comigo, né? Ee...,por exemplo, quando eu ganho alguns prêmios por aí éé, houve assim uma certa coisa de aproximação, não é? Eu falei: “Eu não! Tchau! ” Sabe?(*Os parente brigados*:) “Pô legal tá tudo bem!” (*Conceição replicou*:) “Tá!” Fiquei na minha, sabe eu não...

Enfim, mas voltando, eu vou e volto (*risos*).

MR - É ótimo!(*risos*)

CL - Eu vou e volto. Bom... Aí, essa professora de Sociologia, ela chamava-se Ivete. Ela é professora que eu hoje gostaria de rever, porque ela foi muito importante, né. ÉÉ... foi com ela que eu li meu primeiro livro de Marxismo, eu li um livro do, do Leandro Konder. Era um livro grossinho assim, pequenininho. Acho que toda aquela geração leu aquele livro do Leandro Konder (*risos*).

E eu lembro que na época né, e... eu não entendia nada! Absolutamente nada! Mas aquele negócio discutir lance de justiça e não sei o que, falei assim: “Putá, é por aí né...”. E aí é, a professora Ivete pediu prá mim fichar o livro. Eu falava, falei assim: “Fichar um livro, fichar é um negócio assim tem que ser em ficha (*risos*). Fichar em ficha.”

Eu sei que todo mundo entregou um trabalho assim com laço tudo bonitinho. E no meu grupo eu falei: “Nós vamos entregar com ficha, ela falou fichar, é ficha...” Entregamos. Aí em ficha, bonitinho, mas em ficha, aí ela... as meninas tavam se borrando, né? O que falavam: “Você vai ser culpada!” (*risos*) Conversinha: “Você não mudou nada” “Não gente deve ser desse jeito...” Porque na cabeça de todo mundo era aquela coisa bonitinha, aquela coisa de normalista mesmo, né? Aí eu..., aí entregamos, aí ela me, falou do trabalho disse que era legal... porque ela incentivava na verdade, a gente porque ela. Não tava preocupada em criticar, que era ruim não sei o que, sabe? Ela queria mais que, que a turma lesse, tivesse um contato com tudo aquilo. Aí no final ela disse: “Olha, se nós tivéssemos numa faculdade o único trabalho que seria lido seria o de vocês.” E apontou pró nosso grupo. Aí foi a maior festa né? Foi muito legal porque... e era uma coisa assim entendeu? Eu falei: “Putá, então pelo menos aí está o meu caminho, né?!”

Então foi uma coisa de..., sabe quer dizer éé... de, de abriu! Sabe?! O meu caminho. E quando eu terminei o 2º, quando eu tava terminando o 2º ano normal, eu, eu falei: “Bom, agora eu vou pensar o que eu vou fazer da vida...” Eu também não sabia o que ia fazer depois, mas eu falei: “Bom, eeuu vou prestar...” Naquela época, o Objetivo naquele ano de... 1979, o Objetivo começou curso de pré vestibular. Foi o primeiro ano que ele fez em um ano, aqui lá alí na Tomaz Gonzaga... na Liberdade(*suspiro*). E fizeram um puta assim um... negócio de bolsa de estudo, um negócio que encheu com, com oo... o Corinthians, puta... era assim, era estudante em tudo que era lado prá concorrer a bolsa. Aí eu concorri a bolsa e ganhei a bolsa e eu pedi prá Humanas. Aí eu

tinha, aí não dava porque eu não tinha grana prá fazer o cursinho, né. Aí eu fazia o normal de manhã, 3o. ano normal de manhã.

ÉÉ... era assim: eu... eu entrava no normal sete e meia (7:30) e saía onze e meia (11:30) / meio-dia (12:00). Às quatro horas eu saía da Penha, vinha prá Tomas Gonzaga tinha uma aula que começava seis e meia (18:30), tinha aula até onze e meia da noite (23:30), onze e meia, onze, onze e meia. E voltava prá Penha meia-noite (00:00), meia noite e pouco, quando eu chegava na Penha. Porque naquele tempo, hoje você faz esse trajeto de ônibus em uma hora, de mêtro meia hora. Mas naquele tempo era assim, era absurdamente longo, né?! Era muito longe o caminho.

Enfim, isso um ano inteiro. Aí... e lembro que... no terceiro ano. Aí chegava você já não tinha o normal, sabe aquilo FODA! Sabe, era só prá eu acabar mesmo, né. Eu levei aquele terceiro ano assim, sabe desesperador prá mim, né. E assim éé... enquanto todo mundo tava curtindo o, a formatura tá, tá, tá, tá... Eu tava é preocupada com meu vestibular. E aí eu fiz... ah bom, aí começou minha decisão, né. Primeiro eu fui prá Humanas. Falei: “O que eu quero fazer é Humanas!” “Aí bom, que curso eu vou fazer.” Eu falava assim: “ Eu quero fazer alguma coisa que tenha alguma ligação com gente.” Sabe, é uma coisa que vinha na minha cabeça: “Com gente!”

É eu cheguei a pensar em História, cheguei a pensar em Assistente Social. Só que naquela época tava começando... os cursos de Comunicação tavam começando (??)seis sete, setenta e sete... Eu acho que eu vou vou... aí vou tentar. Aí as minhas amigas na época falaram assim: “Mas Conceição Comunicação têm muita gente prá uma vaga, né? Era um curso, na época, disputado. Hoje é disputado né?... Ah, não, tudo bem pode ir (*sic*)! (INTERRUPÇÃO DA FITA).

CL - É a, aí eu falei: “Mas!” Aí eu falava, aí eu fiquei conversando com uma colega e falei: “Geografia? História?” Eu falei: “Mas eu quero uma coisa assim diferente!” Eu não sabia bem o quê que era, eu não tinha... Eu achava assim excitante a idéia de Jornalismo, de Comunicação. Sabe eu não sabia o quê que era(*tosses*) mas... alguma coisa. Porque eu acho que é assim com dezoito anos, né? Você não tem, eu acho que dezessete anos você é tão novinho prá decidir o teu destino né? Eu acho no fundo uma puta sacanagem você ter que resolver a tua vida com dezessete anos. Por que a gente, né, vai prá onde? Vai ser médico vai ser não sei o quê... É acho que é muito ingrato, não sei?! Eu acho que tem que ter uma outra distribuição de vida aí(*ri*) prá né(*solução*). Ser pelo menos com uns vinte, vinte e dois, mas com dezessete, era muito. E aí fiz o cursinho, fiz vestibular...

MR - E optou por Comunicação?

CL - Optei por Comunicações. Aí eu prestei Comunicações na U.S.P. e... na, e fiz é Geografia na P.U.C., na P.U.C não tinha Comunicações na época. Fiz Geografia na P.U.C.. Eu gostava bastante de Geografia. Falei: “Ah! Vamos vemos, né, no que que dá?!”

Aí eu passei em Comunicações, tanto é que eu não terminei o vestibular da P.U.C., né? E só comecei porque era éé... porque quando saiu o resultado a gente tava começando... quando saiu o resultado da U.S.P. a gente tava começando o vestibular da P.U.C.. Aí eu larguei.

E aí quer dizer, aa... eu lembro que... assim na, no meu, na minha festa de formatura que era muito engraçado, né? As meninas chorando, todo mundo já noiva, ficando aquela emoção, é, de emoção, chorando. Aí algumas ficaram noivas naquele dia, puta, aquela coisa (*risos*)...

DR - Era uma festa!

CL - Era uma festa!

MR - Era uma coisa!

CL - É! (*risos*)

E eu ria, né? Eu tava feliz da..., eu tava noutra, sabe?! Porque eu já tinha entrado na faculdade, eu já tinha entrado na faculdade. Então prá mim era um, não é, aquilo ali, puta eu achava aquilo ridículo. Era meio assim, não é que eu achava ridículo, não era o a minha, né. Era meio estranho, né? Eu achava assim muito boba, aquela, chorando...

DR - Não era isso que te emocionava?

CL - Não! Isso não me emocionava!

Aí eu fui fazer, fiz o curso de Comunicações. E de cara, aí o primeiro ano é comunicações, e no segundo ano você fazia a opção. Aí eu optei por Jornalismo(*espirro*) e aa... puta, vocês vão pegar tanta coisa do baú, gente. ÉÉ...

DR - Só, só uma pergunta...

CL - Fala! Vai!

DR - Pode falar?

CL - Fala!

DR - Você tava falando que depois da morte do seu pai, a situação de vocês ficou...éé ruim, pior, não?

CL - Ficou complicada!

DR - Então há outro sustento mesmo.

CL - É porque...

DR - Mas é mesmo com isso deu prá você estudar sem precisar trabalhar?

CL - Sim! Porque foi assim, meu pai deixou um seguro. Com o seguro, o que minha mãe fez minha mãe comprou uma casa. Então era assim minha mãe comprou a casa agora... aí... e a, e a gente tava com a pensão da minha mãe, porque a minha mãe queria, minha mãe falou assim : “Vai estudar! Vai estudar!”

MR - Das aquelas mulheres de fibra?!

CL - Minha mãe é!

MR - Que segurava a onda?!

CL - Minha mãe, minha mãe sempre foi!
Não é minha mãe sempre foi! Minha mãe...

MR - Ela não tinha como característica forte, digamos assim, esse espírito de solidariedade do seu pai?

CL - Não!

MR - Mas ela tinha uma outra coisa positiva...?

CL - Não!

MR - Que era...?

CL - Não! Era super-forte, super-forte!

MR - Que era segurar segurar as barras?

CL - Tanto é que, por exemplo, os meus tios, e aí foi uma coisa que eu fiquei muito puta com eles, eles queriam colocar a gente em internato...

MR - Caramba.

CL - Ela não de... ela, falou: “Não! Vou ficar!”

Então, por exemplo, eu não tinha roupa, né? É assim e também tinha outra coisa: Sempre, achavam que eu fosse crescer, sabia? (*risos*) Minhas roupas, é aquela coisa, como eram grandes (??) Então era eu virava, virava a cintura, eu não tinha roupa, eu não tinha roupa de fim de semana. Eu tinha é o uniforme da escola, não é.

Eu tinha, eu lembro que tinha um *tailleurzinho* bonitinho, vermelho antes do meu pai... morrer. Aí quando o meu pai morreu minha mãe não deixou eu usar aquilo durante um ano (*risos*), sabe?!

DR - A grande roupa.

CL - Era a minha grande... Não podia, minha mãe não deixou durante um ano ir à bailinho.

Então eu... você vê que é... Eu na realidade eu não tive adolescência, não é, e é uma coisa que eu sinto né, eu sinto muito né, porque eu não tive a chance de fazer a sacanagem que o jovem normalmente faz. Eu não tinha abertura, porque eu tinha que dar o exemplo né. E aí depois e ainda meu pai morreu, pior ainda.

Eu pegava meus irmãos, meus irmãos não queriam estudar eu batia nos meus irmãos(*risos*), eu dava surra nos meus irmãos e meus irmãos eram mais altos do que eu. E eu ia atrás dos meus irmãos é... no clube é prá buscá-lo prá estudar, não é. E todos eles se formaram (*risos*), todos eles forma (*risos*).

DR - (?) (tossi)

MR - E respeitando você?

CL - Não sei? Se respeitando ou não, mas todos eles se formaram. Isso aí é derrespeito

ou não... (*risos*)

Mas a minha mãe sim, sabe quer dizer, é aquele negócio meu pai tinha esse lado de solidariedade, minha mãe é, mas éé uma... eu não sei te ex..., é uma coisa diferente, sabe?! Era um... e... eu acho que é assim ééé... éé a, é aquela coisa da mulher ter sido educada prá ficar mais quieta prá ficar, mas ela era muito forte, sempre e é até hoje muito forte, não é.

Então ela falou: “Vocês vão estudar!” Não é? Eu lembro que às vezes a gente não tinha a... sei lá... Não tinha, tinha... aa grana era super-curta, não tinha cinema não tinha nada, não é.

Aí tem o outro lado ee... Não tinha eee... E aí, bom é isso, né, o que mais? ÉÉÉ... Bom aí eu fui fazer...

MR - Você foi prá P.U.C.!

CL - Não, eu fui prá U.S.P.!

MR - Pa, prá...

CL - Prá U.S.P..

MR - Prá U.S.P. e optou pro Comunicações...

CL - Jo... Jor...

MR - E por Jornalismo no segundo ano, a partir do segundo ano. Como é que foi esse curso?

CL - Eu, éé... eu acho assim... Eu, o curso, ele... Hum?!... Como todo curso de acho que de Comunicações ele deixa, ele te frustra as expectativas, não é. Ele te frustra porque você vai idealizando, tô acompanhando aqui, você vai imaginando que, que você vai aprender técnicas. Então se hoje, se na..., se hoje é difícil naquele momento era muito mais difícil porque o curso tava se estruturando na época.

Mas enfim eu fui levando, fui levando o curso numa... numa boa eu estudava, fazia o que eu podia fazer e... e aí eu lembro que eu tinha, que eu tinha resolvido...

DR - Isso em que ano foi?

CL - É, eu entrei na U.S.P. em 70 (setenta), me formei em 70(setenta)..., 76 (setenta e seis), 1973 (setenta e três), eu nunca tomei pau (*risos*). Eu nunca tomei pau! E...

DR - Nem podia né?

CL - Não! (*risos*) Foi um (?)! (*risos*)

Mas olha vou dizer eu acho que era preferível ter levado. Sabe assim, eu sempre faltou, sabe de... e... eu acho que é... eu fui obrigada a ser muito séria e hoje éé... eu acho que isso não é legal. Sabe, eu tinha que ter um pouco, eu não tive a chance de... num dá. Teve um irmão que... sabe?! Que... é... é...e é... mexe com planejamento urbano. Cada um fez a... a sua loucura por aí, né.

Teve um que foi prestar vestibular aí, ficou esse... esperando prá fazer vestibular, aí dormiu, não fez o vestibular. Dormiu (*risos*), enquanto esperava lá...

DR - Na porta?

CL - Na porta! Lá da U.S.P., coitado!

Que a gente vinha da Penha, né? Puta, era uma viagem. Na... da Penha!

Fita 1 – Lado B

CL - O que era engraçado... Já ligou?

DR - Já!

CL - O que era engraçado era o seguinte... eu... tá... é, que eu... morava na Penha chegava na hora e o pessoal que morava do lado chegava atrasado! (*risos*) Era uma viagem, era uma viagem.

Vire e mexe eu tava com a, com a testa roxa, porque eu dormia (*risos*). No ônibus lá com a maior cara de pau, puta duas horas.

É assim eu tomava o ônibus na Penha, descia no Largo da Concordia e depois do Largo da Concordia tomava um Cidade Universitária, né. Então foi de volta isso.

E eu éé..... Bom, aí eu fiz o, o (*espiro*) Jornalismo, quanto terminou...

DR - A opção era no segundo ano?

CL - Segundo ano!

MR - Esse primeiro ano é núcleo comum.

CL - Exatamente! Depois é que você fazia a opção. Você optava de cara, Comunicações ou Artes, tá? Artes era a... Teatro, Cinema, e... Teatro/Cinema e Artes Plásticas. E Comunicações era Relações Públicas, é... Jornalismo, Propaganda, Rádio e Televisão, não é? Tão você tem... primeiro você tinha uma primeira divisão, não é? Primeiro você tinha os primeiros seis meses comum, aí depois começava a dividir, dividir, dividir, dividir0, né. Então eu fiz, fiz, fiz o Jornalismo e houve um momento na minha vida...

MR - Agora não ficou...

CL - Vai, vai, vai... vai, vai, vai...

MR - Não ficou muito claro prá mim, pelo menos pra mim não ficou é... o que foi que fez, com que realmente, você optasse por Jornalismo e não, por exemplo, por... Propaganda, por Televisão ou qual, qualquer coisa do gênero? O que atraía tanto...?

CL - Por Humanas...

MR - Não, Humanas tá claro! A questão da gente...

CL - Influência da professora Ivete.

MR - Isso! A questão de trabalhar com gente, etc. Agora o por quê, de optar, especificamente, por Jornalismo?

CL - Publicidade não tinha (*tosse*) nada a ver comigo, tá?

MR - Hum!

CL - Tá!

MR - Você percebeu isso logo?!

CL - Logo! Por que...

MR - A questão do Marketing...

CL - Propaganda não tinha nada, não tinha Relações Públicas idem, não tinha nada a ver comigo. Então eu percebia que o Jornalismo era uma forma de você ajudar a transformar, de você mexer, com aquelas coisas, não é? É quer dizer, era uma coisa utópica, né? E na qual eu acredito até hoje, embora o jornalismo virado salsicharia, eu acredito nisso até hoje.

Então eu acho que essa, essa coisa de você, de você mexer, de você... de você ajudar. Porque eu acredito na informação que ela tem esse papel de educação também. Então acho que foi muito por aí, não é. Televisão mesmo... Naquela época é, televisão não era a ... um... tanto é que... por exemplo... não era TELEVISÃO, Jornalismo em Televisão, não. Era Rádio e T.V.. Era o pessoal que ia mexer com produção, (*ruído*), pa, pa... Então era um outro departamento.

Então, quer dizer ajeitava mais, mais prá mim... Mas eu tava patinando também. Tanto é que, por exemplo, houve um momento em que eu... eu fui fazer... eu fui fazer... Bom, nesse meio tempo eu fiz monitoria, em Antropologia com o professor chamado Egon Shaden. Eu fui fazer... aí, fazia pesquisa, fazia aqueles rôlos que estudante faz, né? Porque na universidade, não na universidade, enquanto antes eu não... por aí... lá como aquilo despertava: “Todos nós...” Quando eu fiz colégio de... é... público.

(DR - Oswaldo Cruz...)

CL - Todos nós fomos, todos os meus irmãos foram na seqüência...

(DR - Oswaldo Cruz...)

CL - Então a grana que a minha mãe, a pouca grana que ela tinha era prá comer, não é. Então... eu ... sabe... como... eu não sei assim, a equação. Eu sei que depois, o que eu ganhei depois eu sei que ajudou a formar todos os meus irmãos, né. EE... isso eles falam, porque era uma coisa que eu tomei, uma coisa que eu tomei no dia que meu pai morreu. Sabe? De... éé..... que eu teria que ajudar a formá-los: “Como?!” Eu não sabia, mas sa, eu tinha isso muito presente. Tanto é, quer dizer é..... era quase que meio mãe sabe...

DR - Como missão...

CL - É, como missão, né. Eu não abria a mão, não abria. O que eu apanhei deles, tanto é, porque eu batia neles, é tudo grande, só eu que sou pesou pequena. E...

MR - Todos homens?

CL - Todos homens, só eu tinha de mulher (*ruído*). E eu éé..... quer dizer, que mais éééé... Quando eu fui fazer novo, quando eu fui fazer num ano, quando fui fazer, quando eu terminei aa... (*espiro*) o quarto ano, me passou pela cabeça é... ficar na universidade... ficar na universidade fazendo... eu falei: “Putá...”

DR - Agora, Conceição mas uma coisa...

CL - Vai, vai, vai perguntando, vai perguntando...

DR - Nessa época...

CL - Se você pede...

DR - Nessa época na faculdade em 1970, ainda tinha assim um resquício de movimento estudantil!?

CL - Tinha!

MR - É porque era o auge inclusive da ditadura militar.

CL - Era...

DR - Era...

MR - Era Médici, por exemplo.

DR - ...com uma certa desarticulação mas ainda que tinha...

CL - Ham, ram!

DR - Resistência possível, muito forte no meio universitário. Você passou por isso? Você percebeu isso?

CL - Percebi!

DR - Você viveu isso(??) de alguma forma...

CL - Vivenciei, vivenciei. É a-assim, é engraçado, eu vim ter a minha maior militância depois, não é. Éé... ééé... mas eu participava não é, é... eu lembro, essas são coisas que, por exemplo, deixa eu tentar resgatar algumas coisas (*espirei*). É assim: Eu participava do global, não era ativista, tá, eu não era ativista. Eu vim me tornar não sei se ativista sei lá, fiz sindicalismo, fiz tudo lá depois. Na faculdade não era super quietinha ainda, era super quietinha, eu era, sei lá, solidária eu participava, não é. Mas não era uma é não era...

MR - Não era engajada no grupo!?

CL - Não, não, não era!

DR - Participava como?

CL - Participava de assembléia, o que tiver, o que decidisse eu participava, né.

MR - Se tivesse uma passeata...

CL - Eu ia. Eu lembro, eu lembro que (*tosse*) no último ano de faculdade, não no penúltimo ano de faculdade eu passei por uma situação super difícil. Foi o ano que morreu o Alexandre Vanucci e naquela, naquele ano é... na nossa turma tinha uma outra menina chamada Conceição que era chamada é..., chamava-se Conceição Geraldo. E a Conceição que já tinha levado pau e não sei o que, não sei qual era a situação dela. Eu só sei que naquele rolo do Alexandre éé... quando o Alexandre morreu vários universitários caíram, foram presos e uma pessoa citada foi uma Conceição...

DR - Mas ele morreu como? Foi morto pela repressão?

CL - Foi, foi, foi. Olha, sinto muito(?). Ele era da Geologia da U.S.P. E aí como o Vanucci foi, foi morto não é, quando aconteceu o “aci...” foi morto, várias pessoas, vários universitários foram presos e muitas pessoas da Geologia. E a Conceição conhecia, a outra Conceição, conhecia várias pessoas da Geologia. E aí aquele negócio de um ficar falando do outro, aquele rolo né no pau e falou: “Ah, a Conceição da E.C.A.” Só que a outra Conceição já tinha saído da E.C.A., ela tinha tomado pau, tava lá atrás, eu não sei como era a história.

Aí, chegou lá na U.S.P., eu lembro que estava neste dia nas Ciências Sociais estudando, aí de repente aparece o pessoal de luta do Centro Acadêmico que era todo mundo meu chapa, o pessoal das Ciências Sociais chega e: “Conceiçãozinha, o que você anda fazendo?” Eu falei: “Eu? Nada!” (Eles indagaram:) “Bom, acontece o seguinte, hoje, teve aqui, nós fomos chamados pelo diretor da escola, porque ééé..... a polícia tá com um mandado prá te prender. Você conhece assim... aquela história?” (Conceição replica:) “Não, senhor, conheço!” (Eles reafirmam:) “Verdade?!” Eu falei: “Não!”

Por que, é aquele negócio, eles sabiam que eu não fazia parte de movimento, não é? Eu só sei que... e aí o diretor da escola me chamou... e eu lembro que a única coisa, que era muito claro era o seguinte que e... eu lembro que isso foi numa sexta-feira (*esperei*), numa sexta-feira. Aí, na época tinha um cara, uma pessoa que acho era do DOPS que dava aula na E.C.A.. Ou era, eu não lembro qual era o cargo dele, eu sei que ele dava aula prá nós, dava aula, dava aula, chamava-se Ítalo Bustamante. E o Ítalo conversando com o pessoal, de toda escola, que era um cara, um cara super de direita, super de direita. Éé... o Ítalo falou: “Olha então, se ela não tem nada é eu vou falar pró pessoal que realmente tá havendo um engano... O que há a possibilidade de chamarem ela prá depor.”(?) Com ele eu não combinei absolutamente nada, que eu ia tentar ver, não queria jogar a outra Conceição no rolo. Tanto é que eles não ficaram sabendo da outra Conceição, quem sabia da outra Conceição éramos nós alunos, eles não sabiam. Eu falei: “Putá, isso vai ficar... não sou eu, então não sei quem é! Fica por isso mesmo e tamos conversado!” E foi, não é?

Eu não cheguei a depor e o... eu sei que... falaram nesse no fim de semana, você fica na casa de fulano, foi o que aconteceu. Quer dizer... eu lembro que uma coisa que na época me marcou bastante, depois eu, eu, que mais?... (*esperei*) Eu vinha participar...

DR - Você não sentiu medo?

CL - Senti, senti. Eu senti medo porque era assim, era aquela coisa absurda de eu não tinha nada a ver com a história, não é. É... eu não lembro se na época o Vanucci era do PCB, eu não lembro qual, qual era o grupo dele.

Enfim, era aquela situação, um monte de pessoas que sentiam, né? Sua impotência, né? Os caras levantam tua ficha, vêem sua ficha e acham que é você, quer dizer vê se pode? Porque alguém falou na Conceição, sabe, a Conceição que tinha na E.C.A. era eu. Então...eu...

MR - Deve ter sentido medo mesmo porque na época era pauleira mesmo, né? Era o auge da “revolução”, pessoa do Médico, do Geisel...

CL - Então... você tinha, tinha eu lembro porque eu fiquei durante, no começo eu ficava assim com medo... ingênua...

DR - Pensando que havia alguém atrás?

MR - Os alunos todos sabiam quais eram os agentes da... da repressão?

CL - Eles sabiam alguns.

MR - Digo assim de professores...

CL - Eles sabiam, sabiam, alguns eles sabiam. Alguns eles sabiam. Eles sabiam que tinham alguns B-10, eles sabiam que tinham alguns alunos suspeitos.

MR - Sim, claro.

CL - Suspeitos, né. Mas, mas tanto é que por exemplo isso foi tratado com o pessoal do, de Direção do Centro Acadêmico, o pessoal da escola não ficou, os alunos não ficaram sabendo. Era uma coisa bem, bem, bem, bem...

MR - O Centro Acadêmico que você se refere aí não é o Centro Acadêmico Estudantil, é o Centro Acadêmico...

CL - É o Centro Acadêmico da E.C.A., Estudantil...

DR - (??)

MR - Ah! O Estudantil!

CL - Era o nosso D.A.

MR - Era o D.A.!

CL - Que na época era D.A.

MR - Era D.A.! Exatamente!

CL - Diretório Acadêmico.

MR - Exatamente, Diretório Acadêmico.

DR- A sua situação foi resolvida no Diretório Acadêmico.

CL - Foi. Porque eles sabiam, não é?

DR - Hum, hum!

CL - Eles falaram: “Bom, a menos que você tenha uma coisa que a gente não saiba.”(disse o pessoal do Diretório Acadêmico).

MR - E o Diretório Acadêmico era de direita, no caso?

CL - Não! Não! Era um pessoal, era um pessoal principalmente de Partidão, na época.

MR - Hum.

CL - Era um pessoal principalmente de Partidão. E... então, quer dizer, então teve esse lance. Aí depois mais tarde, eu fui fazer... Bom, em termos de pesquisa, houve um momento em que eu pensei em fazer... é em...chama, a chamada carreira universitária. Isso foi em que? 75? É 74. 74 comecei... É 74 eu trabalhei...

DR - Você se formou em setenta e...?

CL - Três! Em 75 eu comecei a fazer pós graduação.

DR - Enquanto estudante você já trabalhou ou não?

CL - Trabalhei. O tempo inteiro, enquanto universitária eu trabalhei. Eu era monitora eu fazia pesquisa. Eu...

DR - Você trabalhou na faculdade mesmo?

CL - Na faculdade e fora. No terceiro ano eu já tava trabalhando numa revista de engenharia, não é? Que eu continuei no quarto ano. É... e aí eu já trabalhava.

MR - Como redatora!?

CL - Como redatora, não é? Foi onde eu comecei. E...

Aí eu resolvi fazer o raio de pós-graduação. Aí, raio mesmo porque foi horrível. Aí, aí eu fui fazer pós-graduação e era assim é uma coisa que... eu tinha... a minha orientadora ela tinha um hábito, um péssimo hábito de roubar trabalho de estudante. É assim ela punha todos os estudantes prá fazer exatamente o trabalho dela. E depois... vocês conhecem isso melhor do que eu (*risos*) e eu achava aquilo uma puta sacanagem, não é? E aí falava: “Putá!!”a gente ralava, ralava...

DR - Ela assinava o trabalho.

CL - Ela assinava o trabalho.

MR - Um caso comum aqui em São Paulo.

CL - Apresentava em congressos, não é? Aí fui, opa! e aí, não foi só isso aí. Era assim: Eu já tava trabalhando (*ruído*), não é? E aí euu... quer dizer, e aí teve um outro lance que depois eu te conto. É... eu estava nesta época começando a fazer jornal, jornal de sindicato. Porque eu já fiz tudo na vida. Eu começava pelo jornal do sindicato.

DR - Que sindicato?

CL - Ah, eu fiz o jornal do sindicato dos metalúrgicos. Eu podia ter trazido, se eu soubesse que era um *recuerdo*. (risos).(??)

DR - Tinha trazido o currículo.

CL - O currículo. Bom, eu só sei que fiz pós-graduação...

MR - Em que exatamente?

CL - É Comunicação, Teoria de Comunicação.

MR - Teoria da Comunicação.

CL - Era, mas era aquele negócio em que eu ficava assim. Eu não me conformava, né. É eu tenho uma coisa muito prática, né? É assim eu não sou uma pessoa teórica, eu sou uma pessoa prática. É o meu jeito, talvez por isso eu tenha escolhido jornalismo. E..... então, eu tinha os professores que ficavam dando, ouvindo, não sei o quê, tá, tá, tá. E eles eram assim, eles não escreviam, eles não tinham passado por redação. Era, era Comunicação e Jornalismo era assim essa ponte. Mas eu falava puta, como eles tão me dando aula sobre isso eles tão longe dessa realidade. E aí as teses eram assim: o boi-bumbá não sei de onde, e não sei o quê... Era um negócio que prá mim, sabe? Aquela, era tão longe do meu universo, do meu, sabe?

MR - Dia a dia de trabalho!

CL - Do meu, do meu dia a dia de trabalho, eu falava: “Putá, você tem que trans-formar!” Os caras ficam enro... no chamado “sexo dos anjos”, né, era muito sabe?! Eu ficava as teses, eu falava pu... puta, (*risos*) sabe? Tudo bem, tem um sentido pró cara que esta fazendo tem, mas prá mim não tinha, né. E aí o que aconteceu, eu tava fazendo o jornal do sindicato já. Então quer dizer, eu tinha uma coisa muito viva do meu lado, né. Então sei lá na época, houve um momento que eu fiz prá uns dez, doze jornais, né. Ééé..... e aí fiz a pós-graduação e não defendi, não fiz tese. Falei: “Não, vou parar... todo mundo ficou puto comigo, né, ficou uma arara, e eu fiquei assim como uma pessoa: “Onde já se viu? Você despreza a pós-graduação? Lá da U.S.P., de Comunicação da U.S.P.. Outra coisa da qual não me arrependo nem um pouco. E, ah... e aí, teve uma grande uma grande aventura na minha vida e na vida de meu marido. Ééé... ele também é jornalista, nós fomos fazer o jornal no ABC.

DR - E aí você já estava casada?

CL - Já, já. Eu..... eu o conheci em setenta e cinco. Aí eu já fazia, eu já, já era, eu já... já ia prá sindicato, (*tosse*) tudo o que eu não fiz na universidade, eu fiz depois, não é? Eu ia prá sindicato, prá assembléia, tinha espaço de chá, aqueles rolos todos.

MR - Você, você se formou e caiu na vida mesmo no trabalho?

CL - É.

MR - Foi cavando coisa se metendo em... sindicato.

CL - Fazendo!(??)

MR - Cavando trabalho?!

CL - E eu...E aquela coisa, não é de você trans-for-mar! Né?! Era uma coisa muito assim, e é o que te falo..., eu acredito nisso ainda hoje, tá? É inclusive o jornalismo que eu gosto, é o jornalismo que está em extinção que é o jornalismo investigativo, né?

MR - Hum.

CL - Então ficou o jornalismo de sindicato. Aí fiz, fiz, nós fizemos. Éé... eu vivenciei muito por exemplo o período do “Vlado”, do Vladimir Herzog. Ééé... foi um período super-difícil que a gente tava bem ativo no sindicato nessa época, sabe, de... nós sofremos aquele, aquela famosa missa onde a Praça da Sé, houve um culto ecumênico, foi uma coisa assim tão lindo, eu nunca me esqueci; lá na frente tinha Dom Paulo, o rabino Solbel e de repente entra Dom Helder, foi um negócio emocionante. Aí eu não conseguia chegar... na igreja, porque eles fecharam todos os caminhos prá pessoas não irem, né, prá não tem ter muita gente na missa do “Vlado”. Ee...ee...ee(*suspirei*)... eu sei que dói uma coisa que me marcou profundamente, né. E não, e nessa época eu tive sabe? Foi aquela coisa de você ir vivenciando, esse outro, esse outro lado.

DR - Esse ano foi quando, não lembro...

CL - 75. Outubro de 75.

Eu lembro que no dia é... em que o “Vlado” morreu... no dia em que o “Vlado” morreu não. Na semana em que o Vlado morreu houve um dia...eu não lembro agora se foi na, no dia da missa. Não, não foi no dia da missa, foi num dia que teve um dia de luto de luto, teve uma coisa na universidade. Eu lembro que toda universidade parou, aí que eu fiquei puta com a Pós-Graduação. Eu fui prá aula... nós fomos prá aula: “Vai ou não vai ter aula?” Mas a chamada “a ordem”, né, era parar. Aí, eu cheguei lá,... éé... era uma coisa que ia ser discutida, aquela coisa eu não lembro como é que era a história. Aí o... eu lembro que o pessoal do Diretório Acadêmico entrou (nós estávamos tendo uma aula de Antropologia da Comunicação com Egon Schaden) e o... e o... e o pessoal falava: “Hoje, enfim, nós vamos suspender as aulas por isso, por isso...” Foi falando, né. E... “Gostaria que vocês aderissem, porque Pós-Graduação ficava meio de lado, ah, ah... Pós-Graduação?!”

Aí, não, todo mundo acha que Pós Graduação é assim : “Veio, é o rei da cocada-preta...” Aí o, o... O que têm de aí, tá? (*risos*) O... aí o Schaden falou o seguinte, falou: “Olha, o que eu posso fazer éé... é não dar, é não dar falta. Ora quem quiser, eu não

posso sair da aula, eu não posso interromper a aula. Agora o que eu posso fazer é... não dar aula, não dar não, é não dar falta. Fica a critério de cada um, entendeu?” Eu lembro que, eu ia sair, eu e outros já tínhamos, nós fomos prá aula prá sair, né? Fomos prá aula do Chagas e sair fora mesmo, independentemente da decisão.

Aí ele falou: “Olha, fica a critério de cada um”. Eu lembro que saíram uns dois ou três da sala. Foi aí que eu falei: “Putá, é isso?” Falei: “Ali já dói um puta desencanto...”, não é? Foi aquele negócio você tá comprometido com a tua “pesquisinha” que é muito importante e resto que se dane, né. Então, sabe falar: “Putá, que cara vai ser esse?” “Sabe? Que quando as coisas acontecerem, você ficar assistindo a aula hoje? Putá, sabe? Têm muito mais coisa prá acontecer, muito, muito mais importante, né, do que ficar alí naquela pesquisa. Sabe!?! Aquela... E o Schaden é um cara le ... nesse sentido é muito legal. Sabe, tinha uma brincadeira na, na aula e virava assim, a aula dele ficava super cheia. Entrava alguém procurando, sabe olhando. Ele parava a aula: “Tá procurando alguém?” Ela falava uma outra história e porta era atrás: “Você tá procurando alguém?” Por que a nossa sala era um auditório “A tô...” A menina toda sem graça “A tô procurando... mais não sei o que.” Eu acho que tá aqui não. Tá em espírito!”, sabe? Ele tinha... ele deu um espaço prá todo mundo sair...

DR - Todo mundo fazer o luto.

CL - E não dar aula. Se todo mundo sair ele não continuava a matéria, né. E ele não ia dar falta. Não ele ia dar falta de qualquer jeito.

Enfim, ele falou: “Sai quem quiser!”

MR - Mas o mais importante é...

CL - Ele não dar matéria.

MR - Ele não dar matéria.

CL - Não ele não ia(*tosse*). Ele não podia. Tinha a história lá, enfim ele tinha que cumprir... era falta, mas aí o pessoal (*espirro*)... não sai. Só que o outro desencantou demais, né? (*suspirei*)

Bom depois, é... eu sei que eu já tava fazendo. Eu fiz muito jornal de sindicato e nesse meio tempo, nós fomos fazer um jornal, foi uma grande utopia em nossa vida. Nós fomos fazer um jornal no ABC (Paulista) chamado *Hora H*. Era um jornal destinado ao trabalhador, naquela época, 77.

É... era assim... ele era um jornal que saía, era um sonho da gente éé... a gente, era um lugar que tinha muito trabalho mesmo, as segundas-feiras era um “jornalão”. No ABC você tinha um “jornal” chamado *Diário do ABC* que não saía às segundas-feiras, não é.

DR - Era um jornal vinculado a algum sindicato?

CL - Não.

DR - Que, Quem é que patrocinava o jornal?

CL - Era um... era assim alguns grupos, era uma zona (*riso*), não tinha financiamento, né. A gente chamou um monte de gente, mas aí começou a dar confusão.

MR - Mas eram grupos de sindicalistas?

CL - É!

DR - Como é que vocês se sustentavam?

CL - Com publicidade e venda, né. E... como ele, ele... não é. Por exemplo, a gente tinha publicidade do sindicato dos metalúrgicos. Foi aí que eu vi o crescimento do Lula.

MR - Hum.

CL - Tá. Foi no ABC. Isso aí foi uma coisa que fez parte. Todos os movimentos do ABC eu vi isso, eu vi esses movimentos nascerem. Então é... então nós fomos fazer esse jornal e... era “jornalão”, era um “jornalão”, mas ele não era assim. Era o seguinte, tanto eu quanto o Silvio e nós não tínhamos o chamado antecedentes, não é? Então, a gente poderia, tinha condições de tocar isso, porque uma boa parte do pessoal que a gente conhecia tinha sido preso, tinha não sei o que. E naquele momento não dava, não dava.

Então, ééé..... então isso, ele..., ele foi se sustentando. Ele durou 13 números, 13 não. 14 números. Nada além, né? Nós ficamos com uma tremenda...

DR - Era semanal?

CL - Semanal. Ficamos com uma tremenda dívida (*risos*). Nós gastamos dois anos da nossa vida pagando a dívida... Aí nos fomos trabalhar na Rádio Globo depois, foi... assegurar também uma puta grana lá, é que você não tem idéia assim. Era uma grana, eu ganhava muito bem, agora (*risos*) agora...

DR - E as dívidas do jornal... (*risos*)

CL - Do jornal (*risos*). Mas foi uma coisa que foi importante, né. É... (*ruído*) Eu lembro na época era assim, aquele rolo dos grupos políticos, embora tivesse, tinha gente de tudo, de todos os times. Tinha gente do Partidão, gente do PC..., gente do PC do B, era uma confusão. Mas aí uns queriam ficar com o jornal, puta, era uma confusão, dá briga, dá briga, dá briga.

Eu lembro que nós fizemos uma reunião com o sindicato, olha a u-to-pia...

DR - E o hoje o pluripartidarismo não intensifica?

CL - Nós fizemos, nós fizemos, nós fizemos uma reunião do Sindicato dos Jornalistas chamou um monte de gente, um monte de gente prá discutir, porque a gente acreditava, bobamente, que dava. Você imaginou um monte de jornalista discutindo, não tem é complicado. Aí, eu só sei que ficou assim numa discussão louquíssima, é... de duas horas o Plínio Marcos e o Serjão que eram jornalistas discutindo...

DR - Serjão é quem?

CL - Se chama Sérgio Boni. Dicutindo se ia ter, coluna de padre, de religião ou não.

MR - Meu Deus!

CL - O jornal. Duas horas. Eu só sei que aquela reunião, puta aí: “Você imaginou Antônio, ela chegando na casa de um amigo da gente, chamado de Frederico Pessoa da Silva, que a família dele mora no Rio, inclusive são pernambucanos”. Aí o Fred, o Fred naquela época estava preso naquela época e aí nos encontramos o Gadelha, o Gadelha era do Partidão naquela época, eu não sei hoje onde está o Gadelha. era uma puta figura. Era dirigente sindical do Banco do Brasil(ri) Gadelha virou para nós e falou o seguinte: “Oh, você tá brincando, se vocês não usarem de centralismo democrático, vocês não vão fazer jornal coisa nenhuma”.

MR - Sem dúvida.

CL - Ah é? Tá foi bom. Daí nós fomos fazer. Aí fomos, puta. Foi uma experiência bastante importante, não é... eu lembro que o jornal começou a crescer, crescer assim... digo ter espaço, porque nas segundas feiras você não tinha nenhum veículo. Então ele tinha esportes, esportes na segunda-feira que é uma coisa importante, e o... e aí o *Diário do ABC* pressionou os poucos anunciantes que nós tínhamos...

MR - Prá...

CL - Prá tirar. Porque o dono do *Diário do Grande ABC*, na época, ele era presidente da Associação Comercial... eu não lembro mais, ele pressionou prá tirar o anúncio. E como o diário o *Diário do Grande ABC* era o diário do grande ABC e nós éramos os “porra-locas”(risos) que tavam tentando fazer alguma coisa. Claro todo mundo assim, numa semana em dez dias todo mundo sumiu. Aí ficamos cantando ‘Avante camaradas...’ dançamos. Mas, enfim, mas valeu. Acho que era um jornal é... eu brincava depois com o pessoal do Partidão (??). É... por que eles lançaram longo depois um jornal chamado *O Bloco*. Porque eles gozavam a gente, porque a gente tinha acabado o jornal.

DR - Na verdade esse jornal tinha a intenção de se tornar um grande Diário?

Fita 2 – Lado A

CL - Pronto! (...) Ele era um jornalão.

MR - (...)Só que voltado pró trabalhador?

CL - Pro trabalhador, é.

MR - Com uma linguagem específica.

CL - Específica... Foi aí que eu aprendi, é assim, foi aí que eu comecei a aprender a escrever fácil.

MR - Hum.

CL - Tá? Porque você, é assim, você, você sempre parte, quer dizer as pessoas, não eu, mas as pessoas, em geral, partem da premissa de que quando é coisa pra trabalhador, pro pessoal meio ferrado, diz faz qualquer coisa e a gente queria fazer um negócio com dignidade, não é? E a gente conseguiu fazer um jornal com dignidade.

MR - Agora me diga uma coisa Conceição, você falou que o jornalismo que você gosta está em extinção, que é o jornalismo investigativo, não é? Muito bem, o que você fazia, especificamente, nessa época? Ou seja, o que você cobria? Qual era o teu setor? Você fazia política? Fazia economia?

CL - Nós éramos pau prá toda obra. Porque eu fazia, eu era, era, era repórter, chefe de redação... (*risos*)

MR - Revisora e tudo.

CL - Tudo! (*risos*) A gente fazia tudo, não é? Porque era, era aquela coisa incipiente mesmo, não é? Embora, quer dizer, o meu marido tinha uma puta experiência, tinha o Nunes que foi, que é assim, é o...como é?... Antônio Félix Nunes, é isso? O Nunes, ele era, foi o mestre de todo mundo na área sindical aqui em São Paulo pelo menos. Então, você tinha os columnistas, mas então a gente fazia sempre matéria por exemplo, assim, éé... falta água... éé...falta água na Vila não sei o que, anticoncepcional tá dando problema. Então, quer dizer, a parte de política quem fazia mais era o meu marido, não é. Eu fazia mais o chamado geral. Eu não fazia economia, eu fiz economia depois, em outro veículo, mas eu não fazia economia. Eu fazia era uma reportagem mesmo. Reportagem de polícia, eu fazia tudo que vinha e fiz uma matéria sobre o Sindicato mesmo, tem uma matéria que é assim, que eu nunca vou esquecer, uma matéria sobre dupla jornada. É dupla jornada? Algumas matérias ficaram muito assim, aquela, por exemplo, na COSIPA, trabalhadores, pelo menos naquela época, eles mudam de turno periodicamente, prá mim isso foi uma matéria super bonita. Porque você tem uma, sabe, hoje, essa semana, ou então 15 dias, você trabalha de manhã, depois trabalha à noite, é um inferno a vida desse cara.

MR - Imagino...

DR - Não consegue organizar a vida...

MR - Ou seja, o cara não consegue organizar a vida dele e de mais nada. Vive...

CL - Então, eu fiz essa matéria. Essa matéria eu lembro porque ela me marcou bastante. Eu fiz uma matéria, eu acho que era uma matéria sobre mulheres, era dupla jornada, era dupla jornada (*ruído*). E foi o primeiro congresso da mulher (??), Nós cobrimos. E e foi muito legal porque ele foi em dois sábados, o Congresso, então, teve o primeiro e segundo, então no segundo sábado, já saiu, não na segunda-feira, saiu uma matéria do jornal do congresso, uma matéria falando de creches, aquelas coisas de mãe que não tem, aquele rolo que continua até hoje, então... Não foi no segundo dia, as crianças olhando o jornal que falava do problema delas. Sabe? Uma foto super bonita! Sabe assim, mas linda, linda, linda. Enfim, então, foi uma coisa marcante. Agora, ééé... você vê tem um lado de perda, perda financeira. Óbvio, mas assim, cresci, cresci. Hoje se eu olhar friamente eu falo: Puta, sabe sem estrutura nenhuma, vamos porque vamos, sabia que ia ficar meio... uma coisa assim, o mais certo dizer seria porra louca, não é, mas você quer mexer de alguma forma.

DR - E acredita que pode.

CL - E acredita que pode e acha que você vai ter forças para enfrentar essa coisa maior, se bem que você não tem, mas sabe, na hora em que você esbarra no ABC, (?) do ABC até hoje é supremo, ninguém ousa brigar com (?). E aí, eu fiz, fiz o jornal, depois fui prá Rádio Globo. Éé... e aí eu convivi, convivi muito assim de perto com todo esse pessoal, com o Lula, com o Frei Chico, com o irmão do Lula com todos eles, eu vivenciei muito aqueles processos de televisão no ABC, né? É...

DR - Nessa época você morava lá, em São Paulo?

CL - Morava em São Paulo.

DR - Sempre em São Paulo?

CL - Sempre em São Paulo, não é? É... Eu lembro, nesse período... outro dia eu estava fazendo uma retrospectiva assim, só nesse período. Ah... meu marido era editor na Rádio Globo, isso em 68, acho que 68 ou 69, não lembro, e quando teve a greve, ee... naquela ocasião éé... o sindicato patronal colocou no ar uma mensagem dizendo... os patrões queria que os trabalhadores voltassem a trabalhar, aquela puta greve, vários (??), eles queriam que os trabalhadores voltassem a ativa e eles começaram colocar “mensagens” no rádio, dizendo que a greve estava diminuindo, que tava parando, que os caras já iam voltar, que tinha sido feito acerto e era mentira. Eu lembro que... aí que meu marido fez ele botou a entrevista do Lula dizendo que a greve não tinha acabado, consequência...?

MR - Perdeu o emprego! (*risos*) Claro!

Sobre isso que eu queria perguntar inclusive, como é que ficaria então, porque você falou que seu marido foi trabalhar na Globo, quer dizer, na rádio Globo, que nós sabemos que é...

CL - Que na época a rádio Globo era super forte. Em São Paulo, ela tinha um puta de um jornalismo...

MR - E ainda é, né? No Rio, por exemplo, ela tem uma penetração muito grande, enfim. E como é que ficaria isso justamente, vocês trabalharem ou estarem ligados a movimentos que contestariam tudo aquilo, digamos assim, que interessa ao sistema, trabalhando justamente...

CL - AH, mas...

MR - Num veículo...

CL - Mas olha, a gente confunde, por exemplo, mobilizar a Rádio Globo pra greve do jornalismo(??), a famosa greve de 69 que foi uma degola violenta, logo em seguida tem a famosa greve do jornalismo(??) onde, puta, muita gente foi demitida. Mas a gente conseguiu trazer o pessoal para a discussão, pessoal de esporte que normalmente não tá ligado a isso, a gente conseguiu, com jeito, que não éramos nós, eram várias pessoas, tá. Você na época... é assim, eu sinto isso hoje, que era uma coisa mais solidária, não é? É assim... é outra coisa que nós estávamos discutindo outro dia, eu acho que você tinha mais esperança de mudar e as pessoas eram mais solidárias do que elas são hoje, hoje elas são muito mais, cada um olhando pro seu umbigo e acabou.

MR - São mais individualistas!?

CL - Muito mais, muito mais.

Então éé..., então havia um clima. Tudo bem, a gente colocava, pela primeira vez discuti na Rádio Globo salário, nós discutimos, enfim, foi tudo... e foi legal, não é? Eu lembro que nós conseguimos fazer um 1º de Maio histórico, lindo, lindo, lindo. Era um especial de 1º de Maio, era muito bonito, a gente entrevistou dirigente sindical do Brasil inteiro, a gente fez matéria sobre mulher, trabalho infantil (*ruído*), era lindo, era um especial, mas lindo, lindo, lindo, até hoje aquilo é bonito. Até hoje é bonito. E teve uma... eu lembro (*esperei*) que nosso editor, diretor de redação na época, ele deu espaço (??) muito mesmo, e teve uma coisa assim que também me marcou bastante, que tinha uma mulher que eu perguntava para ela: - Hoje no 1º de Maio o que você quer? Ela falou: “Eu quero que faça sol pra eu poder passear.” Lindo! Ele fez a gente cortar, porque ele achava que aquele sol era um outro sol, uma outra coisa...

MR - Um sol vermelho demais.

CL - Sei lá, então, aquele negócio. Então, tá bom, muito puto da vida mas bom (??) mas era tão assim ridículo, tão absurdo... Era um negócio tão lindo, quero que faça sol! Só quero isso para poder passear! Aí em seguida, logo depois veio nossa greve, meu marido foi demitido e alguns meses depois eu fui demitida porque fazia parte do comando de greve. Nós fizemos um comando geral de greve, não era da rádio Globo, era da categoria, foi uma famosa puta de uma assembléia aqui na igreja, Igreja da Consolação, acho que a primeira vez onde a categoria se reuniu dois mil... num lembro, olha, aquela igreja cheinha, e assembléia decidiu pela greve, mas aquele negócio éé... é assim, greve, eu acho que você tem que saber a hora de entrar e a hora de sair, tem que entrar com uma estratégia para sair. Hoje eu reconheço isso. Então, o pessoal entrou e os caras não iam ceder. Que a maior derrota é que no dia seguinte os jornais estavam no ar, a televisão tava no ar, os jornais estavam saindo, quer dizer, ninguém sabia da nossa greve, só nós, só categoria. Por que? Porque, por exemplo, todos os veículos, eles arranjaram... por exemplo, televisão mandou imagem de outros lugares, rádio idem, né.

DR - Repetiu programas.

CL - Repetiu programa. Jornal, algumas pessoas ficaram nas redações, dormiram nas redações durante vários dias, aí quando terminou a greve, foi uma greve derrotada, super derrotada e éé... aí eu fui demitida, fui demitida fiquei na época acho que quase dois anos sem emprego.

DR - Mas nessa altura você já tinha pago a dívida.

CL - Já, nós ficamos dois anos para pagar uma dívida (*risos*), pelo menos isso. Pior (??) mas que burrice, eu pagar para (??) é que é dose, ainda se tivesse pagando (??), enfim, sabe?! Ingênuo, nós pagamos tudo direitinho, bonitinho, não sei para que mas pagamos. Então, eu fui demitida, enfim, e era uma coisa que eu estava esperando, sabe, tava esperando. E foi assim, muito engraçado, porque o diretor que me demitiu tinha demitido o meu marido um pouco antes, eu dizia, éé... não só eu, várias pessoas na categoria ficaram meio malditas mesmo, como meio, meio sei lá, ficou aquela coisa, porque foi uma greve derrotada, porque, na verdade não se tinha uma estratégia de

retorno, e aquele negócio, eu, todo mundo ali no comando tinha muita experiência, eu era uma das menos experientes, mas acontece o seguinte, ao invés de você discutir a greve como um todo, o pessoal ficavam os grupos se digladiando pelas posições, então, você esquecia...

MR - O global.

CL - O global, enfim, foi aquele negócio... era assim, eu lembro... era uma coisa (idealizada), os metalúrgicos tinham feito uma puta greve, e nós, né, a gente não tinha feito, era uma coisa até infantil da nossa parte, infantil nesse sentido, porque eles fizeram a gente tinha que fazer. Teve um diretor na época...

DR - Você acha que teve isso? Moveu de alguma forma a greve dos jornalistas?

CL - Moveu, moveu, moveu ... (*espirei*). Consciente ou inconsciente...

MR – Não havia então um motivo...

CL – Não, havia, havia um movimento, mas é que vinha numa onda crescente de greves, não é. E algumas greves vitoriosas...

MR – Quer dizer que ela poderia ter sido mais amadurecida, digamos assim.

CL – Poderia, poderia ser mais amadurecida sim, a estratégia, de repente, hoje pensando ela poderia ter sido uma greve de um ou dois dias, não se estender, você tem estratégia para recuar, você voltava, sabe... por exemplo, eu acho, esse negócio greve sem ... não dá, hoje a gente vê isso claramente. Eu lembro que teve um diretor do sindicato, na época, que falou que estava realizando um grande sonho, se os metalúrgicos faziam por que nós jornalistas não íamos fazer. Então, tinha um momento emocional para a greve, e quer dizer, eu acho que teve isso de você não, de não avaliar direito. Hoje, assim pensando friamente é... poderia ter sido marcado uma posição, enfim (??) não adianta, já foi. Foi naquele momento e não adianta ficar chorando sobre o leite derramado, foi, foi. E a coisa mais engraçada, que revela bem o ser humano, não é? Que você ficou assim, as pessoas que participavam, participaram, é muito engraçado, teve um outro lance que depois eu conto mais tarde, que é assim, as pessoas, elas é... elas são assim meio: “Ah, eu fiz a greve porque fulano falou.” Sabe, na hora do vamos ver...

MR – Tirou o corpo fora.

CL – Na hora que você fatura, nós faturamos, na hora da derrota, mas fulano, não é. Teve uma vez, teve uma greve geral de dois dias (??) Teve uma greve geral de dois dias eu já era editora do Jornal, Revista Saúde. É... eu, eu chamei todo mundo discutimos, não sei o que, parou, sabe, eu não ia trabalhar, eu falei, eu concordo... aí teve gente que foi falar para a minha diretora de redação que tinha parado porque eu tinha falado. Eu falei: “Putá merda, nem pra assumir...” “sabe? É muito. Infelizmente, isso acontece. Eu lembro que nessa greve especificamente, de setenta e nove (1979), é logo depois que eu fui demitida, é... (?) no mesmo dia, pessoas que o Silvio 15 dias antes tinha evitado a demissão, essas pessoas já não me cumprimentavam mais, elas passavam por mim, o Silvio tinha segurado a vaga delas. Elas estavam com a cabeça a prêmio porque o diretor não gostava e elas, enfim, viravam, viravam, sabe já viravam a cara pra mim.

DR – Você caiu em desgraça.

CL – É, porque aí elas tinham que ficar de bem com o chefe.

MR – Ou seja, não há nenhuma consistência ideológica...

CL – Não, não tinha.

MR - ... Não há nenhum projeto de solidariedade, não há ética, não há nada.

CL – Não, não tinha.

MR – O que há realmente são cobiças individuais, paixões pessoais, enfim...

CL – Quer dizer, de uma parte, de uma parte tinha...

MR – Não é e... Na verdade, esse tipo de coisa condena qualquer movimento ao fracasso, é isso que eu estou querendo dizer, por minha avaliação seria mais ou menos isso, né?

CL – Porque é o seguinte, eu acho que na hora que aconteceram as demissões, na hora que houve as demissões, (*tosse*) eles poderiam ter feito, sabe. Ter uma discussão. Nada disso, cada um recolheu o seu e acabou, não é? E durante muito tempo, quer dizer, várias pessoas que participaram da greve ficaram sem emprego realmente.

Então, eu não sei, quer dizer, foi um período difícil, foi um período duro e depois, como é que eu fui entrando... aí eu já não estava mais fazendo o jornal do sindicato, eu fui trabalhar na Revista Capricho. Eu já tava fazendo “free lancer” nessa época pra algumas revistas da Editora Abril. Eu fazia “free lancer” pra a Nova, fiz “free lancer” prá... trabalhei um tempo em revistas técnicas, trabalhei um pouco com Economia. Enfim, fiz um pouco de coisa, um pouco de cada coisa e... em oitenta e um (1981), eu já tinha feito um monte de “free lancer” pra Nova, na época a Nova tinha uma redação privilegiada...

DR – E nesse período que você ficou desempregada, na verdade, você trabalhou como “free lancer”.

CL – É. E era mesmo, e não era muito fácil, eu estava engatinhando. Eu, eu, eu, na realidade é... eu tinha feito um pouco de tudo na minha carreira, ainda não estava especializada, também, tá.

MR - Hum. Hum.

CL - Que é uma coisa que te facilita a vida, né. Aí eu fiz o que? O que que eu fiz? Eu sei que eu acabei indo trabalhar na Capricho... na Capricho foi que começou, quer dizer, na Nova eu já estava começando a fazer matéria de saúde, eu estava começando a fazer matéria de saúde. Era uma coisa que eu gostava, que me dava um certo prazer de fazer, né. E... eu nunca fui muito ligada em fazer matéria de beleza, nunca tive muito saco para isso, matéria de moda, então, quer dizer, o que... nesse chamado jornalzinho feminino, que acabava... comida eu também não tinha muito te... eu fazia reportagem, eu já fazia reportagem, então eu comecei a fazer as reportagens... aí fui parar na

Capricho... na Nova ainda era e a Nova nesse período ela tinha uma redação privilegiadíssima. Ela tinha um time da pesada. Ela tinha, Alberto Dines, é... Rodolfo Konder que se tornou um neo-Maluf (risos). Mas ele era brilhante. Puta! É uma coisa que dói, né? Mas...

MR – Sei. Eu fiquei espantado também...

CL – ... Dói, dói, dói, né? É... mas era brilhante, ele era...é assim, era supercompetente e eu reconheço, não é? Eu faço questão, sabe, ele foi muito importante, porque é aquele negócio, ele deu espaço pra eu fazer. Ninguém entendeu depois a mudança, mas enfim, ele foi muito importante nesse período, não é, da minha vida. Então tinha, era o Dines, Judith Patarra, o Rodolfo, a... ai, os outros... enfim, era um time super bom, que a Fátima Ali que era diretora trouxe um time da pesada prá redação!

DR – Agora eu estou pensando aqui Conceição no que você falou: participou de greve, assim como você e outros jornalistas. É o resultado disso foi o desemprego e... é... mudar de área, deixar de trabalhar no sindicato...

CL – Não, não, não, não.

DR – ...Ir prá Capricho....

CL - Aí na verdade quando eu passo... bom, sindicato foi o seguinte, deixa eu te dizer, no sindicato, que que aconteceu, eu fui me afastando de fazer jornal do sindicato... Quando eu tava na Rádio Globo eu fazia ou uma coisa ou outra, porque eu fazia de graça, tá? Eu não fazia profissionalmente, eu fazia o jornal do sindicato de graça, assim como hoje eu faço matéria pra ONG de AIDS de graça, eu não cobro.

DR – Sim, mas a sua preocupação mesmo na Rádio Globo era com a questão dos trabalhadores.

CL – Não, não era. Aí não. Quando tinha oportunidade de você abordar, é aquele negócio, você tem um espaço ...

MR – A sua preocupação, na verdade, é o seu trabalho esteja é... se traduzindo, em que se traduzia ou o tema seja trabalhador...

CL - É...

MR - ... Ou o tema seja saúde...

CL – Eu era redatora, não é? Eu era redatora, eu não tinha poder, tá? Então, quer dizer, dentro disso você vai fazer o que você tem, sabe? Quer dizer, se cai na mão, você pode selecionar um noticiário, você vai dar um.. você pega uma matéria, sabe? É o jeito de... Como é que você contribui?

MR - Hum. Hum.

CL - Você contribui redigindo de uma forma adequada, correta, não sacaneando, tá?

MR – Porque Capricho é uma revista de variedades, né.

CL - Mas você pode...

MR - Você pode fazer alguma coisa...

CL – Coisa... É aí que é um negócio equivocado, tá? As pessoas acham que você vai fazer na Capricho, você vai fazer qualquer coisa. E não. Você pode fazer um puta de um trabalho, assim como você pode fazer um puta de um trabalho na Contigo se você quiser.

MR – É igual ao caderno Mulher do Globo, por exemplo, não é? O Globo, você sabe, que é um jornal de direita, o Caderno Mulher, seria a rigor, uma peruagem só, mas sai algumas matérias altamente virulentas naquele caderno, que ninguém lê, mas saem matérias descacetantes mesmo.

CL – Porque é aquele negócio, quando você lida com verdades, com fatos, a coisa mais fácil do mundo. Eu sempre falo isso. Quando eu estou lidando com a verdade eu vou até o fim, eu estou tranqüila, né. Então, aonde eu estivesse você faz esse tipo de trabalho. Então, quando eu fui para a Capricho, por exemplo, como é que as pessoas faziam na Capricho, até então, a seção de cartas: pegavam copiavam de coisas já antigas, copiavam de livro. Eu não, eu pegava, eu via aquelas cartas, que eram coisas de pessoas perguntando coisas de saúde, eu já tinha feito alguma coisa de saúde prá Nova, mas as cartas que vinham pra Capricho vinha muita coisa na área de saúde e... tudo mundo fazia o que, todo mundo... a regra era fazer de qualquer jeito! Não, eu ligava prá médico, eu ia descolar um médico para ouvir o que que ele achava... sabe... Porque é... aquela informação prá aquele cara é importante. Eu acho que onde você tiver você pode fazer um bom trabalho. Sabe, acho que é... um pre-conceito, não é? Você achar que não... onde você estiver você faz... sempre, sempre, sempre.

MR – Não, porque a nossa preocupação procede nesse caso, porque, observa. Essa é a tua posição, uma posição ética, não é?

CL - Da qual...

MR - ... Totalmente consciente...

CL – Da qual eu não abro mão.

MR – Exato, agora, você tem que admitir que a realidade é aquela que nós vemos, a Capricho é um material, a Capricho, enfim... uma publicação dessa é... de cunho popular, etc, etc, normalmente é uma publicação de baixo nível, tanto, tanto em termos materiais, gráficos, até quanto o que é mais importante, em termos de informação mesmo, não é?...

CL - Mas...

MR - Porque há muitos profissionais que, embora teriam, ou tivessem competência para fazer bem determinada coisa, eles não fazem concretamente.

CL – Não, olha, eu acho, eu acho, eu, eu acho o seguinte (*tosse*)... Eu acho que... É... Como é que eu te falo? ...É que eu vejo diferente, né? É assim eu como acredito que você possa fazer um trabalho bom em qualquer lugar...

MR - Tudo bem.

CL - Você sabe e você faz... eu fiz uma matéria para o Congresso de Vancouver, prá Contigo. Quando eu voltei toda a cobertura da imprensa não falou qualquer coisa sobre a premiação, foi uma droga a cobertura de Vancouver e... enfim, conversando com o diretor de redação ele falou: “Você faz uma matéria prá gente”. Eu falei: “Faço.” “Legal.” Fiz uma matéria de prevenção, que esse pessoal das ONGs usa até hoje, a matéria de prevenção, mostrando, sabe, quer dizer, botando o coquetel no devido lugar...

DR – O que se discutiu em termos de prevenção...

CL – Mostrando as vitórias da prevenção, tá?

A Contigo nunca tinha feito uma matéria de prevenção, nunca, de AIDS, foi a primeira vez. Você acha que eu ia desperdiçar isso porque a Contigo é um veículo destinado a um público XPTO, que não é o público da Veja? De jeito nenhum.

MR - Claro.

CL - Tá! De jeito nenhum. Teve uma pessoa que falou para mim: “Conceição”! Puta, é aquele negócio, quando você pega, vai olhar o meu currículo, puta, quem no congresso anterior apresentou um trabalho no Japão, como é... “Conceição”! “Milhos prá porcos!” Olhei prá ela... Perdão. “Pérolas para porcos”! Eu olhei pra ela... eu nem tive condição, puta ... sei lá sabe. Ela está achando isso, porra, o que que ela... e ela mexe com prevenção eu falei: “Porra! Ela não entende ab-so-lu-ta-men-te nada de prevenção!” Porque esse público é que precisa de informação.

MR - É claro.

CL - Você percebe? Então, éé... eu acho que vai muito é você, de você, é aquele negócio, você tem os perfis dos veículos, que você acha inadequada, não sei que, não sei que... Você quer coisa mais absurda que foi a matéria da Veja, quando ela falou de perto da cura, agora a capa de Vancouver, você quer coisa mais absurda quando a Veja falou que AIDS não passava de mulher para homem! Quer coisa mais absurda! E é um veículo importante! Você percebe?! Que dizer, então, eu acho que quando você trabalha com mídia você tem que se despir desses pre-conceitos, porque vai ser Veja, vai ser bom.

Na área de saúde eles não são bons ainda, na área de AIDS. Eles vieram agora, há uns 15 dias, recolocando a questão dos coquetéis, por exemplo, e dizendo: “Olha, a TV Globo falou em cura, o Jornal Nacional... “Putá, eles disseram que falaram cura! Você percebe? Então, eu acho que você pode, é aquele negócio é..., aonde você estiver você tem como fazer um trabalho decente, aonde você estiver.

MR – Sem dúvida.

CL – E eu não abro mão disso, mas não abro mão mesmo.

MR – Porque normalmente não é esse o procedimento que a gente ver acontecer.

CL – Não abro mão. Para você ter uma idéia, depois de eu ter passado pela Capricho eu fiz um projeto chamado Viva a Vida, que o diretor era o Dines e a redatora chefe era a Judite Patarra. E, quer dizer, trata-se de um puta privilégio na vida de ter trabalhado com esses dois profissionais, não é. Aliás e essa... e era assim... eu era mais nova da turma. Então, nessa redação era uma redação maravilhosa. Era um projeto muito legal, era um projeto... de bem estar, só que acabou não dando certo, porque na Abril as tiragens tinham que ser muito grandes e acabou degradingolando. E disso surgiu uma revista chamada Saúde, uma revista pequenininha, destinada saúde pra leigo, que eu fiz o número zero, fiz durante 10 anos essa revista. Eu tinha nessa redação, eu tinha como diretora de redação a Judite, que é uma pessoa... ela que fez o livro sobre Iara Lavelberg(?).

Fita 2 – Lado B

CL – (??) ... ela é a autora do livro da Iara (??)

Então..., nesse projeto, nós ficamos 10 anos, não é? E aí a Judite é... acabou saindo, fez uma reestruturação na Editora Azul que é... e quem assumiu no lugar da Judite era uma pessoa exatamente o oposto da Judite, não é? Era uma pessoa que não era ética, não era competente, não era a mesma coisa... Porque é assim, quando você lida com saúde você tem que ser muito... é... rigoroso, muito criterioso, porque está lidando com a vida das pessoas, não é? Então você está lidando com a esperança, com a expectativa, com uma série de coisas, né?

MR – Que é o que você disse na sua conferência.

CL – É. Então, você está lidando com tudo isso, então você não pode é... ser leviana, irresponsável, você não tem esse direito, não é? E aí a diretora, quer dizer, enquanto a Judite era uma pessoa super ética, super competente, super competente, super decente, enfim, a... a minha chefia mudou, quando mudou era uma pessoa totalmente diferente. Aí eu fui levando, nesse momento eu estava atravessando uma situação difícil e tudo, fui levando, levando um tempo. Eu acabei eu pedindo demissão, né. Porque eu falava o seguinte... eu com uma certa frequência eu faço matéria de denúncia, então, eu falava o seguinte, como é que eu posso... que tudo aquilo que eu acho, que é o chamado o meu lado bom, né. Que é esse rigor, esse cuidado, não sei o que tarara, era uma coisa que era, guardada as proporções era mal visto. Não era uma coisa... mal vista mesmo, era uma coisa sabe aquilo... Enfim, era o mesmo estilo de jornalismo e eu, era já era redatora-chefe, larguei salário, larguei cargo, falei: “Tô indo!”

Cheguei para a direção da revista e falei: “Olha, é o seguinte, não dá, é... a... o meu capital é minha dignidade e a minha credibilidade, isso não tem preço. E do jeito que a revista está caminhando não dá pra mim, eu... eu quero sair”. E saí. Eles tentaram mil propostas, mil coisas para me demover e eu saí. Sabe, também não me arrependo. Foi difícil? Foi, foi difícil, foi super difícil, porque você larga uma situação toda tranquila, sabe? O cargo, tarara, tarara, tarara, tarara, não é? Pra uma situação que você não sabe o que vai dá, não é? E, é... (??) você percebe? Isso me permitiu é, me permitiu, por exemplo, fazer o projeto da *Playboy*, me permitiu fazer... sabe, tanta coisa, tanta coisa na minha vida que se eu estivesse lá eu não teria feito. Então, quer dizer, em alguns momento é traumático, é difícil a mudança. Mas eu acho que valeu pra mim,

valeu essa mudança, eu cresci, né? E as pessoas, elas me perguntavam: “Mas como é que você largou? O que você vai fazer?” Eu falei: “Não sei, não sei”.

MR – Agora, Conceição, data então desta época os seus primeiros contatos com a questão da AIDS?

CL – Não, não. A Aids vem desde o começo da epidemia.

MR – Ah, então, dá pra gente recuperar...

CL – Dá, dá. O meu contato com a AIDS vem desde o comecinho da epidemia, quando, no primeiro número da revista Saúde, saiu, primeiro ou segundo, saiu uma matéria, foi traduzida, inclusive, sobre AIDS, na época. E... e... aqueles primeiros dados que pessoas estavam morrendo nos Estados Unidos, que eram homossexuais tarara, tarara..., sabe aquelas primeiras coisas, né. Você não tinha ninguém no Brasil ainda despertando pra isso. Eu lembro que... naquela época, eles falavam já em “peste divina”, era uma coisa...

DR – Por que que a revista Saúde tinha isso?

CL – Porque ela tinha como receita todo um esquema de saúde, não é? Era alguma coisa, alguma doença que tava surgindo e dentro disso, ela... ela... ela fazia parte da pauta. Ela era uma revista que ela tinha uma finalidade principalmente de prevenção. Principalmente, a tendência dela era muito, muito, muito de prevenção. Então ela tinha inte...E... então, ela... na verdade, a doença veio junto com a revista, não é? Então, quando, por exemplo, começou aquele negócio, faz teste, não faz teste, lembra, nos bancos de sangue, quando surgiu o Elisa. Então a gente vem acompanhando... o tempo inteiro, não é, da trajetória da revista, ela veio fazendo matéria, eu vim fazendo matéria. Agora, eu vim, eu fui aprofundar (*tosse*) a minha relação no final da Saúde é que eu comecei a aprofundar a minha relação com a AIDS.

MR – Então, espera aí, vamos tentar agora direcionar um pouco mais a coisa para esse aspecto. Porque nós aqui colocamos três... num único bloco, num único bloco de envolvimento com a Aids, três questões básicas, que você pode desenvolver com as suas palavras.

CL - Tá, tá.

MR - Primeiro a da ocupação com Aids, como foi que isso começou a acontecer, né? E ligado a isso, qual a sua experiência pessoal? Quer dizer, foi puramente profissional? Foi porque começaram a surgir? Você presenciou alguma coisa? Enfim.

CL - Tá.

MR - E uma questão de caráter muito pessoal mesmo, muito pessoal. É a de... a questão seria, você pessoalmente, se sentiria imune concretamente à doença, ou seja, você como profissional, aí como pessoa, tratando da questão, você se coloca alguma vez na vida... essa questão. Pôxa, poderia acontecer comigo, poderia não acontecer... entende? Como é que essas três coisas...

CL - Se juntam?

MR - Se juntam?

CL - É... é... primeiro (interrupção da fita) Em relação a... o meu envolvimento quer dizer... fazia parte da... primeiro fazia parte da vida, fazia parte da receita da revista, tá? E eu fui me, me inteirando, né...

DR - Como é que a notícia chegou até você?

CL - Via revistas estrangeiras

DR - Não chegava na imprensa...

CL - A gente, a gente consultava *New England Journal*. Revistas internacionais, então foi por aí que chegou.

MR – Porque a Revista Saúde era montada muito em cima dessas matérias.

CL – No comecinho, a revista Saúde tinha muita tradução, depois, inclusive, é que... é assim, a Saúde foi feita para ser uma revista super barata, não é? Tinha o projetor editorial o papel era vagabundo, era uma tristeza, não é. Então, só tínhamos eu e a Judite na redação, no comecinho não dava para fazer reportagem mas aos poucos eu fui fazendo matéria para... porque eu sentia falta, não é falta, era necessidade de fazer. E aí, quer dizer, no começo você não tinha nada no Brasil também, não tinha pessoas... eu me lembro que na época eu pedi para o Drauzio é... revisar o artigo para a gente, não é. O texto, porque era uma questão de literatura, e mesmo a experiência dele, naquele momento era uma experiência de revista internacional, nós não estávamos vivenciando isso na clínica.

MR - Por que publicar uma matéria dessa?

CL - Porque era uma doença que estava surgindo.

MR - Ah, então era um fenômeno!

CL - Era um fenômeno.

MR - Era interessante veicular ao surgimento de uma coisa nova.

CL - Estava surgindo lá...

MR – Era uma coisa curiosa, gigante...

CL – Era uma coisa gigante. Quer dizer, o que tá acontecendo? Eu lembro que na minha primeira matéria, eu acho que era um relato do *New England*, ou do *Jama* (?), não é? Era um relato, simplesmente, do que estava acontecendo, que eles não sabiam o que que era direito. E aí pouco a pouco, a matéria, o assunto começou a entrar em pauta, então, sempre que possível, aos poucos foi entrando a questão de sangue, sabe, aos poucos... aí quando veio pro Brasil, é... eu lembro que eu fiz uma entrevista, era tipo uma entrevista de pergunta e resposta, enfim, ela veio pouco... ela foi entrando pouco a pouco. E aí,

sempre que possível, a medida que a epidemia foi entrando a gente... era uma coisa inconsciente, tá? Hoje eu tenho consciência do que eu posso fazer, não é? Quando, por exemplo, eu ajudo a ONGs, quando eu ajudo, por exemplo, uma ONG aqui em São Paulo, uma vez falaram pra mim, queriam me contratar, pra fazer...sabe? Pra editar...me pagar uma grana pra eu fazer o boletim: “Olha, o seguinte, isso que vocês vão me pagar não paga o meu trabalho.” Então, eu faço de graça mesmo. Que não adianta, sabe, é uma forma de eu ajudar, não é? Deles terem uma coisa, sei lá, uma coisa diferenciada, mas enfim, feita por alguém que mexe com questão, né? E... que em geral eles traduzem, são artigos muito mal redigidos, né? Então, é uma coisa que eu acho, que eu acho uma forma de eu ajudar. Então, quer dizer, ela foi entrando assim, pouco a pouco, não é? ÉÉ...e aí, alguma coisa eu tô resgatando, né? Eu resolvi fazer uma matéria sobre camisinha, isso em 90 (1990). 90? Acho que 90. Mas sempre usando matéria sobre AIDS, sempre. Prevenção, discussão, HIV...

DR - Mas em 90 já estava...?

CL - Estourando. Tudo, tudo, tudo, tudo. Mas em 90 resolvi fazer um teste de camisinha, não é? E... quer dizer, é...é. Foi um teste de camisinha, enfim que (??) sobre brasileiro não usa camisinha... não, eram duas matérias, uma isso a epidemia já estava não é... e uma coisa que a gente sempre pensou, sempre fez, foi, à medida que as coisas foram... sabe, aquele negócio, grupo de risco, comportamento de risco, a gente foi, sabe, tentando o tempo inteiro é... Por exemplo, eu (*tossi*) já não usava grupo de risco, você tornar isso efetivo, de uma forma efetiva. Em 90(1990) a gente fez uma matéria grande, nós testamos camisinhas de todas as marcas, fizemos uma matéria sobre camisinha e depois uma enquete sobre uso de camisinha. E aí... eu conheci o Herbert Daniel, porque o Daniel tinha dado uma entrevista pra a Judite, porque o Daniel tinha sido do grupo da Iarinha Yavelberg e aí eu fui para o Rio, conversei com o Daniel. Puta! Foi uma coisa assim, foi uma coisa muito legal, porque ele é uma figura meio especial. E teve uma coisa assim que é... ele falava sobre o uso de camisinha assim: ‘Vista-se pro amor’. Foi a primeira vez que alguém usou esta expressão. Aí as coisas foram, sabe, eu fui aprofundando isso. Você não tem uma revista só de AIDS, quer dizer, uma revista que aborda hipertensão, diabetes e, tarara, AIDS, não pode ficar também todo o número discutindo, mas sempre que possível a gente tinha uma nota, alguma coisa discutindo, sabe, abordando prevenção, tratamento, o que tinha disponível. A... depois, via, via Herbert Daniel eu vim a conhecer o Stalin, que é do Pela Vidda e o Stalin, eh... eu nem sei se ele sabe disso,mas, talvez... O Stalin um dia me liga, eu já tava no processo de sair da revista, foi em 93, eu já estava com saco cheio, não dá mais pra mim, não dá... ah, o meu argumento era o seguinte, eu falava: “Gente como é que eu posso denunciar alguém se nem no meu galinheiro eu consigo tomar conta, eu acho que você botar o dedo no outro, apontar o outro você tem que tomar conta do seu galinheiro direito”. E aí, a diretora que nós tínhamos, ela pegava e mudava pra umas besteiras e a gente tinha que estar brigando, não dá, você percebe como é contraditório. Não dá para você ser contraditório. Aí o Stalin um dia me liga (*ruído*), eu não lembro como é que foi bem, eu só sei que... Herbert me apresentou, a gente às vezes conversava, outras vezes eu fui ao Rio, conversei com ele, fiz outras matérias, inclusive, o próprio Herbert falou: “Olha, conversa com o Stalin quando eu não estiver”. Aquelas coisas. Aí o Stalin me liga e fala: “Conceição, eu vou te pedir uma coisa...” Eu já tava fazendo algumas coisas pro Pela Vidda do Rio, eu fazia texto pra ele, eles faziam o texto lá e eu mexia no texto pra ele, aqui em São Paulo e depois mandava. Aí um dia ele me liga e fala assim: “Conceição, dá pra você fazer um artigo pra gente sobre essa coisa do alternativo, tem

muita gente embarcando, está tendo muito problema, a gente sente isso aqui no grupo...” Eu falei: “Olha, Stalin, artigo eu não faço, eu não sou articulista, eu não sou especialista, eu sou uma jornalista. O que eu posso fazer, eu posso me comprometer com você, é eu fazer uma reportagem pra valer sobre esse assunto. Vou investigar, é uma coisa demorada, pra meses, então eu vou fazer. Pra isso eu não posso, eu sei que os caras são safados, eu sei, mas eu tenho que comprovar, não dá pra eu...” Puta, quando ele me ligou eu fiquei encantada, fiquei encantada, eu fiquei fascinada. Falei: “Putá! Que legal!” E falei: “Putá, como é que eu posso fazer essa matéria tando vivendo essa situação aqui?” E foi aí... sabe aquela coisa? Foi a gota d’água pra eu chutar tudo. Ele não sabe disso até hoje, não é? Foi a gota d’água, nãoé? Porque, sabe, aquela matéria era assim um tesão, sabe aquela coisa... é muita... eu quando vou pra rua fazer matéria, esse tipo de matéria, eu fico... é muito legal, sabe, você construir uma coisa, sabe? Quer dizer, enfim, é muito, muito bom, não é? Aquele lance do xixi(?) que você encontra na matéria. Puta, aquilo ali foi uma novela. Da vacina japonesa, de você montar uma puta picaretagem, isso é muito legal, sabe, você conseguir, vai, vai, vai, porque a pessoa acha... Puta, quando você vê pronta você não imagina o sacrifício que foi pra fazer tudo aquilo. Então, quer dizer, quando o Stalin fez esse, essa proposta ele queria...

DR - É o Stalin Pedrosa?

CL - Justamente Stalin Pedrosa. E aí quando o Stalin fez a, a...essa proposta pra mim, foi assim... sabe, eu falei, é isso mesmo, tô fora, era incompatível eticamente, eu fazer uma matéria que eu denunciar sendo que eu estava vivendo uma situação difícil na minha redação. E fui. Saí, a matéria, era um artigo que ele tinha pedido para o grupo, eu combinei com ele o seguinte, Stalin, eu vou fazer a matéria... eu banquei a matéria inteira, quando tiver pronta eu vou tentar vender para um veículo, porque eu preciso, é uma matéria que custa muito caro, os veículos não fazem uma matéria, essa matéria prum veículo público fazer(?)é raro um veículo fazer hoje em dia. A Veja ainda faz, ainda tem cacife pra isso, TV Globo também, mas em geral eles não tão bancando matéria mais assim. Então, o que a gente combinou foi o seguinte, na hora que estivesse pronta, eu ia tentar vender pra um veículo mas com a condição de que o Pela Vida, publicasse na íntegra. Essa era a condição, senão não tinha, porque foi dali que surgiu a matéria e foi assim que foi negociado.

MR - Ele não aceitou.

CL - Aceitou. Eu negocieei com o Estadão...a matéria, e eles toparam, fazer dessa forma. Depois disso, ao mesmo... aí a reação foi aprofundando, porque ao mesmo tempo, quando eu estava saindo da Saúde, o último dia da Saúde foi um dia assim muito... foi assim, eu, eu tinha... na hora do almoço...não. Na hora do almoço, acho que era uma quarta, sei lá, na hora do almoço... eu tinha dito que... a diretoria do Azul tentou de toda forma me demover, porque aquele negócio, eu vi a revista nascer, eu conhecia aquela revista de cor e salteado, de uma certa forma, eu vivenciei, eu passei por todo um ciclo, de um período que os médicos não acreditavam em jornalistas, odiavam jornalistas, e você foi conquistando aos poucos, conquistando, conquistando, então eu vivenciei todo esse processo, trazer fontes pra revista, onde a revista merecia, porque é muito fácil você falar eu sou do Estadão, eu sou da Veja, agora, você falar eu sou da Saúde, que não existia naquela época, era uma coisa complicada. Aí, nesse dia, na hora do almoço, minha chefe chega para mim e diz: “Ah, eu estou sabendo que você vai embora...” “Eu vou mesmo”. Aí, eu fiquei lá na minha, aí a noite eu ganhei mais um prêmio, a noite ia

ter a entrega do prêmio Abril de Jornalismo, então a noite eu ganhei mais um prêmio Abril, foi sobre uma matéria sobre cólera. Eu lembro que assim o Jatene na época, ele fazia parte da... eram vários médicos, inclusive o Jatene fazendo parte da... Era o Jatene, o Drauzio, eram vários médicos e ele já tinha ficado encantado com a matéria, do cólera, ele disse que nunca tinha visto uma matéria de cólera como aquela.

DR - Matéria que você publicou na Saúde?

CL - Na Saúde. Ele nunca tinha visto uma matéria daquele jeito, tanto é que ele chamou o Tomás Souto Corrêa, que é o vice-presidente da editora Abril, pra... porque é assim, a revista Saúde é da Editora Azul, mas é um grupo, Abril... faz parte do grupo Abril. E o professor Adib chamou o Tomás para elogiar a matéria. Aí, depois do prêmio, o Tomás... o Tomás... Tomás não... eu passei pela mesa, então estava o professor Jat... professor Adib, o Juca Kfourir, Roberto Benevides... aí o professor Adib elogiou, comentou a matéria para mim pessoalmente, e aí o Juca falou assim, ainda brincou comigo: “Conceiçãozinha, tô sabendo...”, ele era diretor da Playboy,”...tô sabendo que você tá saindo da revista, me dá uma ligada.” Eu falei: “Tá bom, vamos lá. Vamos ver.” E aí foi aí que o Juca me propôs fazer essa matéria sobre...sobre...sobre AIDS pra revista. Eles iam fazer uma matéria sobre... eles iam entrevi.... eles iam entrevi....eles chegaram a entrevistar o Dráuzio pra matéria, foi uma entrevista longa, depois a redação, uma entrevista que ia ser legal, eu e o Dráuzio, eu não sei como é que foi, lá pelas tantas surgiu o meu nome... isso, antes do meu deslance da Saúde, surgiu o meu nome. E o Dráuzio falou: “Mas antes de falar comigo, porque vocês não dão isso pra uma jornalista fazer, uma matéria... antes de me entrevistar manda alguém fazer uma matéria sobre isso, vocês tem fulano, aquelas coisas toda, tarara, tarara, vocês tem aqui na editora, essas coisas”. Aí as pessoas: “Ah, mas ela está trabalhando”. E o Dráuzio disse: “Pelo que eu sei ela já está saindo”. O Dráuzio sabia de toda a minha história ali, que eu já estava de saco cheio. Aí coincidiu. Aí eu fui fazer o projeto pra Playboy. O projeto...quer dizer, o grande desafio que foi colocado que era, o que foi colocado era o seguinte: a AIDS é uma doença...é uma...é ligada a morte, Playboy é uma revista de prazer, como é que você vai conduzir isso, não é? E... era um puta desafio, puta, é aquele negócio, eu nunca tinha pensado em escrever pra homem, não é? Ainda sobre AIDS, não é? Quer dizer, era uma coisa... Aí, quando eu comecei a levantar os dados... eu estou fugindo da sua pergunta, agora que eu estou sacando...

MR - Não, não, vai levando, tudo bem.

CL - Aí quando eu comecei a fazer a matéria eu falei para o Juca: “Como é que pode fazer essa matéria ... porque é um... enfim, é uma coisa... como é que vai se desenvolver”... Eu falei: Olha...” Aí fui, conversei com um monte de gente primeiro, aí cheguei a conclusão que você não tinha nada no Brasil sobre (?) sobre AIDS. Cheguei para o Juca e disse: “Olha, dá para fazer uma matéria assim, assim, assim. Só que a gente precisa de uma pesquisa...” e o Juca disse: “Não tem dado nenhum, de mulher você tem alguma coisa ainda esporádica, de homem você não tem nada.” Do chamado homem heterossexual, não é? Porque você tem algumas pesquisas, a pesquisa sobre homens que são sexual... Mas enfim, pra aquele leitor da Playboy, que você tem uma... chegar e falar prum homem, supostamente, (*tosse*) heterossexual, como é que você ia fazer? Como é que eu ia me virar ali pra... inclusive, uma coisa que eu tinha que desmistificar que é que... não era uma coisa de *gay*, começava por ali, não é? Então, quer dizer, tinha que armar muito bem a matéria.

MR - O tom da matéria é todo esse mesmo.

CL - É o tempo inteiro. O tempo inteiro. Aí eu falei Juca: “Tenho que fazer uma pesquisa”. O Juca falou para mim: “Quanto custa?”

DR - O que ele te pediu foi uma matéria sobre Aids para Playboy.

CL - Só.

DR - O resto ficou por sua conta.

CL - Aí, puta, era um desafio, né? Eu não sabia, não sabia por onde pegar, né? Aí, primeiro entrevistei umas pessoas pra eu sentir. Aí cheguei a conclusão que precisava de uma pesquisa.

DR - Deixa eu só fazer uma pergunta: Qual é o público que você acha da Revista Saúde?

CL - Eu não sei o público que é hoje, mas você tinha...você tinha...ele era mais mulher do que homem, mas não era muito mais não, ele tinha um público masculino considerável. Era um leitor em torno de 30, 40 anos, não é? Classe é...acho que, predominantemente, B, predominantemente, B, tinham poucos de C, quer dizer, C em função da situação econômica, sei lá, pelas cartas que vinham, mas ao mesmo tempo, ela como era uma revista pobre, tinha um papel super vagabundo, ela afastava a chamada classe A, tá? Então ela afastava, embora o conteúdo dela fosse um puta de um conteúdo.

E era...

DR - E era um público diferente do público da Playboy.

MR - Totalmente.

CL - Totalmente. O público da Playboy... é o seguinte, a pessoa que compra uma revista de saúde, ela está preocupada em se cuidar, de uma forma ou de outro, inclusive, uma coisa que eu acho, as pessoas acham que o nosso leitor era hipocondríaco, não era, você tinha alguns, mas eram pessoas que queriam se cuidar, não era... já o leitor da Playboy, é uma pessoa, obviamente, está preocupada... está em busca do prazer...

MR - A faixa mais ou menos dos 30 a 50 anos, provavelmente.

CL - Eu não sei... eu tenho dados sobre isso...

MR - Porque me parece que...

CL - Não, não, olha tem uma molecada que lê Playboy...

MR - É, mas não as matérias de fundo...

CL - Ah não, não, é pra homens mais...

MR - Exatamente. A molecada lê porque vê as mulheres nuas, isso é uma coisa. Agora as matérias de fundo, me parece...

CL - É...

MR - Que é pra homens entre a faixa de 30 até os 50...

CL - A faixa de 30 até os 50...

MR - ... 40 a 50 anos, geralmente, homens assim em ascendência profissional, tem todo um perfil, jovem executivo...

CL - Tem figuras interessantes, algumas entrevistas da Playboy são históricas. Nossa senhora! Coisas lindas. Algumas entrevistas lindas.

MR - O que me impressiona nessa sua entrevista, quer dizer, sua matéria da Playboy, é que ela tem uma identidade mesmo, ou seja, você não está lendo uma matéria para as pessoas em geral...

CL - Não, não.

MR - Você está lendo para...

CL - Quando eu faço uma matéria eu penso no meu público, aí é que é o meu diferencial, eu não faço a matéria pra Conceição, fazer a matéria me dá prazer, muito prazer, não é? Porque é assim, jornalismo pra mim é uma forma de estar na vida, não é? É...mas me dá prazer, é legal, eu fico feliz, mas eu penso naquele cara que vai ler, não é? E aí eu tento driblar a existência de... eu tento me an-te-ci-par ao que ele vai pensar, o que ele vai perguntar... é aquele negócio, se não você não atingiu a meta. Eu não faço a matéria para mim, não faço mesmo. E acho que talvez esse seja o segredo, sabe? Do meu jornalismo...

MR - Mas Conceição...

CL - ... do jeito que eu faço.

MR - Conceição, deixa eu te provocar um pouquinho.

CL - Fala.

MR - Mas não haverá aí uma faca de dois gumes?

CL - Ah.

MR - Ou seja, concordo com você... porque eu tô...eu estou aprendendo a te conhecer pelas entrevistas isso está ficando muito claro pra mim, o perfil de uma pessoa profundamente ética, preocupada com a ética no seu fazer. Mas, por outro lado e tomando como padrão essa matéria que me impressionou muito, inclusive, eu li e

briguei muito com ela hoje o tempo inteiro, você sabe muito bem disso, né? Brigou discutiu muito a matéria etc, por outro lado, esta matéria, repito, ela tem a...

Fita 3 – Lado A

MR – Enfim, a gente está lendo a matéria, a gente está vendo, eu pelo menos, eu via o cara, o tipo, não é? O protótipo, ou o protótipo, digamos assim, do leitor dessa matéria. Muito bem, e obviamente que dá para perceber também, todo o seu esforço, né? Em passar da maneira mais suave possível, informações mínimas, com uma consistência mínima e o menos comprometida possível com um determinado padrão mais tacanho de pensamento. Por outro lado, por outro lado, assim que pese tudo isso, talvez, você relendo a matéria, ou mesmo no ato de fazer, você tenha percebido que isto, quer dizer, que todo esse esforço e esse público alvo tenham acabado por... tenham acabado por...por impor certos limites no desenvolvimento da própria reflexão sobre a questão. Por exemplo, você acabou de me responder ainda há pouco, como falar de AIDS e prazer (??), por exemplo, não há a mínima alusão ao processo da doença, ele mesmo. Quando aliás, esse processo da doença ele é...tênuê...

CL – ...mas aí é o seguinte. Você está falando de AIDS para um leitor que não quer ouvir de Aids, tá? Um leitor que acha que AIDS não diz respeito a ele, e você, não adianta eu ficar com mil teorizações porque ele... é preferível você passar X, do que passar X mais Y, porque eu vou afastá-lo. Então, eu preciso ganhá-lo para a leitura tá?

MR – Entendo...

CL – Então, você tem que pensar nesse leitor. O que adiantava eu ficar fazendo um negócio *hard* que o cara pegava, na primeira ele jogaria a matéria fora. Então, é preferível... você tem driblar com isso, sabe? É aquele negócio, você não faz para você, você não vai satisfazer o teu ego, a mensagem, ela só é cumprida quando o cara acabou de ler e entender, se eu conseguir com que um homem em função disso deixou de pensar que AIDS é uma coisa só de *gay*, eu ganhei essa parada, tá. Ganhei mesmo, eu não estou... sabe, não adianta você despejar tudo, eu falar que a doença... não, não adianta, porque eu tinha uma meta, era despertar a consciência dele para a possibilidade dele ter riscos. Você vê que todas as construções, o que fui buscar? Eu fui buscar homens bonitos, mulheres bonitas, não é?

MR – Falamos sobre isso...

CL – Não é? Os homens bonitos, mulheres bonitas que...

DR – Atores conhecidos...

MR – Atores conhecidos...

MR – As atrizes dando declarações assim altamente eróticas...

CL – E agora você imagina, pra arrancar isso dele, das pessoas (*risos*), porque aí você só tem um resumo, mas pra chegar nisso, né? Teve gente conhecida que se recusou dar entrevista pra mim, sabe? Então, eu acho que...é aquela coisa, quando você pega vê um homem super bonito, super interessante, como o Fagundes que fala que tem um risco,

que tem que se cuidar, quando vem o Dráuzio falar das meninas, eu tenho atendido meninas aqui que poderia ser capa da revista, então, eu estou aproximando esse cara pra esse universo. Não adianta eu mostrar o cara todo ferrado, não, é gente muito bonita falando, olha diz respeito a mim, a você, é você aproximar, é ganhar esse leitor. Então, se eu conseguir com que o homem em função disso... porque o que eu fazia, eu ficava pensando, pular cerca, aquela coisa, eu ficava raciocinando a coisas que eles fazem para poder ir driblando as situações, tanto é que no fim tem aquela coisa do Washington Olivetto que ele começa e no fim a gente fala, deve estar ...

MR – Ele é quase um fio condutor.

CL – Ele é o fio condutor, porque eu fui provocando, fui provocando... ele é um cara interessante, ele já fez campanha de Aids, ajudou gente aí... mas, quer dizer, na hora que você se defronta, puta, camisinha...

MR – Eu não! (*risos*)

CL – Eu não, é... então, sabe, acho que é isso, você tentar... e acho que é assim, eu usei um duplo discurso, não dava para você ficar só no discurso médico, o médico, ele serviu para dar abordagem científica, mas o convencimento, foi por pessoas que eles admiram, homens e mulheres...

DR - Que eles se identificam...

CL – ...que fazem parte do imaginário deles, foi proposital... quando eu mostrei a foto da Maitê Proença, puta *slidão*, lá no Japão, os caras babaram, aquilo veio abaixo. O Frejat, o Frejat ele não é bonito, ele tem um puta de um charme... então, é aquele negócio, prá uma mulher o Frejat falando é importante. Então eu pensei em tudo isso, eu pensei no Tande que era um cara mais jovem, sabe quando você pensa em todas as coisas, de cercar o tempo inteiro.

CL – Jogou com os objetos de desejos e com os modelos...

CL – Com os estereótipos...

MR - ... do desejo.

CL – ...do desejo.

MR - Hum. Hum. Isso é bem visível porque, por exemplo, a matéria, ela, ela, ela, acredito que 70% da matéria, eu até me dei o trabalho de contar e tudo mais, até comentamos sobre isso, da matéria, acaba se tornando, digamos assim, como que um... acaba se constituindo numa estratégia de convencimento para o uso da camisinha. Eu não sei se você concorda comigo.

CL – De responsabilidade, quer dizer, você... de responsabilidade em relação a você, em relação a sua parceira, quer dizer, você faz um sexo seguro, mostrando que você pode continuar... quer dizer, AIDS não significa fim do prazer. Então, é essa a preocupação. Porque esse leitor está em busca do prazer, então você tem que, na linha do raciocínio dele até de como tornar a camisinha mais erótica, até nesse ponto, quer dizer, tem que

pensar em tudo. Porque é aquele negócio, volto a insistir, você não faz, sabe? Quando você faz uma matéria de saúde, em saúde especificamente, na verdade acho que isso é para tudo, você não faz para você, faz para esclarecer o teu leitor, e é um leitor que varia, o leitor da Playboy é um, da Saúde é outro, da Contigo é outro, do Estadão é outro... sabe, então você tem que lidar com essas limitações desses leitores. Por exemplo, para a Contigo, adiantava eu ficar fazendo uma matéria sobre o coquetel? Não. A Contigo é uma revista de televisão, que que eu fui... o título era Vitórias da Prevenção e tinha um box sobre tratamento. Então, eu fui por um outro caminho. Isso é que é legal, é você sacar para cada veículo o que você vai fazer, o que você... é aí que é diferente, não é só baixaria. Hoje eu vejo, por exemplo, muitas revistas, muitas matérias na imprensa sobre saúde, eu costumo brincar assim com o pessoal mais íntimo, que as matérias vão sozinhas para a gráfica, aquele gráfico lá do corpo humano e vamos embora, é sempre igual, sempre igual, sempre igual, então, elas não tem criatividade, sabe. Então.. A Hipertensão, A Diabete, A não sei o que, A não sei o que, A Impotência, A...sabe? E tudo assim.

MR – São pequenas monografias sobre o assunto.

CL – Exatamente. Então, eu não tenho... eu não estou pensando se o leitor vai entender... Por exemplo, no caso do Congresso de Vancourver, não é? Além das informações erradas que aconteceram, puta, os caras... tinham obrigação... porque quando você faz uma matéria você tem que pensar nos efeitos colaterais da matéria, os possíveis efeitos colaterais da matéria, não dá para você não pensar nos efeitos colaterais. Então, naquele momento, o cara que está fazendo matéria sobre o coquetel, no congresso ele era obrigado a falar de prevenção, mesmo que a matéria não falasse de prevenção ele tinha, era sobre coquetel a falar, tem que continuar prevenir, não sei que, não sei que... você tem que arranjar, é ético, é necessário. Porque é aquele negócio, é aquele negócio, saúde é um...não é como...é assim, saúde é uma coisa...como eu te falaria? Não é como quando a gente tá fazendo Economia ou Política que você está falando de uma teoria e pode deixar a coisa passar batido, não, isso aqui tem um interferência direta na vida da pessoa, quer dizer, o que que aconteceu? Pelo que eu sei teve um monte de gente que deixou de usar camisinha, começou a transar adoidadamente por aí, enfim, quer dizer. Enfim, talvez essa pessoa já tivesse uma predisposição para isso, sabe? Não é que a imprensa, talvez não necessariamente tenha causado, mas, é aquele negócio, é a fome com a vontade de comer, sabe, é um facilitador. Eu acho que você não pode fazer isso, é irresponsável, você tem que pensar nos efeitos da sua matéria. Quando eu, por exemplo, eu fiz a matéria, a denúncia no Estadão sobre os tratamentos alternativos, quando eu pego e falo pros caras que eles estavam usando uma vacina que na verdade é uma puta enganação, quando não sei que, não sei que... aí ao mesmo tempo você tem que mostrar o que ele pode fazer, você não pode deixar aquele cara... sabe, você tem que mostrar que a prevenção, que as infecções... hoje isso daqui mudou muito, o tratamento mudou muito, então você tem a prevenção das infecções oportunistas, quer dizer, então, você tem que dar instrumentos para pessoa... isso aqui é assim, é fajuto por isso, por isso, por isso, quer dizer, um cara que eles adoravam, puta, o velhinho lá de Piracicaba tinha uma farmácia no centro da cidade e vendia assim, o chazinho, o pote piripimpim mais famoso dele lá, ele dava de graça ou era um real ou era baratinho. Agora você ia na farmácia para comprar o resto ele dava uma puta de uma receita desse tamanho, era uma puta grana. Eu nunca vou esquecer da cara de algumas pessoas, que eu ia, eu fui lá participar da reunião, e pessoas que saíram juntos da reunião foram comprar remédio, eu estava ali fazendo matéria,

então, eu estava observando todo mundo, mas as pessoas estavam lá depositando as esperanças delas, puta, e o desespero delas quando viram que a receita custava uma puta grana, sabe. Quer dizer, então, elas sentiam... (*ruído de carro*) era muito caro, eu não lembro quando era, mas era muito caro, então elas saíam dali derrotadas, sabe, é como se elas tivessem deixado a esperança, a cura, a chance delas passarem por perto, porque o doutor falou que aquilo é bom para isso, para aquilo, para aquilo, para aquilo. Então, é uma coisa delicada. Quer dizer, não teve nenhum caso, se é o que você vai me perguntar depois, nenhum caso de pessoa, sei lá, irmão, um tio, com HIV. Não. Foram, a coisa foi juntando na minha vida...

DR – Seu envolvimento foi profissional.

CL – Foi profissional e hoje acho que ele não é tão profissional, hoje ele é profissional e humano. Porque é assim, eu tenho grandes amigos, grandes amigos da área, assim grandes, grandes amigos... Semana passada foi tão engraçado, liga para mim um médico, um cara super fera, mandou um paciente dele ligar para mim, de vez em quando acontece uma coisa dessas, aí qual foi a história, quem atendeu foi o meu marido: “Olha, fulano assim, assim... Ligou não sei o quê ligou para falar com você, mas não quis deixar recado”. Quando não quer deixar recado eu já suponho de onde... Dr. Fulano que mexe com Aids não quis deixar recado nem nada, eu já intuo por onde eu estou indo. Aí eu liguei para o médico, ele disse: “Ah! É fulano.” Então eu falei, me dá o telefone que eu ligo para ele. Na verdade ele é um cara, é um (?), é um cara assim, é uma pessoa super diferenciada, super cheia de grana, super, super, super, está super bem, né? Só que no meio onde ele convive, ele não tem encontrado... a situação dele sorológica é conhecida, mas as pessoas não se abrem, então ele sente falta de discutir isso com pessoas que tem... ao mesmo tempo, ele fica meio assim de ir pros grupos, prás ONGs, né? E é uma barra pesada, é duro, sei lá, não é fácil. Se você parar em alguma ONG mais... e olhar a cara das pessoas é uma coisa dura de vez em quando, né? Então... e se você está preocupado com a tua situação imunológica, com seu stress, com não sei o que... aí liguei para ele, ele disse: “Eu quero conhecer algumas pessoas, eu estou em dúvida, porque o médico fala que acha que eu ir para ONG não é legal, porque eu sou muito sensível, que eu vou ter um baque e eu fico pensando se é legal, mas eu gostaria de discutir com pessoas. Você quer arrumar umas pessoas para eu conversar? (*risos*) Alguém já te pediu isso?” Aí você ri, uma pessoa super bom astral, eu nunca servi de pombo correio, mas, vamos lá. Aí, o Dr. falou que você, não sei que, não sei que, então vamos. Aí já escolhi uma pessoa, mas a pessoa falou por telefone: “Não!” Só quando ele vier a São Paulo. Então, você, quer queira quer não, você acaba se envolvendo, você...hoje é uma coisa assim...

DR – Na verdade, ele queria uma pessoa que esteja envolvida na questão...

CL – Com Aids, HIV positivo...

MR – Pra poder trocar com ele a experiência...

CL – ...a experiência. Porque não adianta, é aquele negócio, por mais que eu seja amiga eu não vou conseguir...

DR - Prá vivenciar?!

MR - Você não é soropositiva.

CL - Não vivencio.

MR - Claro!

CL - Então a coisa passa por aí. Então, hoje eu tenho um monte de amigos nessas circunstâncias e cada vez mais, mas, não foi assim uma coisa de eu ter uma pessoa, aí eu fui motivada, não, eu acho que... e eu chamo esse profissional, é uma coisa assim, não é um profissional, profissional assim, de fazer matéria. É o interesse pela vida, essa preocupação de prevenção, sabe, de uma atuação maior, não é a coisa assim, eu só tenho interesse de fazer a minha matéria, fechar a minha matéria, não, nasce, eu nunca fui de fechar matéria, eu faço matéria, eu vou pesquisar, me dá... se você me dá uma nota para eu fazer, eu vou fazer a nota com o mesmo carinho como eu faço uma puta matéria. Então, é por aí que passa, é uma coisa... é assim... é uma coisa... eu nunca pensei nessas coisas, eu estou pensando alto, cuidado com o que vocês vão...(risos) que eu mato vocês depois, eu mato vocês depois. Os meus entrevistados lêem as matérias, eu leio para eles, viu? Olha o que vocês vão fazer comigo, hein? Eu faço e faço, só quem eu denuncio que eu não deixo ler, o resto...

MR – Não, a gente quer provocar você um pouco mais, entendeu... eu quero cutucar ela um pouco mais. Na sua conferência você diz o seguinte num certo momento”, sempre que uma matéria distorcida sobre AIDS é publicada, rapidamente repercute no cotidiano de profissionais de saúde e dos ativistas, muito bem. Mais a frente você diz que é “um dever exigir direito das pessoas HIV-AIDS. AIDS, é um dever delas exigirem informação correta e que isso seja respeitado, também diz, já nós, jornalistas, toda vez que fazemos uma matéria sobre HIV e AIDS precisamos pensar nas implicações e sermos cada vez mais cuidadosos na seleção das fontes, na edição do texto, afinal, estamos lidando com a esperança, o imaginário, essa questão do futuro de milhões de pessoas com Aids, em geral o nosso papel vai além do que informar, ajudamos também a educar e a promover a saúde”. Perfeito, tudo isto você tem trabalhado aqui com a gente, tem discutido, tem explicitado, agora, muito em cima da necessidade da prevenção, como estratégia fundamental para a qualidade da saúde. Para que os infectados tenham qualidade de saúde, tenham uma sobrevivência melhor e para que os não infectados escapem...

CL – A prevenção primária e secundária.

MR – Sim, veja bem, agora, por outro lado e voltando a matéria da Playboy, que essa matéria, realmente, é bastante interessante, ela é emblemática sobre isso, você acabou de nos dizer anteriormente... eu vou casar as coisas, tá? Acabou de nos dizer anteriormente que o grande dilema era, criar uma matéria que tratasse de AIDS associada a vida e ao prazer para um público alvo que sempre se achou imune a AIDS. A AIDS não tem a ver comigo, não é isso, que AIDS é coisa de gay, coisa de homossexual, de um fudido na vida, drogado e por aí vai. Ora, ora, e obviamente que há resistências nesse grupo que se julga eleito, imune etc.. Muito bem. Até que ponto, pergunta nossa, até que ponto a mídia não foi responsável por isto?

CL – Ela foi... eu acho que é assim...a mídia, ela...primeiro ela reflete...É o seguinte. Eu acho que primeiro a mídia, ela reflete o chamado pensamento de *status quo*, tá? Ela

reflete os que os médicos, a comunidade científica pensava até determinado momento (*tosse*), ela reflete isso, não é? Só que, ela, ela...quer dizer, os avanços foram acontecendo, os esclarecimentos e ela não escapou, ela não soube, em algumas vezes, ela não soube acompanhar a rapidez com que as coisas vão acontecendo, você ainda ouve falar em grupo de risco, você ainda ouve falar em *aidético*, você ainda ouve... Enfim, então, a mídia, ela foi responsável mas ela é um eco do que os médicos diziam também. Porque tem uma coisa...

MR – Ou seja, esse imaginário não foi muito construído em cima do próprio trabalho da mídia, a mídia não construiu um imaginário? Ou não conseguiu contribuir para que fosse um imaginário negativo em rela...

CL – Con, contribuiu, mas ela, ela, ela, eu acho assim, ela contribuiu...Eu acho que são duas coisas: primeiro ela refletiu, ela não fez uma crítica ao que vinha da comunidade científica, ela refletiu, ela deu eco, tá? E aí ela foi irresponsável, ela deu eco a esse...sabe? A essa visão, ela ajudou a espalhar isso.

MR - Hum.Hum.

CL - Não é? Então, eu acho que ela ajudou a construir esse imaginário errado. Seguramente, absolutamente.

MR - Hum. Hum.

CL - Agora, eu acho que você não pode separar a mídia da comunidade científica.

MR - Não. Claro que não.

CL - Eu acho que esses preconceitos, em relação a doença, em relação aos grupos atingidos inicialmente pela doença eram preconceitos que existiam na mídia e nas pessoas, porque são pessoas, a mídia é pessoa.

MR - Claro.

CL - Então são preconceitos que existem nas pessoas. Então, assim como existem nos médicos, existia o... homens ele não é diferente, tá? Ele não é diferente. Então, ele deu eco a essa coisa. Aí eu acho que o seguinte, por isso que eu abordo daquela forma ali, eu acho que, eu culpo... eu acho assim. Hoje ainda acontece isso, infelizmente. Sai uma matéria distorcida e todo mundo fica quieto, todo mundo que eu digo, médicos, ONGs, sabe? Todo mundo fica por isso mesmo. Você viu, ouviu...a Folha de São Paulo publicou na primeira página a matéria “Eliminação completa do Vírus”. As ONGs se manifestaram dizendo “Isso é um absurdo!”, não sei o que, ou os médicos se manifestaram... tem um ou outro que fala, mas vamos convocar uma coletiva, a ONG tem esse poder de falar “Olha, o que está se falando é uma besteira.” Então, o que que acontece? Como... e aí que eu acho que às vezes há uma certa, não sei se conivência ou omissão, eu não sei qual é o termo mais adequado para isso, porque eu acho, por exemplo, no caso de Vancouver, merecia que um grupo de médicos ou as ONGs, enfim, o que fosse, viesse a público naquele momento e falasse “Tudo isso é besteira! Não é assim, vamos colocar nos devidos lugares porque isso é irresponsável.” Porque é o seguinte, no fundo, todo mundo tem medo de perder o espaço na mídia, todo mundo não

quer ficar antipatizado, porque, “afinal, meu colega falou uma coisa”. Então, fica, é uma certa... eu acho que a mídia ela continua fazendo isso porque há uma certa convivência, eu não sei se o termo é convivência... Eu acho que se os caras batessem mais eu acho que pensaria um pouco, teria um pouco mais de cuidado. Então, quer dizer, ela ecoou sim, agora, eu acho que...

MR – Conceição, a quem serve mais uma matéria como essa? Por que que de repente a Playboy está preocupada ou esteve preocupada com uma matéria de prevenção para um tipo...

CL – Para o leitor dela.

MR – ... Exatamente, para o leitor dela que representa um tipo, um extrato da camada social que se julgou sempre imune a AIDS.

CL – Eu acho que advém da preocupação social do Juca, tá? Eu acho que veio daí, do Juca ser uma pessoa preocupada socialmente com a questão. Eu acho que quando você... o que o Juca fez foi uma puta audácia, foi a primeira vez no mundo que a Playboy abordou a AIDS pra valer, tá? Foi uma puta audácia. Então, isso põe uma responsabilidade social. Então, é por aí, não é um outro interesse, sabe? Sei lá, todos nós temos amigos que estão com HIV, e tudo, mas eu acho que não passa, pode até passar consciente ou inconsciente, mas eu acho que, no caso...o próprio Juca falou isso.

DR – O Juca, por exemplo, acreditaria realmente que a Aids é um problema de todos, inclusive o público da Playboy.

CL – Seguramente, seguramente, seguramente, seguramente. Tanto é que ele bancou a pesquisa. Raríssimas vezes... foi uma pesquisa super cara, ele bancou e, bancar uma matéria dessa na Playboy aí tem que ser, tem que ser... são verdades que tem... sabe, são fatos, eu não diria verdade, são fatos que tem que ser colocado, foi uma puta audácia (*tosse*). Eu acho que é assim, o jeito de você abordar, se você aborda ou não aborda é uma questão de responsabilidade social, assim como, quando o Airton de Almeida da Playboy, da Contigo, decidiu publicar, pediu para eu fazer, topou a matéria, foi um negócio muito legal, foi a primeira vez que eles tiveram uma matéria... porque o que acontece, artista não quer assumir a posição de AIDS...

MR – Sim, compromete a imagem.

CL – É uma revista de artistas, como é que você fica? Você percebe? Ele não pode falar de doença, então foi uma oportunidade, é legal? É legal, é louvável, e super bom. Eu acho que passam por essa preocupação maior, preocupação com a vida mesmo. Eu acho que é assim, você tem que entender que na empresa também tem gente legal, viu? (*risos*)

MR – Eu acho que não é isso não. Eu acho que não me fiz entendido. Mas tudo bem. Vamos ver uma coisa aqui na página 73... (*interrupção da fita*)

CL – ... Sabe, não é a profissão só, não é a forma de eu ganhar dinheiro só, é uma forma de eu estar nesse mundo, de verdade, eu acredito que você possa mexer... Por exemplo, nesse momento eu vou fazer... tem o laboratório Fleury aqui em São Paulo, que é maior

centro de diagnóstico do país. Me chamaram para eu fazer uma mudança radical no boletim que eles tem, que é sobre... é uma revista de diagnóstico, é um boletim que, teoricamente, ele é destinado a esclarecer médicos sobre trata... sobre exames, não é? Só que na prática ele é assim...

DR – É um laboratório público ou particular?

CL – Não, particular. É o maior que tem. Tem convênio internacional, é super, super, e é um pessoal muito qualificado, é um pessoal todo ligado a universidade, é um pessoal de primeira linha. Aí eles me chamaram para fazer uma revisão no boletim deles. O que que eu achava, não sei que, não sei que. É um boletim que ele era nesse momento, até agora, era um boletim institu... mais assim, dos exames do Fleury e eles falavam, o que você acha que pode ser feito? Eu falei: “Olha, se vocês quiserem fazer um boletim de educação, de atualização, que não é um boletim de, de, de, dos exames do Fleury, mas como uma ponte na clínica que vai poder entrevistar os médicos fora, junto da universidade, de educação realmente aos médicos, que você não tem isso no Brasil, são horríveis, ou é feio, mal redigida, da, da, da, da, se vocês toparem, quiserem fazer um boletim de verdade de educação, com linguagem e jornalística ágil, não sei que, tarara, cientificamente, than, than, than, than, eu topo, e vou fazer”. E eles toparam.

Data: 29/11/1996

Fita 3 – Lado B

DR – Hoje são 29 de novembro de 1996, a gente está dando continuidade a entrevista com Conceição Lemes. Estamos em São Paulo e ela vai retomar o que ela estava falando antes.

CL – Eu acho o seguinte, quando você me pergunta da mídia, da responsabilidade da mídia, é assim, eu acho que ela tem uma responsabilidade, agora, ela funciona sempre, quer dizer, ela funciona como um eco... as coisas chegaram nesse ponto porque alguém falou, porque algum médico falou, é aquele primeiro discurso... quando vai para a mídia, até você fazer a mudança desse processo a coisa já... sabe? É por isso que eu costumo dizer, em saúde não dá para você ser mais ou menos, você pode jogar a pessoa no céu ou no inferno. E não dá para no dia seguinte você falar “Olha, sinto muito, nós erramos.”, não é? Então, como as questões de AIDS sempre foram carregadas de preconceito, preconceito inclusive da própria comunidade científica, eu acho que a própria comunidade científica com o AIDS, ela se humanizou, tá? Ela foi obrigada a se humanizar, a reconhecer que ela... no caso dos médicos, que eles não eram onipotentes, eles tinham até então, quase tudo eles conseguiam, sei lá, curar. Infectologista até então, ele curava as doenças, quer dizer, eles estavam mais acostumados com vida. Eles não estavam acostumados com morte, não é? Então, vamos dizer (*tosse*), o pessoal que lidava com AIDS, que tava mais habituado a essa...essa...enfim a essa, essa situação, então, houve uma humanização dos próprios médicos nesse sentido, eles foram obrigados, eles começaram a se defrontar com a morte todas as semanas. Agora, é assim, eu acho que vão pensar aquela história de AIDS não passa de mulher para homem, não é? Quem falou isso foi um médico super famoso aqui em São Paulo, deu uma grande entrevista nas páginas amarelas, então, você vinha no comecinho de uma epidemia onde você associava a AIDS a comunidade sexual, aí, de repente, você começa a fazer um trabalho que não é bem assim, tem outras coisas, enfim. Aí de repente vem um médico super conceituado e fala: “Olha, não é assim, não passa”. Então, quer dizer, ali, talvez, provavelmente, se ele fosse um jornalista mais cuidadoso ele terminava a coisa de uma forma dando um pau no cara, mas como é que você vai...

DR – Questionar a palavra de um médico famoso?

CL – ...questionar a palavra de um médico famoso? Quer dizer, se você não tem base para isso, você dança. Eu sei que uns tempos depois eu encontrei esse médico no programa Roda Viva e eu perguntei pra ele, como é que... aí ele disse que não tinha dito. É outra coisa, os médicos dizem... algumas vezes nós fazemos a burrada assim, embora eu tenha todo cuidado, eu checo as minhas matérias, todo mundo que trabalhou comigo, é uma coisa que a gente cultivou, esse cuidado. Quando eu falo do pessoal que trabalhou comigo eram repórteres que trabalhava para a revista, então, é uma coisa que eu sempre... quer dizer, a Judite me ensinou, eu ensinei, era uma coisa que sempre... era um cuidado que a gente tinha e eu encontrei esse médico no Roda Viva... Ah! Só retomando, normalmente eles falam, a o jornalista... quando dá uma merda qualquer é o jornalista que não anotou direito, o jornalista que não sei o que, o jornalista... sempre sobra, é muito fácil sobrar pro jornalista, nós é que distorcemos, nós é que não sei que, nós é que não sei que, só que às vezes, eu já vivenciei isso, o cara falou sim! Então você vai e sustenta, o cara falou e acabou, tanto é que, por exemplo, quando eu tenho dúvida

eu falo assim, o que você estava querendo dizer mesmo? O que que é? Me traduz. Quando eu vejo que é alguma coisa meio dúvida, alguma coisa assim, eu tenho essa preocupação. Então..., tem esse lance deles dizerem culpado mas às vezes... então sempre sobra para gente, às vezes realmente nós somos culpados, mas às vezes o cara disse aquilo realmente. Então, eu cobre dele: “Mas como, o senhor está dizendo que não disse, então porque que o senhor, já que teve tanta repercussão a entrevista, porque que o senhor não veio a público mentindo, que não era aquilo, puxa era a Veja, páginas amarelas, um milhão de exemplares, por que que o senhor não veio a público e disse que não era verdade aquilo?” “Não, mas o jornalista...” “Olha, o senhor vê que coincidentemente, esta mesma coisa se repetiu numa outra revista. Como é que fica, se em função da sua entrevista, algum homem se sentiu protegido, não usou a camisinha e se contaminou.” E fui, e fui, e fui. Então, aí o que aconteceu? Numa hora dessa você passa por chata, você passa por chata mas, quer dizer, você tem que ter, para você cobrar você tem que ter um certo subsídio que às vezes você não tem, que o jornalista não tem. Mas, às vezes... e aí o que que caberia... caberia os médicos, convoca uma coletiva, acho que você tem instrumentos para fazer isso. Mas aí é uma situação que eles deixam por nossa conta a responsabilidade de fazer a guerra, não é? Só que, é aquele negócio, você...

DR – Na verdade quem divulga é o jornalista.

CL – É, mas só que, ele divulga, agora você tem que ter substrato pra isso, tá? Então, você não pode dissociar. É sacanagem a pessoa...em São Paulo não é palavrão... É sacanagem você separar isso, não é real. Então, eu acho que para você mexer nessa estrutura você tem que pensar em todos os lados, todos os lados tem uma responsabilidade nesses processos, sabe? As próprias ONGs que tem essas informações, quando elas se calam elas tem responsabilidade sobre isso, então, é muito simples: porque a mídia, porque a mídia... , é a bola da vez. Agora, como é que a mídia soube disso?. É aquele negócio, vamos pegar o caso de Vancouver, no caso de Vancouver é um outro caso, foi um caso de irresponsabilidade, incompetência e não sei mais o que...

DR – Não se falou em Vancouver que esse coquetel...

CL – Era a cura, não é? Não se falou em zeração, não se falou em eliminação do vírus, não se falou em nada disso, tá? Quer dizer, então foi uma situação que eu vivenciei como jornalista, então foi uma coisa que deu para você comprovar.

MR – Aliás, ontem, interrompendo você um instantinho, saiu essa nota no Jornal do Brasil. Jornal do Brasil de 28 de novembro, quinta-feira, né, diz o seguinte: “Coquetel reduz 99% do vírus do HIV. A AIDS poderá ser tratada como uma doença crônica. O coquetel com AZT e 3TC e inibidor de protease, conseguiu reduzir em 99% a quantidade de vírus no sangue de pessoas infectadas. Segundo estudo feito em hospitais de 14 países, com 1892 pacientes, durante 4 meses patrocinado pela Glaxo, Glaxo...

CL - Glaxo.

MR - Glaxo, né? Eu pronuncio Glaxo. Me disseram que era Glaxo.

CL - Não. É Glaxo Welcome.

MR - Glaxo Welcome... o vírus do HIV quase desapareceu dos vasos linfáticos. Isso significa que talvez o tratamento possa ser suspenso e o vírus não volte a se manifestar”.

DR - Eu acho que isso tá... é JB mesmo!

MR - É JB!

CL - JB!

MR - JB, no bloco de ciência.

CL – Eu acho o seguinte, primeiro é... vamos pegar ponto por ponto. Eu acho que a Aids, a tendência, eu tenho a impressão, que ela... aí eu vou falar em cima do que eu já ouvi por vários especialistas, porque como é que eu chego às conclusões? Eu nunca ouço uma única pessoa, tem algumas pessoas que eu reputo, que tenham mais ou menos credibilidade, em cima de leitura que você forma o conceito, a impressão... primeiro, a tendência dela ser tratada como uma doença crônica, tudo indica que vá caminhar por aí. Agora, quando você diz, reduz em 99%, aí a gente pergunta, por quanto tempo? Você pergunta, mas por quanto tempo?

MR - Hum.

CL - Quatro meses não é absolutamente nada, eles não são um número... você falar reduz 99% durante... dois, três, quatro, cinco anos, tá. Mas quatro meses não é nada.

MR – Para depois retomar o crescimento normal...

CL – Porque é o seguinte, quando você discute isso você tem, por exemplo, é... uma outra coisa..., você não sabe os efeitos a longo prazo dos coquetéis, esse negócio de vai poder parar, ninguém sabe, tá? Então, você... é assim, não é uma coisa que invada, a maior parte dos ensaios está sendo feita realmente com o AZT, 3TC e o inibidor de protease, não é? Mas é outra coisa que eu te pergunto: “Por quanto tempo?” “Em que paciente você reduz a 99%?” Sabe quer dizer, você tem a tentativa nos Estados Unidos que (??), quer dizer, a intenção deles é eliminar, não é? Realmente, o trabalho deles, eu acho que em nove, 12 pacientes, começou com 12 e depois ficou com nove, é tentar eliminar, esses pacientes foram pegos no começo. É aquele negócio, ficaram sabendo que eles foram infectados e aí o processo começou. Pelo que eu me lembro. Eu tenho medo de falar disso porque eu tenho receio disso, de estar trocando dados, de estar misturando coisas. Mas enfim, eu acho que é..., quase de que talvez o tratamento possa ser suspenso e o vírus não volte a se manifestar, eu acho que, sabe, é precoce. Isso, o que que ele fez? Ele fez com base só na informação do laboratório...

MR – Que é muito suspeito inclusive, a preocupação de citar o próprio laboratório.

CL – Mas é o seguinte, aí que é um outro problema da imprensa hoje. Os veículos... porque eu falo pra você, quando eu falei para você que o jornalismo que eu gosto de fazer é o jornalismo investigativo, um jornalismo que, eu não digo que ele tende a desaparecer, eu não sei, mas que ele tá diminuindo muito, né? Porque é o seguinte, é um jornalismo que custa, custa tempo, custa dinheiro, às vezes para você atrás de uma matéria... vamos supor, se eu resolvesse fazer uma matéria bem feita sobre isso, isso ia

levar duas, três, quatro semanas, um mês, sei lá, dependendo da profundidade que você quisesse dar. Até se você fosse fazer uma nota bem feita, você ia levar um pouco mais de tempo do que 30 minutos pra copiar o *release*. Então, o que que acontece? Os veículos, eles acabam não investindo nesse jornalismo mais sério, eles acabam aproveitando tudo que é *release*...né? Então, vem...Então é aquele negócio, a indústria, ela acaba alimentando a imprensa. É uma forma de... ao invés do repórter ir para a rua e tentar descobrir coisas, é claro que você não é a coisa como era antigamente, que você ia e descobria, mas vem uma coisa dessa, o que que ele teria que fazer? Bom, esse estudo foi aonde? Com que inibidor da protease? Com que paciente? Não sei o que...Ele teria que fazer algumas perguntas pra ele pelo menos situar...a Glaxo...bom, não tem problema o estudo... todos, quase todos, todos os (?) hoje são patrocinados pela indústria farmacêutica, todos.

MR - Hum. Hum.

CL - Todos, tá. Talvez lá na (?) tenha algum que... enfim na indústria farmacêutica... no Congresso de Vancouver ficou claro...

DR – Hoje...e quase sempre...

CL – Não. Mas, quer dizer, eu tô te falando do que eu conheço hoje, não sei como era antigamente. Mas todo o Congresso de Vancouver foi em cima da indústria farmacêutica. Então é..., tudo bem... a Glaxo patrocinou, não sei o que. Agora, nada impedia desse cara, desse texto, de ligar para alguém e falar, olha... primeiro é o seguinte. Primeiro, saber da Glaxo mais dados: que estudo, com quem, aonde, sabe? São perguntas básicas do jornalismo. Bom, primeiro. Segundo, ligar para umas fontes e dizer: “Olha, tem esse estudo, o que você está achando?”, sabe? Pra você situar isso, não é? Porque aquele negócio, que “o vírus não volta a se manifestar”, que vírus volte...” alguns pensam que é contraditório, que o tratamento possa ser suspenso e vírus volte a se manifestar. Isso significa eliminação do vírus.

MR - Claro.

CL - Você não tá falando, sabe? Mesmo os caras que defendem mais isso, sei lá, o David Ho, ele não fala em eliminação completa, ele não fala em zeração do vírus. Então, é... é aquela situação de, de, de meio que, você está vivendo hoje uma imprensa de salsicharia.

DR - Quem estiver com vírus vai ler isso aqui como eliminação.

MR - Vai.

CL – Vai, vai.

DR - Nem tá escrito na matéria...

CL - Não, não... Mas você traduz.

DR - ...mas vai ler assim, né?

MR - Já há muitas pessoas, inclusive, ansiosas pela medicação, por esse novo coquetel...

CL - Realmente. Realmente, quer dizer, o que os médicos dizem é que o paciente realmente tem uma tremenda de uma melhora. Tem uma tremenda...isso é uma coisa efetiva. Agora, em que pacientes, sabe? Em que circunstâncias? Então, é... é... sempre aquilo que a gente volta, você tá lidando com esperanças então você tem que dar mais chances disso. Por quanto tempo? Você não sabe! Você não sabe! Você fala do paralelo com a tuberculose. Existe uma tendência a se fazer um paralelo do tratamento da tuberculose e o tratamento da AIDS, se acredita que, talvez, o tratamento da AIDS vá ser como o tratamento da tuberculose, onde você tem algumas drogas..., você controla, quer dizer, você acredita que vai caminhar pra isso, mas, quer dizer... eu estou falando isso...

DR - A tuberculose também teve uma história em relação a medicamentos, né? Descobriu um medicamento que, em tese, curava a tuberculose. Foi usado largamente, né? Que é a estreptomicina, até se observar que não curava, só aumentava um pouco a sobrevida dos pacientes, né? Até que chegaram à associação dos três medicamentos, aí passou-se a ter realmente a cura da tuberculose. Quer dizer, esse coquetel que realmente...em suma, o paciente tem uma grande melhora, também não se sabe por quanto tempo?

CL - Não sabe.

DR - Porque é uma coisa muito...

CL - Porque você não sabe, porque é assim, o método que você tem... esses testes são feitos, você detecta o vírus circulante, você não detecta o vírus no gânglio. Tanto que é que, um trabalho que está sendo feito é pegar um gânglio desses pacientes e verificar, porque, por exemplo, o HIV vai pra o cérebro, vai para uma porção de pontos, né. Então é você fazer biopsia de gânglios para verificar, se ele está... se aquela mesma situação que você detectou no sangue, o HIV livre no sangue, acontece nos lugares aonde ele tá escondidinho.

MR - Hum. Hum.

CL - Então, enfim, é um caminho. Agora, que a gente sente cada vez mais que ela caminha para ser uma doença crônica, eu acho que ela caminha. Nessa medida eu acho que se de um lado, pelo menos a cobertura da imprensa brasileira, deixou de a desejar em relação a Vancouver, o espírito de Vancouver foi um barato, foi um negócio muito legal. Eu tinha participado, eu participei... o primeiro congresso de Aids que eu fui foi um congresso no Japão. Então, lá, todos os meus... os meus amigos, todos eles saíram super arrasados, porque ali você detonou a vacina, você, enfim, as pessoas ficavam encurraladas. Já Vancouver não, Vancouver trouxe a esperança e ali acho que..., eu não sei se houve assim uma coincidência de felicidade, porque, Vancouver é uma cidade super democrática, as pessoas são super simpáticas, a cidade se envolveu pra burro no congresso. Então, é assim, sei lá, 800, 1000 não me lembro quantos voluntários onde você estava... sabe, era toda, era um conjunto, não é? Eu acho que é assim, essa semana que eu vivi lá valeu por ano da minha vida, de tão assim, de tão legal, de tão intenso, de tão... sabe? É aquilo, quando eu voltei de Vancouver, eu falava, eu tava a mil, eu tava a mil. Então, eu falava para as pessoas, as pessoas perguntavam:“E aí, como é que foi?”

Eu falei: "Olha..." Inclusive eu fui com grana do meu bolso, embora eu tivesse trabalhado um ano inteiro quase, num livro de tratamento com o Dráuzio, um livro pra médicos, eu poderia ter chegado num laboratório e ter pedido: "Olha, dá para bancar, não sei o que..." Eu tenho certeza absoluta que eles topariam, mas não eu falei: "Não, eu não vou fazer isso, eu vou por minha conta." Por quê? Porque naquele momento, é uma coisa que eu estou fazendo... é uma coisa que me impi... sabe? Quer dizer, é uma coisa que tá discutindo o inibidor de protease, é uma coisa muito junta, muito junta pra você é..., sabe você tomar cuidado um pouco com essa relação meio promíscua que as vezes fica entre os laboratórios.

MR – Queria se sentir o mais independente possível.

CL – Independente possível, tá? Eu não estava fazendo nenhuma matéria, eu fui curtindo mesmo, tá? Esse prazer, não é? Então, valeu demais prá mim, e aquele negócio, eu cheguei com a sensação de que... você, quando você faz um trabalho aqui no Brasil bem feito, você faz um trabalho de Primeiro Mundo, sabe? Eu não tenho essa coisa de subdesenvolvido, sabe? O médico que (?) no meu livro, com o livro, ele brinca: "Teu psiquiatra é melhor do que meu." (*risos*).

DR - Te convenceu disso.

CL - Não, ele fica falando... não, ele não me convenceu, ele fica me enchendo o saco. Mas não, eu acho que é assim, você... dá para você fazer um trabalho muito bem feito. Quanto eu fui, por exemplo, pro Japão, me apresentei numa conferência, uma apresentação oral, o trabalho lá em Vancouver... em Vancouver não, no Japão, que me deu a dimensão do que você pode fazer. Eu já tinha tido experiências anteriores de ter visitado, por exemplo, eu fiz um estágio, em algum veículo nos Estados Unidos de consumidor, de saúde, então, lá, por exemplo, foi a primeira vez que eu tive certeza de quando você faz um trabalho legal... sabe, a imprensa, quando ela quer ela faz um trabalho de Primeiro Mundo aqui, pode ter certeza absoluta, faz mesmo, quando quer, quando os caras botam... porque você tem gente muito brilhante, gente séria, gente muito competente, então, dá para você fazer. Então, a primeira sensação foi quando eu viajei para os Estados Unidos, fiz essa viagem de estágio. Depois, no Japão, quando de repente, eu termino a minha explanação e levanta um pesquisador da França dizendo que eles tinham tentado fazer uma coisa numa revista tipo Playboy lá, eles não tinham conseguido. "Como é que vocês conseguiram?" Era na França, não era no Brasil. Então, isso, são coisas que te dá certeza, então te reforça. Eu acho que é isso que é importante, acho que te... (*ruído*) e assim, não é só o assunto, é a forma de como você aborda, sabe, é dizer... Você estar em consonância com o que está rolando mesmo. Então, eu não tenho essa noção, sabe, de subdesenvolvido... não, eu acho que a gente faz uma coisa muito bonita, muito legal, sabe? Da mesma forma que, quando eu acho que quando você vai fazer coisa para leigo, pra pessoal... pra pessoal mais ferrado tem que fazer feio, não. Porque que eu acho que, eu acho que eu faço questão de ajudar, por exemplo, de fazendo um texto pro Pela Vidda, como eu mexi nos textos do Pela Vidda do Rio e hoje faço, de vez em quando, uma matéria pro Pela Vidda de São Paulo? Que eu acho que é uma forma de você ter uma informação mais qualificada. Quer dizer, qualificada como? Porque, por exemplo, normalmente, eles fazem matérias traduzidas, então eu vou, eu entrevisto, eu, sabe?... Então... Enfim, acho que tem que ser assim. Que mais? Acho que é isso. Vai perguntando.

MR – Conceição, esse livro aqui *A l'ami que ne me save pas la vie*” Ao amigo que não me salvou a vida”, do Hervé Guibert, é um livro de 90. Nele, o Hervé trabalha...

CL - Eu lembro agora , depois que você falou, eu fui puxar, eu vi matérias.

MR - Pois é, trabalha com a sua própria experiência, sua e do seu círculo íntimo, sua por isso, né? Com a sua experiência de soropositivo e, paulatinamente, de doente mesmo de AIDS. É um livro muito intenso, muito denso, muito doloroso e no qual diversas coisas são discutidas e basicamente ele pinta um grande panorama do que seria, nos anos 80, que ele adocece nos anos 80, estar com AIDS, como que as pessoas se sentiam, como ele se sentia, enfim. E num certo momento, na página 128, ele faz a seguinte observação: “Os pesquisadores não tem a menor idéia do que seja a doença, eles trabalham nos seus microscópios sobre esquemas, abstrações. São bons pais de família, nunca estão em contato com os doentes, não podem imaginar o seu medo, o seu sofrimento, o sentimento de urgência. Eles o não tem. Por isso se perdem em protocolos que nunca estão pronto e em autorizações que levam anos para chegar, enquanto as pessoas morrem ali do lado, quando poderiam ter sido salvas”.

CL - Bom, aí você discute, a questão dos chamados protocolos. Eu acho o seguinte, nisso eu sou... (*ruído*) como eu diria...? Eu acho que existe a urgência de você buscar... Primeiro é o seguinte, ele generaliza, as pessoas estão preocupadas com pai de família, estão preocupados com os microscópios e isso, eu acho que não é inteiramente verdadeiro, porque tem gente preocupado, sabe, com o chamado humano da história, tem. Acho que esse é o primeiro ponto. Eu entendo, claro, você está numa situação de sufoco, você quer a cura, você quer a esperança, você quer...

MR - Viver.

CL - ... viver, é legítimo, que é até isso que te move. Mas, pelo que eu conheço, coisas que eu conheço, tem gente muito humana envolvida e preocupada, essa é a primeira coisa. Segundo, eu acho que os protocolos, eles na realidade, eles são... quando hoje nós sabemos que o AZT, ele tem limitações, do AZT foi a primeira droga liberada, foi liberada antes dos estudos estarem totalmente completados e hoje todas as informações, onde você conhece bem as limitações do AZT, é porque você, você teve um protocolo, você teve um acompanhamento, né. Eu não acho que o protocolo, ele seja contra o paciente, o que eu acho que os protocolos eles tem que ter, é uma abertura na hora que você começa a ter um bom resultado de você tentar apressar as etapas, você tomar isso. Por exemplo, não aconteceu com os inibidores da protease, eles foram aprovados pela FDA a toque de caixa, coisa recorde, foi assim, super, super, rápido. Agora, é importante isso para o paciente, para ele não cair... porque é o seguinte, é assim, hoje é uma coisa, amanhã é outra, é outra, é outra. Então, aquilo protege o paciente. Lógico, o objetivo da indústria é ganhar dinheiro.

MR - Hum. Hum.

CL - Então, tá, se ela de repente, enfim... sabe, ela não está preocupada com o humanitário, ela não quer desenvolver a droga porque quer salvar milhões de pessoas, pode até ter isso também, ela não quer salvar... não é não quer salvar, ela tem uma preocupação que é vender remédio, que é ganhar, então, se aquele remédio também não funciona...

DR - O alvo primeiro seria o do lucro.

CL - É do lucro, é do lucro, não é, e o... Agora, se aquele remédio não funciona, na sequência, ela é bombardeada, porque a prática vai mostrar essa limitação. Eu acho que...

MR - Sim, o problema é que nesse meio tempo neguinho já dançou.

CL - Já dançou. Então, por isso que eu acho que os protocolos eles são necessários, sabe? É uma proteção contra o paciente, é duro, mas não tem jeito. Você não pode pegar, a cada hora aparece uma coisa aqui você joga para o paciente, não pode! É duro para as pessoas que estão enfrentando essa situação, mas é uma forma de proteção para os outros pacientes que virão. Hoje você sabe que o AZT (*tosse*) tem limitação, que... enfim, se você usa com 3TC e tem um resultado melhor, essa coisa toda, é porque ele teve um acompanhamento. Agora, é claro, se tem uma pessoa com ética, tem que, num determinado momento, se for necessário, você tem que mudar esse protocolo, enfim, redefinir as regras desse protocolo, e a isso foi sempre ética, ética não do laboratório mas do chamado corpo dos pesquisadores que estão envolvidos, para que você não distorça resultados... Se você quiser você distorce resultados, você distorce. Como os estudos são bancados pelos laboratórios é uma coisa sedutora, é uma coisa... acho que o cara tem que ser muito firme para não se levar, ser seduzido e eu acho que na realidade... e aí você tem gente séria, tem todo tipo de gente. Agora, o que acaba sendo o filtro é que, como você tem gente séria e gente não séria, aqueles que não são sérios eles são obrigados a cumprir o mínimo, porque senão o trabalho dele vai ser desmascarado na frente. Então, ele é obrigado a... mesmo que ele queira distorcer para uma droga, isso eu acho que é para qualquer área, não é só o AIDS, ele vai ter alguém que vai servir de filtro para ele, vai mostrar um outro resultado...

MR - É uma espécie de mercado científico onde se você não souber fazer bem o seu trabalho você vai dançar.

CL - Não, não é isso. Ciência supõe reprodutibilidade, então, se você fala eu elimino 100% dos vírus ou o remédio é sensacional, maravilhoso, parara, o outro vai usar e não deu isso, você não reproduz, então você quebra a cara na sequência. Então é..., eu acho que é... os caras sérios eles acabam é... tornando a coisa mais decente, não que é... involuntariamente talvez, eles acabam empurrando a coisa para um outro caminho...

Fita 4 – Lado A

CL – ...eu acho em relação a AIDS, eu acho que..., o chamado lado bom, se é que a gente pode chamar o lado bom de alguma coisa, como a AIDS, eu acho que o que a AIDS veio mostrar prá a sociedade, de uma forma geral, é que você tem que reivindicar, você tem que brigar, sabe... é super comum você ouvir assim: “Ah, mas é... é... mas pra aidético...” é bem assim, “Mas, pra aidético, tem dinheiro prá comprar remédio. Aidético tem remédio, não é?”.

MR – Não é verdade.

CL – Mas as pessoas... Porque você compra, tem o AZT, tá faltando AZT, você compra

AZT, compra... tem essa coisa (*tosse*) de você comprar os inibidores, enfim: “Prá aidético...”. Eu não uso aidético, hein? Só as pessoas, eu não uso. Mas enfim, então as pessoas costumam dizer isso.

Então eu acho que a AIDS, ela veio mostrar para as pessoas que elas tem que brigar, elas tem que reivindicar e eu acho que ela veio ajudar a mudar um pouco também, a relação médico/paciente, né? Porque o paciente HIV positivo é um paciente mais... ele é um paciente super bem informado. Quer dizer, não todos, mas você tem uma elite que é super bem informada, que questiona, está questionando o protocolo nesse momento, que questiona conduta. Então, eu acho que a AIDS, ela está obrigando os médicos a repensarem a relação médico/paciente.

MR – Me diz uma coisa, uma provocaçãozinha. Você se referiu a uma elite, não é?!...

CL - É!

MR - ... de pacientes de AIDS. Gostei muito desse termo, pelo seguinte.

CL – Não é elite financeira, tá.

MR - Eu sei, meu anjo, eu sei...

CL - É o pessoal que... da, da vanguarda...

MR - Até que ponto... Até que ponto não tem havido a constituição de uma elite com AIDS, que tenha provocado, esteja provocando essa...

CL - Concordo, concordo.

MR - ...e se não fosse a constituição...

CL - Concordo, concordo.

MR - ... dessa elite estivéssemos, talvez...

CL - Eu sou a favor...

MR - ... num quadro de miséria muito maior.

CL - Eu sou a favor, inclusive, a minha preocupação... quando você tem um Herbert Daniel com AIDS, tem um Betinho com AIDS, quando você tem pessoas que são importantes na sociedade, quando você tem perdas internacionais importantes, quer dizer, pessoas que fazem parte do imaginário das pessoas, de uma forma ou de outra, morrendo de AIDS, pessoas importantes, é... elas, sabe? Elas ajudaram a mudar...se fosse... e aí a minha preocupação com essa chamada pauperização da AIDS, porque a partir do momento em que ela começa a virar mais uma doença de pobre, a discussão em Vancouver ia pra esse caminho, não é? No Primeiro Mundo há uma tendência de você... a epidemia está mais, está sob controle no Primeiro Mundo, eles tem mais acesso a medicamentos, ou seja, eles vão ter mais sobrevida, não sei que, não sei que. Como é que está no Terceiro Mundo? Eu não sei se são... eu não sei os números, eu preciso pegar direito, 90% dos casos de AIDS, HIV, eles estão hoje no Terceiro Mundo. Eu não

tenho os números direito, mas, ou vão estar, no ano 2000, eu não lembro direito, mas enfim, então, essa pauperização...quer dizer, eu acho que o que fez o diferencial foi, o HIV ter atingido pessoas dessa elite pensante, tá? Eu acho que é elite pensante mesmo, não é uma elite...é uma elite pensante, ativista, tá? Se fosse uma elite não ativista, não teria acontecido, eles estariam morrendo de vergonha, sabe, de se expor, né? Então, foi uma elite ativista, pensante que fez, é que provocou tudo isso.

DR - Essa é uma hipótese.

CL - É uma possibilidade.

DR - A AIDS tem uma coisa nova, em relação a AIDS também, é que a gente vê agora isso do paciente, o cenário da AIDS. Mas é uma voz que já existia como voz...

CL - Não. Exato, porque na realidade...

DR - Eram pessoas já ativistas...

CL - ...ativistas. É, mas aí que é o detalhe. Eram pessoas que tinham uma história política, não é? E que tinham uma militância política, todas elas tinham...

MR - Ou uma projeção cultural qualquer. Por exemplo, o caso emblemático do Cazuza, que mobiliza mil pessoas, Lucinha cria uma associação, etc, etc, etc. A questão é a seguinte, só pra situar melhor. Se não tivesse acontecido isso?

CL - Acho que seria muito pior, mas trocentas vezes pior. Mas assim ó muito pior, tá? Muito, muito, muito, muito, muito pior.

CL - Então você admite, concretamente, que do ponto de vista de políticas institucionais, do ponto de vista da... enfim, de toda a superestrutura que comanda, que move essa sociedade em termos globais, o que foi fundamental para uma política diferenciadora em relação a AIDS, foi o fato de pessoas desta elite...

CL - Elite.

MR - ... adoecerem e se mostrarem como doente.

CL - Exatamente.

MR - Se fossem realmente de pobres, de anônimos...

CL - Vem cá, vamos pensar, vamos pensar se a cólera, vamos pegar, vamos pegar o caso da cólera, tá? Vamos pegar o caso da cólera. A cólera, ela tava pra vir pro Brasil com tudo. Aí, depois se detonou o sistema de vigilância epidemiológica, quer dizer, se a cólera tivesse vindo pra valer ela ia ser o quê? Ia ser uma doença de pobre, de pessoas sem saneamento básico, sem infra-estrutura. Você acha que ia ter... tudo bem, cólera é cólera, mas esse tipo de mobilização, eu acho que não haveria. Porque é o seguinte, também, hoje, se discute, AIDS está na moda. Tem outra coisa que virou, então...

MR - É *In*.

CL - É *in*, é *in*. Éé... éé... (*ruído de carros*) E você conhece as pessoas, quando você conhece alguma dessas pessoas que estão envolvidos, eu vou dizer, essas pessoas que eu conheço de veículos, essas pessoas do meio de imprensa, são pessoas que eu sei que na prática, elas tem uma outra prática, elas pensam, elas são super preconceituosas, são mesquinhas, são não sei que, não sei que... mas agora está na moda, então vamos... e aí é que a coisa, como eu te falo, ela não se traduz de verdade, não é? É assim. É... Quando eu pego assim... quer dizer, o que posso falar é muito da minha experiência, quando eu pego uma matéria, né, eu pego, eu tento fazer dela uma coisa de transformação, eu vou junto, aquela coisa que às vezes você, aquela chamada imparcialidade ela não existe, ela não existe, tá?(*tosse*). Aquela objetividade absoluta, ela não existe. Não existe por quê? Porque é o seguinte, na hora que você faz uma matéria, quando você faz de verdade... a menos que você implante uma mini salsicharia, que é o mais comum, mas você vai junto com aquela matéria, aquela matéria tem a tua cara, teoricamente teria que ter a sua cara, então você vai junto, então os teus medos, os teus preconceitos, as tuas coisas vão junto, então, por mais que às vezes você consiga, você tente camuflar, você não consegue. Você fica meio... sabe, em algum ponto você fica vulnerável. Que mais, que mais... que mais, que mais. É isso aí.

DR - Em relação a AIDS, tem uma outra fala do Hervé, também, que você vê muita coisa da AIDS é *in*, né? Ele diz que “a AIDS tornou-se a razão social de inúmeras pessoas com esperança de (??) e reconhecimento público, especialmente para os médicos que tentaram, através do (??) consultório”. Eu acho que é evidente... não só os médicos.

CL - Não é só os médicos, é em todas as áreas. Tem gente que faz da AIDS um modo de vida, de vida... Tudo bem que tem gente trabalhando com AIDS, mas gente que se aproveita da AIDS. É assim, acho que ela recebe mais do que ela dá. É uma postura oportunista.

MR - Exato.

CL - É assim... vamos pegar o caso do Daniel, o Daniel sempre foi uma pessoa combativa, sempre foi, quer dizer, então, aquilo era mais uma coisa dentro dele... a chamada luta pela vida.

MR - Ele não é um oportunista.

CL - Não, em hipótese alguma, de jeito nenhum, pelo amor de Deus. Mas tem gente... olha, você tem desde profissionais, profissionais que usam hoje a AIDS pra se promover, enfim, como você tem pacientes, pessoas HIV positivo que usa essas circunstâncias, o que eu vou falar é uma coisa dura, pra fazer chantagem, pra fazer papel de coitadinho: “Olha eu sou HIV positivo...” Como diz o meu amigo Stalin aquele cara bem indigente, é indigente... tem umas pessoas que são meio assim, ele diz: “Ah Conceição, como é indigente...” Sabe... porque é o seguinte, é uma coisa que é contra a própria luta, sabe? Você se fazer “Não, porra!”, sabe? Quer dizer: “Oh, mas eu sou HIV positivo!” “Oh, mas eu sou HIV positivo!” Sabe? Então, é uma forma de usar a AIDS também. E aí é assim...

DR - E na imprensa e na mídia também, você acha que tem alguns jornalistas que

estariam usando a AIDS para se projetar...

CL - Eu acho que não, isso na imprensa é... é assim, tem algum ou outro veículo que às vezes faz uma campanha, que você conhecendo a pessoa você sabe que aquilo não é verdadeiro. Mas não tem um jornalista... um jornalista que eu digo, que faça matéria, que use aquilo, não tem, tenta lembrar o nome... Você tem às vezes um veículo que usa oportunisticamente, tá? Ou até tem assim uma pessoa bobinha, sei lá, enfim. Mas é aquele negócio, você sente que não tem sustância, é uma coisa que não vai inteira, é uma coisa assim meio... meio *low profile*... uma coisa meio assim, né? Meio manso... mas não é uma coisa assim, você não sente que é de verdade. Porque quando as pessoas estão envolvidas de verdade ou o veículo está envolvido de verdade, te passa isso, porque você pode ter todo dia uma matéria de AIDS num veículo, mas, se você analisar você tem condições de perceber se aquilo é um oportunismo ou se aquilo é um envolvimento maior, no sentido de buscar melhor qualidade de vida, melhor qualidade prevenção, não sei o que, sabe, é uma coisa de verdade. Não é bem a moda. Mas eu acho que não tem um jornalista, até porque você não tem assim pessoas cobrindo direto aquela área. Tem uma ou outra, mas eu acho que não é o caso, não é? Eu acho que isso é muito mais de outros seguimentos da sociedade e alguns veículos de imprensa que acabam se aproveitando, mas... aí eu acho que não, pensando bem assim friamente, eu acho que nós, do corpo de jornalistas, nós temos os nossos erros, nossas besteiras, nossas não sei o que, mas você usar pra se promover, eu acho que não.

MR – Você não acha que foi uma besteira, vou usar sua expressão, muito grande (interrupção) o início da... da divulgação da AIDS, enquanto fenômeno patológico, não é? Enquanto doença, enfim, que foi uma besteira muito grande, uma bobeira, vamos até usar uma expressão menos, não é? Menos complicada, mais bisonha até. Não foi uma bobeira muito grande da imprensa embarcar na imagem da AIDS, nos seus inícios como “câncer *gay*”? Você não acha que foi uma bobeira que custou muito caro?

CL - Mas aí eu volto àquela coisa.

MR - Tanto à pacientes (tosse), quanto a comunidade em geral, enfim...

CL - Mas acontece, você tem que entender que naquele momento eles não tinham qualquer subsídio.

MR – E isso justificaria?

CL - Bom, não justificaria, tá? Eles teriam que ser mais cuidadosos na divulgação, tá? Mas era aquilo que se apresentava naquele momento.

MR - Um “câncer *gay*”?

CL - É, entendeu? Agora, você não tinha que é...é...embarcar nisso, tá? Porque todos os veículos, eu lembro, na época abordaram dessa forma.

MR - Por que que abordaram dessa forma? Só porque não tinham subsídios ou porque havia uma outra coisa?

CL - Porque... Não, eu acho que... porque é o seguinte: foi o que a comunidade

científica divulgou naquele momento, tá?! Era o que o chamado *establishment* considerava naquele momento!

MR - Mas não é contraditório para com a imprensa... quer dizer, não é contraditório da parte da imprensa que deveria ser crítica e investigativa...

CL - É.

MR - ...embarcar no discurso do *establishment*?

CL - Mas é o seguinte, você tem algumas coisas que você tem como checar, outras coisas você não tem como checar.

MR - Hum.

CL - Então, quando você vem, vê, vem a mídia e alguns, sabe, alguns caras super importantes e falam desse jeito, fica meio assim. Tanto é, que eu acho que é assim...eu acho que... houve eco... por que que eu acho que houve eco? Porque houve eco... quando você é... e é um preço que se paga, aliás, até hoje, tá? É um preço que se paga até hoje. Acho que as mulheres estão se infectando por causa disso, quer dizer, não é por causa disso, também por causa disso. Quando você disse que era uma coisa, uma doença de *gay*, você excluiu as mulheres, excluiu o restante da sociedade. Agora, era uma coisa de você se perguntar: “É ou não é?” Sabe?

Tinha esse papel, mas ao mesmo tempo todas as informações que chegavam eram nesse sentido. Então as pessoas não tinham como checar... se você tem uma coisa de política, por exemplo, economia, você vai... agora, se você vem (*ruído*), pesquisador, não sei das quantas, é assim, não sei que... na verdade, quando eles caracterizaram como “câncer *gay*”, os próprios pesquisadores foram preconceituosos, você percebe?

MR - Claro.

CL - Porque é o seguinte, na realidade, a gente tem que ir a origem. É sempre assim, a mídia é eco da sociedade, você não pode nunca separar a mídia da sociedade.

MR - Por que ...?

CL - Até porque, porque é o seguinte, na imprensa, ela é feita por pessoas da sociedade, que refletem os preconceitos da sociedade.

MR - Hum. Hum.

CL - Você não pode ignorar. Não é uma farsa, não é? Sabe, a minha condição é ser profissional de imprensa, mas eu tenho outras condições...

DR - Não são pessoas acima de qualquer suspeita.

CL - Não, não, não...

MR - Muito pelo contrário.

CL - Não, não, não, você percebe? Não.

MR - Porque há uma coisa interessante, ao mesmo tempo que isso aconteceu, eu me lembro que no auge dessa... porque o grande auge, quer dizer, um grande momento, digamos assim, desse processo da doença como estigma, de criação da doença como estigma, isso por volta dos anos 80, primeira metade dos anos 80, não é? Uma revista importante no Brasil, agora me escapa, não sei se era Visão, se era Senhor, ela nem existe mais, essa revista, inclusive, era uma revista com uma circulação entre um ciclo de leitores que não era propriamente da Veja, ou da Isto É hoje em dia. Mas enfim, era uma revista de muito bom nível mas com um formato muito pouco atraente, mas era lida por um público, digamos, de elite, não é? E nessa revista sai uma matéria muito interessante sobre a AIDS que passou em branco na época, não é? Ela dava conta do processo de entrada e disseminação da AIDS na Europa, numa modalidade completamente diferente daquela que era veiculada pela mídia de massa, ou pelos veículos de massa em geral. Enquanto televisão sentava a mão, carregava nas terríveis imagens do “câncer gay” e por aí vai, esta matéria, uma matéria aliás muito boa por sinal, bastante bem documentada, etc, etc, ela mostrava que a entrada e disseminação da AIDS na Europa se dava por uma via completamente diferente daquela, ou seja, já se falava na contaminação de mulheres, de homens por mulheres, em relações heterossexuais, pabababababa; e no entanto, essa matéria ela passou em branco. Não teve a projeção merecida.

CL – Mas você percebe, quer dizer, então você teve todo um pessoal que rapidamente percebeu. O pessoal que fez essa matéria provavelmente percebeu isso. Mas é assim, vem a comunidade científica e diz: “Olha, é câncer gay, “câncer gay, câncer gay...” eu não estou justificando a atitude da imprensa, eu estou tentando entender porque eu nunca parei para pensar: Você vê “câncer gay”, “câncer gay”, então, você não tem na imprensa pessoas... naquela época... hoje você tem gente mexendo mais com saúde, naquela época você não tinha. Eram raros e isso, pelo menos em termos de Brasil, ajudou e contribuiu... porque o jornalista hoje, ele faz economia, amanhã ele faz (*tosse*)...

Então, ele não tinha condições de ter mais informação. Quer dizer, mas eu volto a dizer o seguinte, que a origem disso tudo, eu acho que a comunidade científica, na hora que ela divulgou isso, ela deveria ter tido um cuidado de estabelecer: “Olha, é uma doença que a gente não sabe ainda...” Quer dizer, ela deveria ter tido mais cuidado, porque depois que vai pra imprensa...

MR - Acabou.

CL - ... Acabou, sabe? Para você no dia seguinte, é aquele negócio que eu sempre falo, desmentir, já era! Então, você tem todo um pessoal... todo mundo deve ter escrito um dia alguma coisa desse tipo, mas de repente percebeu que não era e foi se perguntando. Mas a origem foi a comunidade científica, porque o pessoal não tinha informação. Então, é muito mais fácil você também... de forma assim, eu sou hetero, eu sou imune, eu não sou vulnerável, não é?

MR - Hum. Hum.

CL - Então é um processo complicado, porque é o seguinte, era mais fácil você admitir que era do outro. Eu lembro de uma entrevista que eu fiz com o Betinho logo no

começo da epidemia (*ruído*), bem no comecinho e era aquela coisa, as pessoas não estavam preocupadas com AIDS, porque era coisa do hemofílico e do paciente...e do homossexual, o drogado ainda nem aparecia quase, era mais o homossexual e o hemofílico. Então as pessoas se sentiam... é... livres, né? Invulneráveis mesmo.

DR - Mas você, você Conceição, você se sente imune ao HIV ?

CL - Não, não. Embora eu não tenha comportamento chamado comportamento de risco, eu não me sinto. Agora, se você vai me perguntar qual o tamanho do risco? Não sei. Claramente eu não tenho um alto risco, mas eu acho que não dá para você jurar, não eu não tenho risco.

MR - Hum. Hum. Vamos retornar um pouquinho, em cima dessa coisa toda que estamos discutindo, sobre os percalços dos veículos, da imprensa, da mídia em geral no tratamento com, o trato com a doença. O Prefeito César Maia (*risos*), também no Jornal do Brasil... aliás, esse jornal foi ótimo, porque ele trouxe muita coisa interessante, pelo menos três matérias muito curiosas(*ruído*). O prefeito Cesar Maia ele... porque já sabemos que domingo será o Dia Mundial da AIDS. Pois é, e o grupo Pela Vidda do Rio resolveu realizar um movimento, claro, reforçando a campanha anti-Aids, distribuindo entre outras coisas uma camiseta, no qual aparece o Sagrado Coração, só que envolto por uma camisinha, não é isso?

DR - No lugar do Sagrado Coração...

MR - No lugar do Sagrado Coração há uma camisinha, uma imagem até muito interessante.

CL - Você tem isso?

MR - Está aqui a matéria, posso ler para você?

CL - Pode.

MR - “A Imagem da Virgem Maria, na qual a chama do Sagrado Coração foi substituída por um preservativo (*risos*), antes mesmo de ser divulgada está causando polêmica. O grupo Pela Vidda, de auxílio a doentes de AIDS, havia programado para domingo, Dia Nacional de Luta contra a AIDS, a distribuição das camisetas com a alteração da imagem, em Ipanema. O formato, o prefeito César Maia desaprovou o gesto e vai brigar na justiça contra isso. César Maia entra hoje, como chefe do Poder Executivo do Município, com uma ação solicitando a proibição da distribuição das camisetas. Citando o César: “Farei isso para ajudar ao movimento Pela Vidda, para não que se desmoralize uma campanha tão importante como essa, com uma camiseta ultrajante. Nós, católicos, nos sentimos ultrajados com esse tipo de manifestação” afirmou explicado o seu ponto de vista. “Alguns católicos podem ter uma compreensão de que é uma besteira, mas outros podem achar que o diabo está presente ali”. Disse o prefeito: “Não há como prever as reações a uma iniciativa como a do Grupo Pela Vidda: “Deus me livre! Uma camisinha saindo do Coração de Maria! Pelo amor de Deus! Vai acontecer um monte de missa no dia seguinte. E a reação dos setores mais conservadores da Igreja?”, avaliou Cesar Maia, para quem a ilustração pode ter o efeito inverso, gerando uma campanha contra o uso da camisinha. O advogado particular do

prefeito, Francisco de Almeida Silva faz coro constituinte: “Isso atenta contra a moralidade e ofende um símbolo da religião católica”. Argumento: de acordo com Francisco a disposição de César Maia é legítima pois a ação jurídica pode partir de qualquer pessoa que se sinta incomodada, não sendo necessariamente um direito exclusivo da Igreja Católica. A assessoria de comunicação do prefeito informou inclusive que, ontem a tarde, o Cardeal Arcebispo do Rio, Dom Eugênio Sales, cumprimentou Cesar Maia pela atitude. O Grupo Pela Vidda, procurado, insistentemente pelo JB na tarde de ontem preferiu não se manifestar sobre o assunto. A assessora de comunicação da entidade, Márcia Vilela, garantiu que os membros do grupo não estavam localizáveis e que nenhuma camiseta estava pronta. Além disso, a arte já estaria com a empresa responsável pela confecção e, portanto, indisponível. Citando: “A ordem é não nos pronunciarmos sobre esse assunto” disse o secretário do grupo Luciano Curi. Lembrando, lembrado que a igreja católica se opõe ao uso da camisinha, Cesar Maia citou a campanha da Igreja Espanhola. Citando Cesar: “Lá se conseguiu que a relação estável e permanente entre casais seja enfocada nas propagandas como a única forma de se evitar completamente a AIDS”. Completamente a AIDS. “Você pode dizer que a camisinha reduz o risco, mas não pode dizer que evita” lembrou. Questionado sobre a sua opinião particular a respeito da camisinha, o prefeito não tomou partido. Citando mais uma vez: “Não preciso usar camisinha porque tenho uma relação permanente e estável com a minha mulher. Não tenho outra, fui sempre fiel. Recomendo que todos tenham uma relação permanente e estável com as suas mulheres. Faço questão de dizer, no entanto, que o uso da camisinha é uma opção para quem – ao contrário dele – não tem uma relação estável e permanente com um parceiro apenas. Citando ele mais uma vez: “Estamos numa sociedade em que muitas pessoas tem relações sexuais flexíveis, não quero que todas as pessoas sejam católicas como eu”, concluiu.

CL - São muitas coisas (*tosse*) e é bem... eu acho o seguinte..... Assim como numa matéria a tua... quando você faz uma campanha você visa um público determinado. Então, talvez essa forma, talvez, não seja a forma mais feliz de você ganhar a adesão do pessoal católico, você vai meio que chutar o pau da barraca. É isso que você quer? Você quer ganhar ou você quer afastar? Tá, é uma coisa que você tem que perguntar. Por exemplo, as coisas que o César Maia está dizendo, elas são, sei lá... é um monte de coisa, nem vou lembrar de tudo, mas eu acho que é uma questão... primeiro eu acho que... tem que ter a liberdade das pessoas divulgarem o que elas querem, elas tem que... como toda ação vem uma reação, tá? Primeiro, não tem que proibir. Porque ele proibindo ele foi burro, ele deu espaço para que fazer propaganda, talvez isso passasse “disfurado”.

MR -Eu já estou louco pela camisa do grupo Pela Vidda. (*risos*)

CL - Você percebe? Mas ao mesmo tempo, o pessoal da igreja, gente que provavelmente... quando eu falo da igreja, tem gente católica, bonitinho, que pula a cerca, que você poderia ganhar essa pessoa para se proteger, com uma mensagem como essa talvez você afaste a pessoa. Então, o que que você quis com essa mensagem? O meu objetivo é ganhar esse cara, não é empurrá-lo. Eles quiseram o quê? Provocar Dom Eugênio? Não sei. Qual é a...

MR - A intenção.

CL - ...a intenção? Porque é o seguinte... Não sei, talvez eles quisessem ter um gesto de genialidade como tem as campanhas da Benetton. Não sei se passou pela cabeça de alguém...

MR - É. Lembrou-me muito dessas campanhas...

CL - ...da Benetton, não é? Mas é aquele negócio, elas são muito bem feitas, são muitíssimo...

Fita 4 – Lado B

CL - É...Eu pessoalmente gosto muito das campanhas da Benetton, sabe? Eu acho que elas, que elas são muito, elas são fortes, elas obrigam a discussão, eu acho que é legal. Agora, ao mesmo tempo, no caso dessa do Rio, onde, Dom Eugênio tem uma puta influência, é como você chutar a Nossa Senhora da Aparecida como fez o bispo aqui na TV Record. Você soube a história.

MR - Claro, todos soubemos.

CL - Todos soubemos. Então, eu acho que quando você lida com esses símbolos de religião é meio complicado, é uma coisa meio delicada porque você vai lá no fundo da pessoa. Então, de repente, gente (*tosse*) que não é nem tanto carola, não sei o que, vai se sentir ofendido com isso: “Nossa Senhora!”, sabe? Então, você tem que tomar, muito e muito cuidado, não é? Eu acho que você tem que ser audacioso e tudo, as pessoas tem que ter liberdade... Agora, a questão é o seguinte, qual é a meta deles? O que eles estão querendo com isso? Saber se vão conseguir o objetivo. Se eles tavam querendo ganhar os católicos ou os em torno, talvez eles não ganhem. Então, quer dizer, qual foi a coisa, é ficar nós com nós? Nós com nós não precisa.

DR - Nós com nós já estamos.

CL - Nós com nós já estamos, você percebe? Então, nós com nós é você...puta, ter um puta orgasmo, muito legal, olha do cacete o que nós fizemos. Porra! Você atingiu o teu objetivo? Alguém, em função do que você fez, porque é isso, tá mais consciente, sabe? Então, talvez a forma de você despertar fosse outra, eu não sei. Cada um, é aquele negócio, tem que sempre ter um público alvo, você tem ver... eu não sei qual é o público que eles tão querendo atingir, não é? Mas você tem que... você não pode... por exemplo, voltando ao meu caso, por exemplo, da Playboy, nós estávamos, a gente vinha de campanha dizendo “AIDS mata”, “AIDS mata”. Quer dizer, a preocupação era você falar... ao se cuidar você está falando de vida, era um discurso diferente. Então é... eu não sei se eu escolheria esse caminho, sabe? De agredir quem eu quero, exatamente, ganhar... não é? Porque tem uma beligerância direta com Dom Eugênio. Então eu não sei...

MR - Porque ganhar de Dom Eugênio, nessa altura do campeonato é, praticamente, impossível, não é? É a mesma coisa que convencer o diabo ao céu...

CL - Quer dizer, então eu acho que... tudo depende da meta que os caras tem. Agora, que você pode afastar as pessoas, que elas vão se sentir agredidas, você pode. Como elas, sabe, é aquele negócio, muita gente que não é católico ficou injuriado com o chute

na Nossa Senhora da Aparecida. Sabe, são coisas, não adianta, o brasileiro tem essa coisa mística, essas coisa de religiosidade, ele não freqüenta nada, mas que ele foi criado...

MR - Faz parte da cultura.

CL - Faz parte da cultura. Eu volto a insistir, é uma questão, a liberdade de fazer, é um direito deles, assim como é o direito dos caras falar: "Olha, não gostei". Ele está no papel dele.

MR - Mas as declarações do Cesar Maia, como homem público...

CL - Não é...

MR - ... As sugestões dele...

CL - Não. Não.

MR - ... de prevenção...

CL - Eu acho o seguinte...primeiro...

MR - ...caracterizam realmente um discurso é...

CL - Progressista.

MR - ... Progressista que auxilie alguma coisa?

CL - Não, não. É... Por exemplo... se uma pessoa tem uma relação estável, a probabilidade dela de pegar o vírus é menor, tá? Mas você não pode fazer a campanha... nos Estados Unidos estão fazendo campanha para jovens em cima de abstinência, não é? Então, eu não sei se esse é o caminho. Eu acho que o caminho é muito mais, é... é... é orientar no sentido de fazer sexo com segurança, entendeu? É muito mais, acho que por aí, não é? Não é você falar não, não é? Não é falar não. Não vai transar, não vai não sei o que, não vai não sei o que. Mas é como fazer, fazer diferente nesse momento, você se adaptar às circunstâncias. Quer dizer, eu estou completamente, eu não tenho completamente risco! Quem disse que ele tá completamente sem risco? Vamos supor, tudo bem, que os dois tenham uma relação estável, e se de repente a mulher dele tem um acidente, vai tomar um sangue lá no hospital, no Rio de Janeiro o controle não era, não sei como é que está agora, não era tão bom, pega um sangue contaminado... quer dizer, você só vê aquela via, você esquece do em torno. Eu posso sofrer um acidente, qualquer um de nós e pegar um sangue contaminado! Por que não? E aí, essa situação muda.

DR - Quer dizer, não basta ter relação estável.

CL - Não basta, não basta. Quer dizer, eu acho que ela faz parte... quando você fala de uma relação estável, sei lá, evitar multiplicidade de parceiros, todas as campanhas vão por aí, ela é uma medida dentro de um contexto, tá? Porque às vezes, é aquele negócio, se na outra ponta, você tem aquela pessoa que tem... é... uma pessoa super certinha,

super certinha que de repente ela pode estar contaminada. No caso das meninas, vamos falar das mulheres que estão se contaminando, você vai falar que elas tem comportamento de risco? A maior parte tem um parceiro só, algumas só tiveram aquele homem, como é que você vai falar?

DR - O que que você acha Conceição, por que esteja aumentando a incidência entre as mulheres, mulheres com esse comportamento que você está falando, a maior parte só teve, só teve um homem, não... habitualmente não tem um comportamento... mas a contaminação tá acontecendo?

CL - Primeiro que os homens estão se contaminando... E eu acho que é assim, você, continua sendo, isso não só no Brasil mas no mundo inteiro...é... da mulher ter o poder de pedir sexo seguro, de querer sexo seguro, de exigir sexo seguro. E aí, tem uma coisa, Dilene, que eu acho assim que... o que que a gente imagina? A gente imagina que essa dificuldade só exista com a pessoa de baixa renda... não, você está pensando o quê? O que você vai pensar de mim? Aquelas velhas histórias que vocês vão ver ali no trabalho da Playboy, quer dizer...

MR - Isso da imagem, né?

CL - Da imagem, o que você vai pensar de mim? Ela... mas isso você vai ter nas mulheres mais esclarecidas, mais... porque é uma coisa... é meio que assim, é meio duro, assim meio que o amor mata, meio cega e não é só pra AIDS, é pra outras coisas, existe aquela coisa... às pessoas acham que elas estão sempre dentro de uma redomazinha. Você quer ver coisa mais doida, mais doida, que pessoa portadora de HIV positivo ou a mulher ou o... não usar preservativo na relação! E tem, tem... “Ah, mas não, mas isso não. Eu quero morrer com ele. Ah, não sei o que.” Então, é difícil. Como é que você vai fazer... por isso que eu acho, eu acho que a minha geração é que não vai mudar, sabe? Você muda o comportamento de uma ou de outra pessoa, eu acho que realmente você tem que fazer para a criançada, para a moçada que vem, que isso vai fazer parte da vida dela, ela nasceu já ouvindo isso, ela vai ser educada dentro de uma outra abordagem.

MR - Aliás, ontem estávamos conversando exatamente sobre isso. E Dilene fez uma colocação que eu achei bastante interessante. Na verdade, tratava-se de tentar caracterizar 3 grupos, 3 faixas etárias importantes na sua relação com a AIDS e na sua maneira de se proteger. Então, de acordo com Dilene e eu tendo a concordar com ela, o pessoal da faixa dos 50 anos, dos 45 para 50, esse pessoal apresenta maior resistência ao uso da camisinha.

CL - Muito mais, muito mais.

MR - O pessoal... a, a garotada, os adolescentes também apresentam uma resistência grande ao uso da camisinha. O grupo que é mais sensível ao apelo das campanhas preventivas, parece ser o grupo do adulto jovem de 30 anos...

CL - Não sei, não sei, cadê a revista da Playboy? Vamos pegar. Não sei, eu não sei, eu não saberia te dizer. Eu acho que, na medida que o cara vai envelhecendo (*tosse*) a resistência é maior. Agora, eu não sei o jovem como é que ele está. Porque, na realidade, esse dado você tem na pesquisa, você tem jovens... eu não sei se eu vou

localizar... acho que está no final... Gente, eu tenho que sair daqui 10:15 hs, hein? Pelo amor de Deus! É...

DR - Porque na pesquisa você... usa a pesquisa Ibope, que consulta as pessoas sobre o uso da camisinha.

CL - Foi uma pesquisa que nós fizemos, foi assim. Essa pesquisa, a pesquisa que subsidiou o trabalho da Playboy, tá? Então, o que eu fiz, ela não foi uma coisa assim, eu entreguei para o Ibope o Ibope se vira, não, não foi desse jeito. Eu trouxe, eu fiz questão de, primeiro ouvir a comunidade científica porque eu sei que você, quando essas pesquisas, elas são super caras e você não tem, as instituições, como eu te falei, da grana, né? Mas eu sei como as pessoas, a dificuldade que elas tem com grana e aí eu... sei lá, eu quero que a... que a pesquisa, ela não só ela seja útil pra mim, tá? Mas também... eu acho que não vou achar... não só que ela seja útil pra mim, mas que ela também espelhe as preocupações... que ela traga resposta para as preocupações da comunidade científica sobre o assunto. Então, por exemplo, antes de fazer pesquisa eu contatei um monte de gente que trabalhava na área, né? Em cima disso, eu montei um questionário, e aí conversei com o pessoal do Ibope... esse questionário foi feito e refeito trocentas vezes, o tempo inteiro com o pessoal... por exemplo, o Euclides me ajudou demais, foi a pessoa que mais me ajudou, não é? Então o tempo inteiro discutindo com a comunidade científica essa preocupação. Então ela... nessa medida... quer dizer, foi uma pesquisa feita dentro das regiões metropolitanas, onde, na prática, o que o Ibope fez foi... fazer o campo, tabular os dados, porque toda a abordagem, com todos os erros, e não sei o que, é nosso, sabe? Eu acho que não vou achar não... (*ruído de veículo*) Tinha umas coisas interessantes, vocês vão encontrar aqui. É... onde você mostra que, por exemplo, os preconceitos em relação aos preservativos, por exemplo, são preconceitos que são passados culturalmente. Então, você tem jovem que nunca transou ou sei lá, homem mesmo que nunca transou... homem que nunca usou preservativo e que vai falar que camisinha tira tesão. Ele fala: “Concordo. Como chupar bala...”, como a gente tava falando... Aí você vai ver se ele usou alguma vez na vida, ele não usou.

MR - Isso você coloca na sua matéria...

CL - Eu não lembro mais onde está.

DR - Mas o que você consegue lembrar da pesquisa é que, os jovens estariam usando mais camisinha?

CL - Ele usa um pouco mais, quer ver? Você vai encontrar todos esses dados aqui. Tem aqui, de 15 a 19 anos, nunca usou, 34%. Esses dados hoje são outra realidade, a gente supõe. 20 a 24, 32%, 25 a 29, 30%, isso pessoas que nunca usaram. A medida que você vai aumentando a idade, você aumenta... olha 30 a 39 anos você tem 33% que nunca usaram. 40 a 49 anos, tem 49% que não usaram, 50 anos ou mais tem 52%. Nunca deixa de usar, entre 15 a 19 anos 24%, é ao contrário, 20 a 24 anos, 12%, 25 a 29 anos 11%, 30 a 39, 6% e vai caindo, tá? Então, eu acho que embora os jovens seja carregado ainda de preconceito ele usa mais. Se você pegar a idade deles, lá eles procuram usar, tem todos os cruzamentos aqui que vai cruzar a questão de chupar bala com papel, você vai ver que eles tem os mesmos conceitos dos homens mais maduros, não muda, é aquela coisa que se passa culturalmente. Agora, a impressão que dá que a molecada está

usando mais do que o restante, tá. Quer dizer, não é o ideal, não acho que seja a maior parte, uma boa parte...

MR - Então, o adolescente usa mais camisinha ou tende pelo menos, a usar mais camisinha.

CL - Eu acho, eu acho que ele tende a usar mais, ele está ouvindo mais, ele está mais permeável a isso do que o cara que já foi educado de uma forma diferente. Vamos pensar na geração de 40 a 49 anos, ela cresceu no meio da liberação sexual, quer dizer, já foi uma puta guinada e depois veio uma contra, sabe.

DR - É mais difícil.

CL - É muito mais difícil...

DR - ...é uma contra guinada...

CL - Sabe? Ele foi pra cá, agora... Opa!

DR - É exigir muito...

CL - Sabe... Então, eu acho que vai por aí...

DR - Por exemplo, o pessoal de 30 anos hoje, que está em torno de 30 hoje, estava há dez anos atrás em torno de 20, entendeu? Quer dizer, já o início, né? Entre aspas, o início da sua vida sexual, da sua atividade sexual...

CL - Mas já foi marcado com aquele começo da epidemia, no começo onde você estava ligando a AIDS a só coisa de drogado, só coisa de homossexual. Sabe, o pessoal que está com 30, 30 e poucos anos é um pessoal que foi adolescente no início da epidemia, onde para ele não foi passado...

MR - Para esse público então, se faz uma matéria como a da Playboy, por exemplo. E são eles que estão adoecendo, são eles que estão mais sujeitos, atualmente, ao contágio e obviamente a um eventual desenvolvimento da doença, por isso a preocupação com uma matéria dessa natureza.

CL - Claro, claro. Porque é o seguinte, você passou... a Playboy tem (??). Então, quando eu fiz a matéria eu tentei conversar desde o moleque até o cara mais velho, conversar com cada um, com cada faixa etária. Como é que ele ia tentar me driblar, pois eu tinha que jogar xadrez, então, bom, como é que ele vai me driblar, deixa eu pensar na frente pra... sabe... o que ele vai responder? Se ele vai responder isso deixa eu já me antecipar e falar... desmontar isso antes que... ele está crente que ele vai... "Putá, peguei ela agora.", ele vai nesse ritmo. Aí, eu falo: "Dançou, meu. Eu já sabia o que você ia perguntar"... percebe? Eu raciocinei com ele assim. Então, quer dizer, essa geração que hoje tem 30, 32, 33, ela foi educada ainda... é... ela começou, ela viveu a adolescência no começo da epidemia e a coisa era completamente desvirtuada. A moçada que hoje está com 15, 16 anos, essa moçada, eu acho que vai ser uma moçada mais consciente, espero, pelo menos, espero. Porque ela tá vivenciando, sabe? Ela tá vivendo esse momento da AIDS, tá fazendo mais parte do universo de todo mundo, onde você tem

grandes shows, onde você... sabe? Onde a coisa está mais exposta, não é? De uma forma mais gritante, sei lá, acho que é assim. Ontem, por exemplo, eu estava me perguntando, essa semana eu estou usando isso daqui, eu até nem uso mas essa semana eu estava usando.

DR - O que que é isso?

CL - É o símbolo da AIDS, o brochinho da AIDS, não é? Isso aqui eu ganhei lá no Japão. Tem um no Brasil, que eu já perdi três vezes. O do Brasil não é assim o Ministério, aquela coisa assim meio antiga, que enfia aqui, eu perco toda hora...

DR - Só tem um alfinete...

CL - É, alfinete. Aí, eu ponho a bolsa aqui, quando eu vejo, já perdi. Então, por que que eu acho que é importante você exteriorizar isso? Essa...essa tua,,, eu fiquei pensando, porque eu nunca tinha parado também para pensar, pô, por que? Porque eu acho que é assim, é uma forma... quando as pessoas me vêem é uma forma de eu ajudar a desmistificar a doença, sabe? É uma forma... puta, é uma pessoa que é jornalista, que não sei que, não sei que e não sei que...

MR - Que está engajada...

CL - ... está engajada nesse negócio. Então, é uma forma de eu ajudar a discriminar, não é? Inclusive, (?) (?) (?) nem sempre mexem com AIDS, eles olham assim, ficam me olhando e a maior parte não tem coragem de perguntar, mas eles ficam meio intrigados e eu acho que é uma forma de você... de você participar. Você fala, eu vi aquela pessoa que está assim. Então, não é só aquela coisa do drogado, só não sei o que, não sei o que. Ela não sabe se eu sou ou não sou HIV positivo, eu não disse nada, entendeu? E se ela pensa se eu sou HIV positiva “Putá, mas ela é gordinha, ela não está esquelética, não tem cara...”, então você ajuda isso nos dois sentidos. (*risos*) Eu nunca pensei nessas coisas, mas de vez em quando...

DR - Conceição, ainda sobre o trabalho da Playboy, você formou ali um corpo de consultores... enfim, pra você fazer a matéria, né? Quer dizer, na hora que você pensa que pessoas procurar para te ajudar, o que que te move? Há critérios para você...

CL - Os critérios, primeiro é o seguinte, são... eu acho que uma coisa bem característica... É assim, primeiro eu fui juntando, ao longo dos anos, fontes que eu respeito, fontes que eu respeito por N razões, ou competência técnica, por ética, uma série de ingredientes que eu fui... que você vai montando, fazendo uma seleção. De vez em quando você cai inadvertidamente, uma pessoa super assim, não é todo mundo ali ajudando, não é? Ingênuo, você tem que conviver com a sociedade que está aí, mas tem algumas pessoas que estão muito mais próximas. Então, uma matéria, quando eu faço, eu tenho umas três, quatro pessoas que são, diríamos, o chamado meu escudo, que me dão a sustância. Sustância de que jeito? Que me ajudam a dar espinha dorsal para isso. Então, por exemplo, nesse caso, o Dráuzio é uma pessoa. Por quê? O Dráuzio é uma pessoa super aberta, ele vai, ele fala mesmo, ele não tem... ele faz campanha no rádio... ele vai para a rádio no FM, ele fala para jovem: “O meu, você não usa camisinha, você é um babaca...” Sabe, ele fala com o jovem a linguagem, coisa que médico não tem coragem de fazer. Então, ele tem essa audácia que eu acho muito, muito legal. Assim

como ele teve a audácia de ir pro presídio e fazer um trabalho mais de cinco anos, sei lá quanto tempo, ele ia lá quietinho, ele ia dar conferências lá pros presos e às vezes tratava, acho que trata ainda, ele vai toda semana, é uma coisa que ele faz de graça. A coisa só foi divulgada agora, mas ele faz isso, olha, há tempos. Então, sabe, são coisas que vão se somando. Então, eu sempre tenho alguém, e as coisas vão, eu faço uma triagem e começo por aquelas pessoas e elas vão se ramificando: “Ah fulano de tal...” “Tem um fulano que é legal nisso...” Então, você vai... depois, às vezes você vai”...

DR - Quer dizer, a partir dessas pessoas que são seu escudo, que você já confia...

CL - Confio, tem algumas em quem confio. Tem o Euclides, por exemplo, que é raridade, tem uma série, tem em cada área tem algumas pessoas, sabe? Quando eu tô falando em urologia, por exemplo, eu confio pra burro, no Erick, no Sidnei, que eles são assim, e olha nem sei se são pessoas que tem mesmas posições políticas do que eu, tá? É uma coisa que eu aprendi ao longo do tempo, às vezes a pessoa não tem a mesma posição política que eu, mas não é isso, ela é super decente, ela é super competente, às vezes você tem viés. No começo da minha carreira, eu falo: “Não, você vai por aquele viés mais de esquerda.” Aí, de repente você começa a descobrir que a pessoa (?), que não sei o que. Então, aí você vai amadurecendo, sabe? Cê vai,,, então, pessoas que não tem necessariamente a mesma política, a maioria das vezes, a visão que eu do mundo, mas que no trato com os pacientes elas são legais, então, tem uma série de coisas que... às vezes, você involuntariamente você escorrega, não é? Por exemplo, tem uma pessoa nessa matéria que eu entrevistei uma vez e nunca mais vou entrevistar na minha vida! Aí eu corto, também, eu corto. Outra coisa... outro critério que eu tive...E ali foi (tosse) “Não, fulana deu um trabalho, paririri...”, aí eu fui, não sei o que... aí depois é que eu fui descobrir no Japão que ela era um pouco picareta. Puta! Aí já tinha dançado. Com toda a experiência... mas também forma uma ‘thurma’ com interesses, é difícil gente, é difícil, porque às vezes as pessoas falam: “Olha, esse seu trabalho é maravilhoso!”. Ela te odeia, mas naquele momento ela está precisando alguma coisa de você e ela te passa aquilo, eu já falei... porra, veio me pichar, eu falei mas você que me indicou, como é que fica?” Desconversa... aliás, é uma característica, as pessoas não falam tudo, elas falam meio assim, deixam a porta aberta para depois voltar atrás, aqueles rolos... que o ser humano arma.

Então... e uma outra coisa é que... por exemplo, o cuidado que eu tive, nessa matéria da Playboy era o seguinte: a discussão transmissão heterossexual. Eu sabia que se eu pegasse médicos brasileiros falando de transmissão heterossexual, ia ficar o doutor não sei quem contra o Dr. não sei quem, aí peguei e falei: “Não! Vai ser foda!” Aí eu fui pro (?) e pro Reynolds do OMS. Sabe? Quer dizer, eu falei: “Não. Eu vou bater de frente, mas com o cara...”, senão fica nós com nós, também. São esses recursos que você usa pra... naquele momento eu estava dando um pau nesse médico, nesse outro médico, tá? Tava falando:”(??), olha, seu babaca...”

DR - O médico que não concorda...

CL - Que não concordava com a transmissão... Aqui no Rio, vocês tem o... como é, Carlos Alberto, né?

DR - É, Carlos Alberto...

MR - Do Gafré Guinle! É terrível.

DR - E aqui de São Paulo tem alguém....

CL - Tinha, tinha. Naquela época era o tal de Wipp. Hoje ele mudou a posi... diz que mudou a posição, não sei, mas ele disse que mudou, mas as páginas amarelas foram feitas com ele.

MR - As páginas amarelas que você fala é da Veja.

CL - Da Veja.

MR - Vamos dar uma geral numa outra coisa aqui. Como é que você está vendo atualmente, a relação das Organizações Não Governamentais com os órgãos oficiais, dos laboratórios privados, como é que eles estão, do seu ponto de vista, se relacionando no momento? E como é que a imprensa está tratando?

CL - Bom, primeiro a imprensa não está tratando.

MR - Não está tratando.

CL - Não está tratando. Primeiro a imprensa não está tratando. Eu acho assim, eu estava tendo essa discussão outro dia em Brasília, eu acho que você tem... não dá para você misturar todo mundo, tá? Eu acho que tem médicos que viajam por conta dos laboratórios que são super sérios, são rigorosos, sabe? Tem tudo, não dá para você botar todo mundo no mesmo saco, primeira coisa. Então é isso.

Agora, a relação das ONGs com os órgãos governamentais, de uma certa forma, eu acho que elas vão... as ONGs, para que ela tivesse liberdade de ação, elas não deveriam depender dos órgãos governamentais como elas estão dependendo, então...

DR - Você acha que isso compromete a ação da ONG?

CL - Eu acho, que deixar, pelo menos, no mínimo...

DR - Ser financiado, praticamente, pelo Ministério da Saúde?

CL - Eu acho que é uma coisa que complica. Eu não sei se eles agiriam de forma diferente. Primeiro eu acho o seguinte, que as ONGs, elas... é... em função do Ministério da Saúde, da grana do Ministério, as ONGs se proliferaram, isso é um fato, todo mundo criou... todo mundo, não é todo mundo, muita gente criou a sua ONG, tá? Então, se aproveitou da circunstância, virou o que a gente chama de um modo de vida. E aí, é muito complicado, como é que eu vou ter uma posição independente com um órgão que me financia? É difícil, não que não tenha, acho que o pessoal tenta ter, mas é difícil. Eu acho que fica...

Fita 5 – Lado A

CL - ... Vidda, por exemplo, tem ONG buscando outras fontes de financiamento, né? Você tem, por exemplo, a ABIA lá no Rio, eu sei que ela tem já há algum tempo buscado outras fontes de financiamento. Então, quer dizer, quando você diversi... eu acho que o que fica complicado é quando você fica com uma única fonte de financiamento, porque aí, ele é teu patrão.

MR - Hum. Hum.

CL - Tá? Então, eu acho que a forma de você minimizar isso, é você diversificar é... diversificar as chamadas fontes.

MR - Sim.

CL - É uma forma. Agora, eu acho o seguinte, é... é... por exemplo, com relação a ONG e laboratórios, eu sei que tem alguns laboratórios bancando ONGs. Por exemplo, eu quando tenho laboratório, eu sei o meu limite, eu sei onde eu vou, eu sei com quem eu estou lidando, eu sei, eu sei que eu não vou, tá? Eu sei onde eu estou pisando. Agora, eu não sei como é que as pessoas estão lidando, tá? Eu não sei. Então, por exemplo, o grupo em São Paulo que eu ajudo, houve um laboratório, uma multinacional que quis bancá-lo, quis dar grana pra eles. Aí eu falei pra essa pessoa: “Olha, é o seguinte, eu acho (?), não é? Até porque vocês estão tendo uma posição crítica em relação ao protocolo dessa indústria, como é que vocês vão receber? Isso aí está muito na cara que é um cala-boca em vocês, sabe? É se vender por muito pouco, sabe? Dois, três, quatro paus, puta, sabe? Uma merreca! Não é que teria que se vender por muito, mas se vender menos (*risos*).

MR - Não se vender, né?(*risos*)

CL - Aí eu falei pra ele, a pessoa me perguntou:” Puta! Mas, mas nós tamos fudidos. Nós estamos não sei o que...” Eu falei: “Olha, dá um jeito, meu! Mas receber de um laboratório... vai ser o seguinte, eles vão ligar para você e dizer ‘Ó, cala a boca! Nós estamos pagando vocês’”. Eu falei: “Olha, é o seguinte, no dia que vocês começarem a receber a grana do laboratório...” porque é o seguinte. Vamos pegar o meu livro, o meu livro, ele tem uma parte, o livro de hipertensão, teve (??), Sociedade Interamericana de Hipertensão, a Roche faz uma parte da tiragem e foi unicamente isso. Em nenhum momento eles ficaram sabendo como é que era o conteúdo, como é que era, como é que não era, porque eu não deixo. Agora, eu sei como eu estou lidando, tá? Eu sei como eu tô lidando. Teve uma coisa, inclusive, uma pessoa, falou assim:”Ah!! Então, se fulano não der patrocínio a gente tira isso do coisa...” Eu falei:”O quê!?” “Não tira aquela parte...”, enfim, isso não dá gente. Informação não tem negociação. Então eu falei pra essa pessoa dessa ONG, eu falei:”Olha, vocês tão... nesse momento o protocolo de inibidora de protease é um protocolo super importante, está sendo feito aqui. Então se vocês começarem a levar grana dele com que moral vocês vão criticar alguma coisa deles? Nenhuma. Nenhuma.” Eu falei mais: “Se vocês aceitarem receber grana dele, considerando a delicadeza desse momento eu não vou fazer matéria para vocês. Eu não vou me sentir legal”. Assim, como por exemplo, se você olhar o nome no expediente, eu não sou, eu faço questão de não ir no nome do expediente, o nome vai na minha matéria. Porque eu falo assim, eu não misturo, porque um boletim, é um boletim de tratamento mas é um boletim de ativismo também. Então, é o tal negócio, ali eu estou como jornalista, então, eu não misturo. Não misturo, de jeito nenhum.

DR - Essa é uma ONG que você faz o trabalho de graça.

CL - É. Pela Vidda em São Paulo. Então, eles foram, os caras tentaram, tentaram seduzi-los, porque os caras sabem que as ONGs estão ferradas, não é? E, quer dizer, felizmente, elas acabaram arrumando grana, mas os caras tentaram seduzi-los. Então,

eles sabem que os caras estão matando cachorro a grito, eles sabem que as pessoas acabam cedendo, porque falta grana, então aí...

DR - E o dinheiro do Ministério está acabando, já teve bem mais recursos prá isso, né?

CL - Quer dizer, na verdade você tem que buscar, não adianta, tem que arranjar formas de viabilizar, quer dizer, não adianta ter um monte de ONG, sabe? Não adianta, porque, você dispersa recursos, você dispersa... Por exemplo, eu agora, tem uns 15 dias, eu vou participar desse congresso de prevenção de DST e AIDS, lá em Salvador. Eu faço parte desse comitê científico, então teve análise dos trabalhos que foram mandados. Alguns trabalhos que foram mandados, financiados eu não sei por quem, enfim, a maior parte foi financiado, você não conseguia, uma parte você não conseguia ler. Então, eu me pergunto por quê?...

DR - Por quê?

CL - Ah, muito ruim, muito ruins. Alguns os caras não sabiam colocar a coisa no papel, que é uma dificuldade, mas alguns você percebia que não tinha nada.

MR - Não tinha conteúdo mesmo.

CL - Não tinha conteúdo. Então, eu acho, não adianta, você tem que ter um órgão governamental ajudando, enfim, mas tem que fazer uma triagem nisso. Não é aquela coisa paternalista, porque não é legal, não é legal para o próprio pessoal, quer dizer, você insensar uma coisa que não merece ser insensada. Então, de repente, a grana que foi jogada numa ONG que está fazendo um trabalho ruim, poderia ter sido jogado numa ONG que está fazendo um puta de um trabalho. Sabe, então, não tem critérios muito... sei lá, tem que ser muito... tem uma coisa, que as coisas tem que ser muito justa, que é uma coisa que eu me preocupo muito, uma coisa que eu me preocupo é não ser injusta. Tanto é que eu falei isso lá.

DR - Mas você acha justo mesmo na avaliação, no julgamento de uma proposta de financiamento de uma ONG, o que pesa mais, o que vale mais é o critério da justiça? Em relação ao trabalho que a ONG esteja desenvolvendo... quer dizer, não teria aspectos políticos, em suma, outros interesses...

CL - Ah! Tem, tem, mas aí que eu acho que deveria...

DR - ...que informam o julgamento de um proposta de ONG?

CL - Eu acho que tem, eu acho que tem. De novo, quer dizer, você está lidando... o que eu analisei com o grupo foram os trabalhos que foram mandados. São os resultados, né? De trabalhos que estão sendo feitos. Eu não sei dali... é aquele negócio, eu não vivo daquilo ali, eu não sei, eu não conheço as pessoas, eu não conheço as ONGs. Eu conheço uma ou outra pessoa, quer dizer, eu não sou militante, não sou, então, eu não sei. Agora, que eu acho que essas injunções políticas elas interferem, elas interferem... Agora, eu acho que na verdade, eu acho que o critério deveria ser pela qualidade do projeto, qualidade e pela possibilidade de execução. Se você tem estrutura para executar aquilo, porque não adianta você só ter projeto que...

DR - Não é viável.

CL - Não é viável. Considerando que você vive num país com pouco recurso. Isso é que é o X da questão.

MR - Bom, vamos voltar um pouquinho à questão das campanhas de prevenção.

Lado B sem gravação
ESTA FITA NÃO FOI INTEGRALMENTE GRAVADA